IX 9Marcas

Por que Confiar na Bíblia?



Greg Gilbert

Por que Confiar na Bíblia?



Greg Gilbert

FIEL Editora

Por que confiar na Bíblia?
Traduzido do original em inglês
Why Trust the Bible?
Copyright © 2015 por Gregory D. Gilbert

■

Publicado por Crossway Books
Um ministério de publicações de Good News Publishers
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois, 60187, USA

Esta edição foi publicado através de um acordo com Good News Publishers
Copyright © 2016 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2016

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Elizabeth Gomes
Revisão: Shirley Lima - Papiros Soluções Textuais
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-436-4

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

G464 Gilbert, Greg, 1977-

Por que confiar na Bíblia? / Greg Gilbert ; [tradução: Elizabeth Gomes]. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2016.

Tradução de: Why trust the Bible?
ISBN 978-85-8132-436-4

1. Bíblia – Evidências, autoridade etc.. I. Título.

CDD: 220.1



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Apresentação da Série

1 — Não acredite em tudo o que lê

2 — Perdido na tradução?

3 — Cópias de cópias de cópias de cópias?

4 — Estes realmente são os livros que você procura?

5 — Mas eu posso confiar em você?

6 — Então, isso aconteceu mesmo?

7 — Tome-a como a palavra de um homem que ressuscitou

Uma palavra final: A próxima pergunta

Apêndice: Recursos para um exame mais profundo

Apresentação da Série

A série de livros Nove Marcas se fundamenta em duas ideias básicas.

A primeira é que a igreja local é muito mais importante à vida cristã do que muitos cristãos hoje imaginam. No ministério Nove Marcas, cremos que um cristão saudável é um membro de igreja saudável.

A segunda é que igrejas locais crescem em vida e vitalidade quando organizam sua vida ao redor da Palavra de Deus. Deus fala. As igrejas devem ouvir e seguir. É simples assim. Quando uma igreja ouve e segue, começa a parecer com aquele que ela está seguindo. Reflete o amor e a santidade de Deus e demonstra a sua glória. Essa igreja parecerá com ele à medida que o ouve.

Com base nisso, o leitor pode observar que todos os livros da série Nove Marcas, resultantes do livro *Nove marcas de uma igreja saudável* (Editora Fiel), escrito por Mark Dever, começam com a Bíblia:

- Pregação Expositiva ;
- Teologia Bíblica;
- O evangelho;
- Um Entendimento Bíblico da Conversão;
- Um Entendimento Bíblico da Evangelização;
- Um Entendimento Bíblico de Membresia na Igreja;
- Disciplina Bíblica na Igreja;
- Interesse pelo Discipulado e Crescimento;
- Liderança Bíblica na Igreja.

Poderíamos falar mais sobre o que as igrejas deveriam fazer para serem saudáveis, como, por exemplo, orar. Mas essas nove práticas são, conforme pensamos, as mais ignoradas em nossos dias (o que não acontece com a

oração). Portanto, nossa mensagem básica às igrejas é esta: não atentem às práticas que produzem mais resultados, nem aos estilos mais recentes. Olhem para Deus. Comecem por ouvir a Palavra de Deus novamente.

Um fruto desse projeto abrangente é a série de livros Nove Marcas. Esses livros têm o objetivo de examinar as nove marcas mais detalhadamente, por ângulos distintos. Alguns dos livros têm como alvo os pastores. O alvo de outros são os membros de igreja. Esperamos que todos os livros da série combinem análise bíblica cuidadosa, reflexão teológica, consideração cultural, aplicação corporativa e um pouco de exortação individual. Os melhores livros cristãos são sempre teológicos e práticos.

Nossa oração é que Deus use este livros, e os outros da série, para nos ajudar a preparar sua noiva, a igreja, com beleza e esplendor para o dia da vinda de Cristo.

Capítulo 1

NÃO ACREDITE EM TUDO O QUE LÊ

Não acredite em tudo o que você lê. Todo mundo sabe disso.

Especialmente em nossa era de Internet, só uma pessoa mal orientada assume como verdade absoluta tudo o que lê. De jornais e revistas a tabloides e noticiários na rede, tudo a apenas um clique de "notícias" e serviços, uma das mais valiosas habilidades que desenvolvemos é reconhecer a diferença entre fato e ficção, entre o que é verdade e o que é fabricado. Não queremos ser enganados, e temos *razão* para desejar que seja assim.

Em minha família, minha esposa e eu estamos tentando ensinar a nossos filhos exatamente isto: a capacidade de ler e ouvir com cuidado, de não aceitar tudo o que lemos ou ouvimos, pondo sempre tudo à prova para verificar se é confiável. Até mesmo com nossa filha de cinco anos estamos trabalhando a fim de ajudá-la a reconhecer a diferença entre o que é real e aquilo que é "só história". E ela já está bem treinada nisso:

- George Washington foi o primeiro presidente dos Estados Unidos. "Isso é verdade, pai."
- O tio Matt conseguiu um emprego novo e se mudou para uma cidade diferente. "Também está certo, papai."
- O Batman correu atrás do Coringa e o prendeu. "Não, isso é só uma história."

- Elsa construiu um castelo de gelo com seus poderes especiais de congelar o ar rarefeito. “Só uma história.”
- Super-homem voou? “História.”
- Muito tempo atrás, numa galáxia bem longe daqui... “História!”

Mas, então, imagine que eu lance um desafio inesperado para ela: “Um homem chamado Jesus nasceu de uma virgem há cerca de dois mil anos, dizia ser Deus, fez muitos milagres, como andar sobre as águas e ressuscitar pessoas que estavam mortas, foi crucificado numa cruz romana e ressuscitou da morte, subindo aos céus, de onde, hoje, reina como Rei do Universo”.

Como você supõe que ela responderá a esse desafio? “Humm, verdadeiro?”

Se você é cristão, tenho certeza de que responderia com muita convicção: “Isso é verdade”. Mas sejamos sinceros. A maioria das pessoas em nossa cultura considera muito estranho que pessoas normais e aparentemente bem-ajustadas levem essa história a sério. Se elas tivessem a oportunidade, provavelmente sorririam de forma polida e retrucariam: “Está certo, mas não faria mais sentido – para não falar que seria *menos absurdo* – se todo mundo admitisse que essas histórias fantásticas sobre Jesus são somente isso, apenas histórias? Não é irracional levar a sério esses contos, acreditar que são *reais*?”.

Em minha experiência como cristão e pastor, observo quão seguramente as pessoas cristãs parecem confiar na Bíblia. Elas acreditam na Bíblia, fundamentam suas vidas nesse livro sagrado e procuram obedecer aos ensinamentos ali contidos. Quando veem algo que desafia suas crenças ou seu comportamento, ainda assim, tentam-se submeter à Bíblia. Em suma, essas pessoas permitem que a Bíblia funcione como fundamento para sua vida e para sua fé. No entanto, apesar de todos esses sinais de esperança, minha experiência também diz que um bom número de cristãos realmente não consegue explicar *por que* confia na Bíblia. Eles simplesmente confiam.

Ah, eles dão muitas razões para isso. Algumas vezes, afirmam que o Espírito Santo os convenceu disso. Outras, sugerem que a melhor evidência para a verdade da Bíblia é a obra que produz em suas vidas ou que

simplesmente a Escritura "soa como verdade". Alguns ainda apontam para dados arqueológicos corroborando relatos contidos na Bíblia. Outros, quando pressionados, erguem as mãos e dizem: "Bem, você tem de aceitar isso com base na fé".

Observe que, à sua maneira, todos esses pontos representam razões legítimas para os cristãos confiarem na Bíblia, porém, por mais que queiramos dizer mais coisas sobre o assunto, nenhuma dessas respostas apontadas irá muito longe para convencer uma pessoa que ainda *não* confia na Bíblia a *começar* a confiar. Muito pelo contrário, quando um cristão replica contestações à Bíblia com uma resposta do tipo: "Você simplesmente tem de aceitar com base na fé", o interlocutor provavelmente ouvirá isso como mais uma confirmação de todas as suas dúvidas e sairá declarando vitória. "Ah", pensa, "então veja o ponto a que chegamos. Na verdade, você não tem nenhuma razão para acreditar na Bíblia. Você apenas... acredita. Por causa da fé".

Então, se você é cristão, permita-me expor a questão em termos claros: Por que você confia na Bíblia? Como explicaria a alguém que não acredita nela o *porquê* de você confiar? Até o final deste livro, espero que você tenha condições de dar uma resposta a essa pergunta, não somente uma resposta que o faça sentir-se bem enquanto seu interlocutor está certo de que venceu a discussão, mas uma resposta que convença o outro de que precisa refletir um pouco mais sobre a questão. O apóstolo Pedro escreveu que, como cristãos, devemos estar "sempre preparados para responder a qualquer pessoa" que nos questionar quanto à esperança que há em nós. Em nossos dias, essa defesa tem de ir até a primeira pergunta, porque, muito antes de chegarmos a questões como *Quem é Jesus*? ou *O que é o Evangelho?*, outra questão atormenta muitas pessoas a nosso redor, a pergunta que vão querer fazer, mas (se forem honestos) duvidarão de que seremos capazes de responder: *Em primeiro lugar, por que você confia na Bíblia?*

Tartarugas de cima a baixo[1]

Antes de prosseguir, permita-me admitir, de pronto, algo que provavelmente não o surpreenderá. Sou cristão, crente totalmente convicto, uma pessoa séria, que segue à risca os ensinamentos de minha mãe, e procuro sempre olhar tudo à volta com muito cuidado. Eu creio na Bíblia como verdade; eu creio que o mar Vermelho se abriu totalmente; eu creio que os muros de Jericó caíram e que Jesus andou sobre as águas e curou algumas pessoas, expulsando seus demônios. Creio que Deus inundou o mundo e salvou Noé; creio que Jonas foi engolido por um gigantesco peixe e creio que Jesus nasceu de uma virgem. Acima de tudo, creio que Jesus morreu e depois ressurgiu dos mortos – não apenas no sentido espiritual ou metafórico, mas corporalmente, historicamente, *de verdade*. Eu creio em tudo isso.

Com efeito, não adianta fingir que foi de outro jeito. A principal razão pela qual creio que a Bíblia é verdade é exatamente a mesma que me leva a crer que Jesus ressuscitou da morte. Ora, independentemente de você concordar comigo ou não no que diz respeito à ressurreição, o fato é que provavelmente consegue ver por que crer na ressurreição me conduz a confiar na Bíblia de forma rápida e segura. Se Jesus realmente ressuscitou, então a única conclusão possível e intelectualmente honesta a que podemos chegar é que realmente ele é quem diz ser. Se Jesus realmente se levantou do túmulo, como diz a Bíblia, então ele, de fato, é o Filho de Deus, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, o Caminho, a Verdade, a Vida e a Sabedoria de Deus, exatamente como afirmou ser. Se *isso* for verdade, então faz sentido (não é mesmo?) que provavelmente ele saiba do que está falando e, portanto, devemos ouvi-lo.

Uma coisa que transcende qualquer dúvida razoável é que Jesus acreditava na Bíblia. Quando se fala no Antigo Testamento, esse ponto está muito claro; repetidas vezes, no seu ensino, Jesus autenticou e endossou a Bíblia como a Palavra de Deus. Quanto ao Novo Testamento, embora tenha sido escrito anos mais tarde, também repousa sobre a autoridade do próprio Jesus, e os primeiros cristãos sabiam bem disso. De fato, os dois principais critérios que

eles adotavam para reconhecer os livros que tinham autoridade eram: (1) que esses documentos tivessem sido autorizados por um dos apóstolos de Jesus e (2) que concordassem, em todos os detalhes, com os ensinamentos do próprio Jesus. Mais adiante, esse tópico será aprofundado, mas, em linhas gerais, está bastante claro. Quando você conclui que Jesus ressuscitou, a verdade e a autoridade da Bíblia seguem rápida, natural e poderosamente.

Ora, eu sei que essa é uma proposta rápida e impressionante, mas aqui fica a pergunta: Exatamente como você deve começar? Em outras palavras, em primeiro lugar, como se chega ao ponto de crer que Jesus realmente ressuscitou da morte? Quer dizer, não se pode dizer apenas que a crença na ressurreição decorre do fato de a Bíblia dizer que aconteceu e que você acredita no que a Bíblia diz porque Jesus ressuscitou da morte e você crê que Jesus ressuscitou porque acredita na Bíblia, e acredita na Bíblia porque... Provavelmente você já entendeu a questão, não é mesmo? Toda essa coisa seria impossível e ridiculamente circular. Faz-me lembrar do menino cuja professora perguntou por que o mundo não cai no espaço. "Porque está sentado nas costas de uma tartaruga", responde o menino. "E por que a tartaruga não cai?", indaga a professora. "Porque está de pé nas costas de outra tartaruga", insiste o menino. "Então, por que aquela tartaruga não cai?", pressiona a professora. "Bem", responde, pensativo, o menino: "É óbvio que existem tartarugas com o casco pra baixo!".

Antes de prosseguir, temos de reconhecer que, de uma forma ou de outra, são tartarugas de cima a baixo para todos nós, não importa o que você assume como autoridade final para o conhecimento. Assim, essa questão afeta qualquer pessoa, e não apenas os cristãos. Se você perguntar a um racionalista por que confia na razão, ele dirá: "Porque é razoável". Se perguntar a um lógico por que confia na lógica, ele responderá: "Porque isso é lógico". Se perguntar a um tradicionalista por que confia na tradição, ele lhe dirá: "Porque todo mundo sempre confiou na tradição". Em todos esses casos, ficamos querendo uma resposta melhor; ou seja, antes de tudo, por que se

acredita na razão, na lógica ou na tradição? Alguns defendem que a razão é mais confiável do que as explicações espirituais porque você pode ver e tocar as evidências que suportam várias de suas reivindicações. Mas até mesmo esse argumento repousa em certas pressuposições sobre que tipo de evidência é ou não legítima, ou seja, o que seria razoável ou não. Entende? De um modo ou de outro, todos nós sempre acabamos com tartarugas de cima a baixo. Na verdade, eu creio que essa provavelmente é uma maneira de Deus nos lembrar que somos finitos – escrito lá no fundo da lógica do que significa ser humano, há um inescapável lembrete de que não conseguimos entender todas as coisas.

De qualquer forma, isso não significa que devemos desistir da esperança de conhecer todas as coisas. Ainda que seja verdade num sentido filosófico, epistemológico, que, em última instância, temos de nos apoiar em um pensamento circular, isso não quer dizer que não possamos chegar a algumas conclusões confiáveis quanto à natureza da realidade. Certamente, alguns filósofos exageradamente zelosos levantam as mãos e dizem: "Bem, então é isso! Não dá para saber nada sobre nada!". Mas essa linha de raciocínio tende a nos lançar numa cela de prisão solitária epistemológica (não é possível conhecer nada nem ninguém) que pouquíssimos de nós consideram convidativa ou necessária. Assim, a maioria simplesmente começa por algumas presuposições – por exemplo, a razão é razoável, a lógica tem lógica, nossos sentidos são confiáveis, o mundo e nós mesmos realmente existimos e não somos apenas "cérebros em um recipiente" – e, então, prossegue, a partir dessas pressuposições, para conclusões confiáveis a nosso próprio respeito, a respeito da história, sobre o mundo ao nosso redor e sobre toda e qualquer espécie de coisas.

Mas espere um pouco. O fato de que necessariamente temos de pressupor *algumas coisas* não significa que possamos pressupor tudo aquilo que quisermos. Por exemplo, não se pode simplesmente pressupor que você é o presidente dos Estados Unidos e trabalhar a partir disso. Nem que você é um deus e que, portanto, tudo aquilo em que acredita é verdade. Nem poderá

pressupor que a última edição da revista de notícias mais popular é a Palavra de Deus e que, portanto, ela lhe dá um retrato fiel da realidade. Essas coisas seriam pressuposições completamente injustificadas, e as pessoas zombariam de você por acreditar nelas – talvez até mesmo venham a confiná-lo em um manicômio! Eis a questão: muitas pessoas diriam que isso é exatamente o que os cristãos têm feito em relação à Bíblia. Sem dúvida, sem nenhuma boa razão, simplesmente partimos da premissa de que a Bíblia é a Palavra de Deus e que, portanto, tudo o que diz é verdade, inclusive que Jesus ressuscitou dos mortos.

Mas o que dizer se o erro alegado não for assim tão flagrante? E se houver um caminho que leve à boa e confiável conclusão de que Jesus realmente ressuscitou, *sem propor simplesmente que a Bíblia seja a Palavra de Deus*? Se pudéssemos fazer isso, evitaríamos a acusação de circularidade descabida. Poderíamos dizer que, *mesmo antes de concluir que a Bíblia é a Palavra de Deus*, chegamos à conclusão inequívoca de que Jesus de fato ressuscitou dos mortos e que, então, com base nessa conclusão inequívoca, seguimos aceitando a Bíblia como a Palavra de Deus. Essa espécie de crença diferiria de forma significativa de outra que apenas dependesse de um "salto de fé". Não apenas poderia ser defendida contra as objeções dos céticos, como também desafiaria os céticos em sua incredulidade. Seria, conforme Pedro escreveu, uma formidável "razão da esperança que há em vós [nós]" (1 Pe 3.15).

Cristianismo como História

A questão, claro, é se realmente existe um modo de fazer isso. Chegando ao cerne da questão, penso que há, e penso que é *fazendo história*. Em outras palavras, vamos abordar os documentos que compõem o Novo Testamento não *partindo* da premissa de ser a Palavra de Deus, mas apenas como um documento histórico. Em seguida, com base nisso, vamos ver se é possível chegarmos à conclusão segura de que Jesus ressuscitou, de modo que mesmo alguém que não seja cristão não faria objeção a isso. Afinal de contas,

aproximarmo-nos do Novo Testamento simplesmente como uma coleção de documentos históricos não envolve nenhum pleito especial, nenhuma condição especial, nenhuma alegação específica sobre a verdade. Deixemos que elas falem por si mesmas, como se fosse um "tribunal de opiniões históricas".

Além disso, aproximar-se do Novo Testamento como um documento histórico não deve levantar nenhuma objeção específica entre os cristãos. Afinal, não é como se isso se tratasse de *algo diferente* do que realmente é. Os próprios documentos do Novo Testamento se afirmam históricos; seus autores tinham a intenção de que fossem históricos. Tome, por exemplo, Lucas, que começou seu Evangelho dizendo que procurava dar ao leitor "um relato ordenado" do que a vida e o ensino de Jesus diziam (Lucas 1.3). Qualquer que seja a forma de segmentar isso, certamente ele estava escrevendo algo histórico. É claro que o método de escrever história no mundo antigo era diferente de nosso próprio método de se fazerem as coisas, mas, basicamente, a ideia era a mesma: os autores escreviam relatos de eventos que acreditavam haver realmente acontecido. Considerando que Lucas e os outros autores estavam fazendo esse tipo de trabalho, certamente não há nada errado ou impróprio quanto a deixar seus livros, e os demais, se "levantarem" e falarem o que diziam o tempo todo.

Até mesmo porque, de forma mais singular ainda do que as outras religiões do mundo, o cristianismo se apresenta como *história*. Não se trata apenas de uma lista de ensinamentos éticos ou de um conjunto de reflexões filosóficas ou de "verdades" místicas, nem mesmo de um compêndio de mitos e fábulas. Em seu cerne, o cristianismo é uma declaração de que algo extraordinário aconteceu no decurso do tempo – algo concreto, real e *histórico*.

Uma corrente de confiabilidade

Mesmo que isso seja verdade, porém, surge outra questão, à qual dedicaremos a maior parte deste livro tentando responder: "Os documentos do Novo

Testamento – e especificamente, para nossos propósitos, os quatro Evangelhos – são verdadeiramente *confiáveis* como testemunhos históricos? Em outras palavras, é possível confiarmos que eles nos dão informações boas, seguras, no que diz respeito aos acontecimentos da vida de Jesus, especialmente quanto à sua ressurreição, de modo que possamos afirmar: "Sim, eu estou bastante confiante de que isso realmente aconteceu"? De minha parte, creio que podemos confiar nos documentos do Novo Testamento, mas chegar a essa conclusão dá um pouco de trabalho, exatamente porque, como ocorre com qualquer documento histórico, é possível levantar questões em muitos pontos distintos quanto à sua confiabilidade.

Para entender o que digo com isso, acompanhe meu raciocínio. Se você estiver lendo, por exemplo, o Evangelho de Mateus sobre qualquer acontecimento específico na vida de Jesus, pode contar que pelo menos três pessoas diferentes puseram a mão nesse relato bíblico que você está lendo, pessoas que, portanto, o afetaram de alguma forma. Primeiro, e mais óbvio, o relato tem origem no autor que o escreveu. Segundo, pelo menos uma pessoa – provavelmente até mais – copiou o escrito original e o transmitiu, como se diz, através dos séculos, até chegar às nossas mãos. Terceiro, alguém (ou algum comitê) traduziu essa cópia da língua original para a língua nativa que você usa. A cada passo nesse processo, surgem questões que suportam, de modo significativo, o fato de confiarmos na história que estamos lendo, no sentido de ela oferecer um relato verídico do que realmente aconteceu. Assim, retrocedendo um pouco, a partir de você mesmo até o próprio evento, acabará tendo uma série de cinco grandes perguntas:

1. É possível confiarmos que a tradução da Bíblia, a partir de sua língua original para a nossa língua, reflete com precisão o original, ou ela estaria dizendo coisas que a língua original jamais disse?
2. É possível confiarmos que os copistas transmitiram, de forma correta, o escrito original até nós, ou eles (deliberadamente ou não) acrescentaram,

subtraíram ou alteraram tanto as coisas que o que temos não é mais aquilo que foi originalmente escrito?

3. É possível confiarmos que estamos vendo o conjunto correto de livros, e que não perdemos ou ignoramos outro conjunto de livros com uma perspectiva diferente –mas igualmente confiável e plausível – sobre Jesus? Ou seja, podemos estar confiantes de que estamos certos ao olhar *estes livros*, em oposição a outros?
4. Estamos seguros de que os autores originais seriam, eles mesmos, confiáveis? Ou seja, será que realmente tinham a intenção de nos dar um relato acertado dos eventos, ou eles teriam algum outro objetivo, como, por exemplo, escrever ficção ou mesmo enganar?
5. Finalmente, se pudermos acreditar que os autores tiveram, de fato, a intenção de fazer um relato acurado dos acontecimentos, teremos confiança de que o que eles descreveram realmente ocorreu? Em outras palavras, podemos ter certeza de que o que escreveram realmente é verdade? Ou há razões melhores para acreditar que, de algum modo, eles estavam enganados?

Consegue perceber? Se pudermos responder a cada uma dessas questões – tradução? transmissão? estes livros? confiáveis? verdadeiros? – com um firme "Certo!", teremos uma corrente bastante sólida de confiabilidade a partir de nós para os acontecimentos em foco. Então, poderemos afirmar, com toda segurança, que

1. Contamos com boas traduções dos manuscritos bíblicos;
2. Esses manuscritos são cópias fiéis do que foi originalmente escrito;
3. Os livros para os quais estamos olhando são, indiscutivelmente, os corretos e os melhores para examinarmos;
4. Os autores desses documentos realmente tinham a intenção de nos dizer o que aconteceu;

5. Não existe *uma boa razão para acreditar que eles estivessem enganados* naquilo que disseram e documentaram.[2]

Qualquer que seja seu modo de olhar para essas questões, tais assertivas estabeleceriam um fundamento bastante sólido para acreditarmos que realmente podemos aceitar a Bíblia como algo historicamente confiável. E, se pudermos fazer isso, segue o que creio ser verdadeiro e histórico quanto a outro evento na história que realmente aconteceu: creio que Jesus ressurgiu da morte.

Alguns pensamentos importantes

Ora, permita-me assinalar mais três pontos antes de tentar edificar essa espécie de caso histórico.

Primeiro, tenha em mente que não estamos buscando o que poderíamos chamar de *certeza matemática*. Essa espécie de certeza lógica só é possível na matemática e, às vezes, na ciência, mas *nunca* quando se lida com a história. Em qualquer evento histórico, alguém, em algum lugar, sempre será capaz de inventar uma alternativa ao relato aceito que tem pelo menos uma chance de corresponder ao que de fato ocorreu. "Talvez César não tenha atravessado o rio Rubicão", alguém poderá dizer. "Talvez um de seus generais se tenha *vestido* como César, conseguindo enganar a todos. Sim, sim, eu sei que não existe uma boa razão para pensar assim, mas isso é, ainda que *remotamente*, possível, e, portanto, você não pode ter certeza de que César de fato atravessou o Rubicão." Está bem, mas deixe de besteira e vamos lá! Se objeções desse tipo fossem suficientes para nos impedir de chegar a sólidas conclusões quanto à história, nunca teríamos confiança em qualquer conhecimento relativo ao passado. Graças a Deus, porém, não estamos em busca de certeza matemática, mas de *confiança histórica*. Não queremos chegar a dizer "É uma certeza matemática e lógica que César atravessou o Rubicão", mas tão somente "Algumas pessoas realmente relataram que César atravessou

o Rubicão. Acreditamos que eles tinham a intenção de relatar o que realmente aconteceu (e não enganar ou criar mitos), e não existe uma boa razão para acharmos que eles estivessem errados nesse relato. Portanto, podemos estar historicamente confiantes de que César realmente atravessou o rio Rubicão". É essa espécie de "certeza" que buscamos na história, e exigir qualquer coisa a mais significa exigir algo do estudo histórico que ele jamais conseguirá entregar.

Segundo, tenha em mente que a *confiança histórica* provê base suficiente para a *ação*. Esporadicamente, tenho encontrado pessoas que asseveram que não agirão com base em algo sem que, primeiro, tenham experimentado aquilo. Se elas não viram nem experimentaram determinada coisa, afirmam que têm dúvidas em excesso para aceitá-la por completo. À primeira vista, isso parece ter um brilho de respeitabilidade intelectual; parece produto de cuidado e de muito pensar. Mas olhe mais um pouco e verá que ninguém mais vive dessa maneira, não *de verdade*. O fato é que todos nós depositamos nossa confiança – *e agimos com base* – em coisas sobre as quais nós mesmos não temos conhecimento ou experiência direta durante todo o tempo.

Pense nisto. Eu não estava presente quando a Constituição dos Estados Unidos foi ratificada, mas, como americano, vivo na confiança de que de fato *isso aconteceu*, e também ajo com base nessa confiança. Não deixo de votar por não ter *certeza matemática* de que realmente vivo sob uma Constituição ratificada dos Estados Unidos.

Aqui temos outro exemplo ainda mais próximo de nossa família: quando se analisa a fundo, eu não tenho conhecimento direto de que meus pais sejam realmente meus pais; pessoalmente, não me lembro de quando nasci; nunca fizemos um teste de DNA, e sempre é *possível* que algum erro tenha sido cometido e que minha certidão de nascimento tenha sido forjada! Bem, na verdade, isso é pouco provável, mas, por outro lado, toda a evidência que tenho aponta para o fato de que meus pais realmente são meus pais e, assim, vivo e *ajo* o tempo todo com a confiança de que são.

É essa espécie de confiança que a história pode dar-nos, e é a espécie de confiança a que espero chegar ao pensarmos juntos nas páginas deste livro – uma confiança histórica que nos permite e até mesmo nos compele a dizer: "Sim, eu acho que a ressurreição de Jesus de fato aconteceu. Não tenho nenhuma explicação melhor para esses fatos. E agora vou me comportar de acordo com essa confiança".

Mais uma coisa: não perca de vista que este livro não tem a intenção de ser um livro acadêmico. Não considera toda variação possível de todo e qualquer argumento, e não oferece todos os exemplos ou possíveis contraexemplos. Por essa razão, espero que você não o compare aos muitos livros extraordinários que alguns cristãos têm escrito sobre esses tópicos ao longo dos anos. Se você colocar este livro ao lado daqueles, verá que não é tão completo quanto os outros, nem tão detalhado, tampouco tão volumoso. Tem como alvo simplesmente apresentar-lhe uma visão panorâmica dos argumentos e das considerações que me convenceram – assim como convenceram muitos outros no decorrer dos anos – acerca da veracidade da Bíblia.

Mais um aspecto. Ao manter o argumento em nível de sobrevoo, você notará que enfoquei particularmente, neste livro, o Novo Testamento – e, dentro do Novo Testamento, especificamente os quatro evangelhos. Isso significa que não vou tratar de cada nuance do texto, transmissão e cânone que surjam em discussões quanto ao Antigo Testamento, nem mesmo no que diz respeito a cada livro do Novo Testamento. Então, você indaga: Mas este livro não é a respeito da Bíblia *toda*? Sim. Porém, tenha em mente que examinar as evidências no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, quanto às cinco provas citadas nos proporcionará também uma boa noção das questões e evidências históricas envolvidas nas discussões de todos os demais livros. Ainda mais importante: lembre-se de que nosso alvo, no fim das contas, é a confiança histórica de que Jesus ressuscitou dos mortos. Se pudermos chegar a isso, então chegaremos a uma razão consistente para confiar na fidedignidade do Antigo Testamento também. Então, como

chegaremos à confiança histórica de que Jesus ressuscitou? Ao determinar se os Evangelhos, em especial, são testemunhos historicamente confiáveis. Essa é a nossa meta.

Assim, novamente, enquanto outros livros discutem os mínimos detalhes, em cada passo, de todas as questões envolvidas com a confiabilidade da Bíblia, este livro apresenta uma visão geral do caso que me convenceu, assim como também convenceu a outras incontáveis pessoas, acerca da veracidade contida na Bíblia – um caso cuja pedra angular é a ressurreição de Jesus. Se esse caso lhe servir de auxílio e, em algum grau, convencê-lo, eu me alegrarei. Se não o convencer, eu o encorajo a continuar a ler outros livros maiores e mais detalhados sobre o assunto (veja o Apêndice).

Um primeiro passo

Se você está lendo este livro e não é crente em Jesus, antes de tudo quero agradecer por tê-lo escolhido e lido até aqui. Se não encontrar nada mais relevante, espero, ao menos, que encontre algumas coisas aqui que o desafiarão a pensar mais a respeito dos cristãos, do cristianismo, da Bíblia e, finalmente, de Jesus, de uma forma talvez bem diferente do que vem pensando até então. Espero que passe a reconhecer que nós, cristãos, não cremos no que cremos sem razão. Talvez você não tenha aceitado a proposta que faço aqui, mas espero que, pelo menos, possa dizer que é possível haver mais coisas na fé cristã do que você imaginava. Por outro lado, talvez até você possa dizer mais que isso. Talvez chegue à conclusão de que realmente *pode* confiar na Bíblia. Se for esse o caso, estará tendo uma experiência realmente maravilhosa, porque poderá voltar-se com fé para pensar naquilo de que realmente a Bíblia trata: Jesus, o Cristo, e tudo o que ele dizia ser.

Por outro lado, se você já é cristão, espero que este livro o ajude a entender melhor *por que* deve confiar na Bíblia para, então, capacitá-lo a falar sobre isso, a defendê-la contra as objeções de pessoas que não confiam nela. O fato é que, no final, a despeito do que muitas vezes o mundo nos acusa, o

cristianismo não requer que as pessoas deem um "salto de fé" irracional que lhes permita acreditar em coisas absurdas sem evidências.

Pelo contrário, nosso *verdadeiro* "salto de fé" consiste em confiar em Jesus para nos salvar dos pecados, precisamente porque ele é eminente e solidamente confiável.

E como sabemos disso?

Bem, porque a Bíblia assim nos diz.

Não é mesmo?

---

1. No original, "Turtles all the way down". Trata-se de uma expressão jocosa empregada para indicar um problema logico de regresso ao infinito. (N. do E.)

2. Essa linha de pensamento em particular é expansão de uma abordagem que aprendi com Mark Dever, pastor da Igreja Batista de Capitol Hill, em Washington, D.C. Outros autores cristãos também têm empregado abordagens semelhantes.

Capítulo 2

Perdido na tradução?

Há alguns anos, tive o privilégio de visitar Xangai, na China. Antes de minha viagem, alguns amigos que moram lá me advertiram para que eu não partisse da premissa de que o inglês escrito embaixo dos caracteres chineses em muitas placas e sinais da cidade realmente me diria o que significa aquele sinal. Com o passar dos anos, os tradutores chineses se haviam tornado conhecidos por traduzirem erroneamente as placas para o inglês, com resultados muitas vezes polêmicos e até mesmo hilários.

Pesquisei alguns exemplos na Internet antes de minha partida e constatei que algumas das más traduções que as pessoas encontram são realmente muito engraçadas. Veja, por exemplo, uma placa na porta de um restaurante: *Bar está presentemente aberto porque não está fechado*. Ou o cardápio, que oferece *Deliciosa e apimentada vovozinha* como entrada em seu almoço. Ou a placa num gramado público que mexe com seu coração: *Amável porém sofredora grama está sob seu pé*. Honestamente, será que alguém sabe qual ideia original está por trás dessas mensagens?

Após ter visto isso tudo, é claro que eu já imaginava que veria com meus próprios olhos algumas traduções inusitadas. Infelizmente, cheguei a Xangai logo após o término das Olimpíadas, e os chineses haviam desenvolvido um projeto gigantesco para corrigir as más traduções por todo o país antes do início dos Jogos. Assim, eu não pude provar nenhuma *deliciosa avó apimentada* para o almoço nem procurar a triste face de um gramado amável, porém sofrido, antes de pisar nele! Ora, pense nisso por um instante. Por que a China preocupou-se em corrigir suas traduções de língua estrangeira? A

resposta é simples: o mundo estaria com a atenção voltada para aquela nação nas Olimpíadas e eles queriam comunicar-se de forma correta. Eles queriam expressar-se corretamente, e desejavam que as mensagens transmitissem exatamente o que queriam dizer. Afinal, é isso que está em jogo na tradução, seja a tradução de uma placa, de um cardápio ou da Bíblia. Podemos ter confiança de que o que estamos lendo em nossa própria língua reflete acertadamente o que o autor quis dizer na sua?[3]

Será que a tradução é mesmo possível?

A tarefa de determinar se a Bíblia é historicamente confiável seria mais fácil se fôssemos falantes nativos do hebraico antigo, aramaico antigo e grego antigo. Porém, a maioria de nós não o é. Isso quer dizer que nós temos de perguntar não apenas se os autores da Bíblia eram confiáveis e se os copistas transmitiram seus escritos acertadamente, como também se as Bíblias que temos em inglês (ou, no nosso caso, em português) são traduções fidedignas dessas cópias.

Provavelmente, a primeira pergunta que temos de enfrentar é se o processo da tradução é realmente possível. Como ter certeza que os textos a seguir significam a mesma coisa?

Μὴ θησαυρίζετε ὑμῖν θησαυροῦς ἐπὶ τῆς γῆς, ὅπου σὴς καὶ βρῶσις ἀφανίζει, καὶ ὅπου κλέπται διορύσσουσιν καὶ κλέπτουσιν· θησαυρίζετε δὲ ὑμιν θησαυροὺς ἐν οὐρανῷ, ὅπου οὔτε σὴς οὔτε βρῶσις ἀφανίζει, καὶ ὅπου κλέπται οὐ διορύσσουσιν οὐδὲ λέπτουσιν· ὅπου γάρ ἐστιν ὁ θησαυρός σου, ἐκεῖ ἔσται καὶ ἡ καρδία σου,

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração (Mt 6.19-21),

Bem, a resposta é: "Sim, mas não sem muito trabalho".

Qualquer projeto de tradução requer anos de esforço, primeiro para entender o significado e a estrutura de ambas as línguas e, depois, para encontrar palavras e estruturas na língua-alvo que encerrem acertadamente o significado da língua original. Em termos menos técnicos, a tradução é uma questão de se entender o significado de uma palavra ou sentença para, então,

dizer a mesma coisa com palavras *diferentes* que serão entendidas por uma pessoa diferente.

Ora, tudo isso pode parecer uma tarefa irremediavelmente difícil, mas, se você pensar bem, verá que até mesmo em nossa língua fazemos isso todo o tempo. Por exemplo, eu tenho dois filhos que se aproximam da adolescência, e também tenho um pai que quer muito comunicar-se com seus netos. Mas, às vezes, acredite ou não, isso é mais difícil do que você imagina! Não é como se as três gerações falassem línguas diferentes; todos falam a mesma língua. Assim mesmo, como a pessoa que está entre os dois polos, muitas vezes eu me encontro tendo de traduzir o que eles dizem. Por exemplo, quando meu filho diz algo como: "Ô meu, tá irado, mano", meu pai olha para mim como se o menino tivesse falado egípcio antigo, ou coisa parecida. Isso porque, à exceção da palavra *meu*, meu pai não tem absolutamente nenhuma ideia do que significam as outras palavras naquela sentença. Naquele ponto, minha tarefa é começar a fazer o trabalho de *tradução*: pensar no significado de cada palavra que meu filho disse e tentar falar *outra* palavra ou *outras* palavras que meu pai conseguirá entender.

Ora, geralmente costumo traduzir a frase de uma só vez. "Ele está querendo dizer, pai, que está tudo bem, que ele está feliz." Mas, se eu quisesse ser realmente cuidadoso nessa tarefa, precisaria explicar cada palavra individualmente, da seguinte forma:

- *ô meu* é uma saudação de costume, porém informal, na linguagem dos jovens. Seu equivalente na fala dos adultos de hoje seria algo como Ei! ou Olá!
- *irado* na linguagem dos jovens não quer dizer "zangado", mas, sim, que uma situação ou pessoa está feliz, tranquila, de bem com a vida. Na verdade, corresponde ao "Tudo legal" na linguagem dos adultos.
- *Mano* é um termo de amizade e carinho, uma variante da palavra *irmão* – o que não quer dizer que ele ache que o avô é seu irmão. Mano nem

precisa ser parente de sangue. Poderia ser traduzido por amigo ou, mais coloquialmente, homem.

Assim, juntando tudo, podemos traduzir a frase proferida pelos jovens "Ô meu, tá irado, mano" para a linguagem dos adultos de hoje como: "Ei, está tudo legal, amigo". Ao ouvir isso, os olhos de meu pai brilham por causa do entendimento, ele sorri para meu filho e lhe dá um abraço. Então, eles compartilham um momento de autêntica e verdadeira – embora traduzida – comunicação. "Isso está nos trinques!", diz meu pai. Aí começamos de novo a corrida das traduções! Eu sei, eu sei, esse é um retrato absurdo e simplista da árdua tarefa de realmente traduzir, e os que trabalham nisso – quer estejamos falando da Bíblia, quer de qualquer literatura de relevo ou até mesmo da necessária tradução para fazer nossa sociedade global funcionar no dia a dia – são autênticos heróis.

Estou tentando ressaltar que, mesmo com um exemplo um tanto absurdo, a tradução não é fácil nem simples, mas é possível. Realmente é possível, mediante a tradução, haver uma comunicação autêntica, acertada e correta. Isso quer dizer que ninguém pode fazer uma objeção do tipo "caso encerrado" à confiabilidade histórica da Bíblia simplesmente porque estamos lendo traduções em português dos documentos originalmente escritos em grego e hebraico. Os estudiosos têm estudado grego, hebraico, aramaico e também português literalmente por séculos, e estão prontos para fazer traduções corretas e exatas entre essas quatro línguas.

Por que existem tantas versões da Bíblia?

Mas, se isso é verdade, por que, então, existem tantas traduções diferentes da Bíblia? Vá a qualquer livraria cristã, e você encontrará uma prateleira inteira – às vezes até mesmo uma seção inteira! – de diferentes traduções da Bíblia. Além de todas essas traduções, para cada uma dessas edições, temos a edição militar, a edição de esportes, a edição voltada para mulheres, homens, alunos,

negócios. Por que isso acontece? Será que as pessoas que trabalharam numa versão acreditavam que os que trabalharam em outras estavam errados? Ou que os comitês da Almeida Revista e Corrigida traduziram tão mal a Bíblia que os da Almeida Corrigida e Fiel tiveram de corrigir tudo? Quanto a isso, será que o livro de João muda quando fala para homens, mulheres, atletas ou soldados?

Em suma, a resposta a todas essas perguntas é "não". Quando se trata de edições diferentes da Bíblia dirigidas a estudantes, homens, mulheres ou militares, todas elas são pacotes de *marketing* em que o texto da Bíblia permanece o mesmo. São diferentes nos itens acrescentados que acompanham o texto – tópicos introdutórios, notas de estudo, artigos devocionais e outros materiais. Não existe razão para se acreditar que a existência de uma Bíblia de estudo para homens e outra Bíblia de estudo para mulheres na livraria de sua cidade apresente qualquer confusão quanto ao significado do texto bíblico.

Mas o que dizer das diversas traduções? Será que elas não tornam tão diferentes os textos da Bíblia entre si que realmente não podemos estar certos quanto ao significado original? Essa é uma boa pergunta, mas, na realidade, mesmo quando diferentes traduções usam diferentes palavras para traduzir a mesma frase em grego ou hebraico, isso não nos deixa necessariamente – ou com muita frequência – com qualquer dúvida quanto ao que o original dizia. Pense novamente em nosso exemplo da sentença referente à linguagem dos jovens: "Ei, tá irado, cara". Eu poderia tê-la traduzido para meu pai de diversas maneiras:

- "Ei, tá tudo bem, cara."
- "Escuta aqui, tá tudo legal, ô meu."
- "Sabe o quê? A situação está sob controle, meu amado."

As palavras específicas diferem em todas essas traduções. Mas, mesmo assim, existe realmente alguma dúvida quanto ao que a frase "Ei, tá irado,

cara" está comunicando? Em qualquer uma dessas *traduções*, o que a frase significa é que meu filho quer alguém com quem tenha um relacionamento amigável, que saiba que ele não acha que a situação atual é, de alguma forma, problemática; ele está satisfeito com ela.

Você pode fazer o mesmo tipo de coisa com os versículos da Bíblia. Tomemos um aleatoriamente e vejamos como diversas traduções o tratam. Acabei de pedir à minha esposa para dar o nome, ao acaso, de um dos quatro Evangelhos. "Marcos", disse ela. "Agora, escolha um número entre um e quinze." "Dez!" "E outro número entre um e cinquenta e dois." "Cinquenta!" Então, vamos olhar Marcos 10.50 para ver como diversas Bíblias traduzem esse versículo. Temos aqui o grego original:

> ὁ δὲ ἀποβαλὼν τὸ ἱμάτιον αὐτοῦ ἀναπηδήσας ἦλθεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν.

A versão Almeida Revista e Atualizada traduz assim:

> "Lançando de si a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus."

Eis a Almeida Revista e Corrigida, Fiel:

> "E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus. "

A Nova Versão Internacional diz:

> "Lançando sua capa para o lado, de um salto pôs-se em pé e dirigiu-se a Jesus."

A Bíblia de Jerusalém diz:

"Deixando a sua capa, levantou-se e foi até Jesus."

E a versão da Biblia King James diz:

"Jogando sua capa para o lado, de um só salto colocou-se em pé e foi ao encontro de Jesus."

Loucura, não é mesmo? Como vamos conseguir juntar as cabeças para entender o que Marcos 10.50 realmente está dizendo? Quer dizer, está certo, todo mundo parece concordar que este homem foi até Jesus, mas ele *jogou* a capa ou a *pôs de lado*? Era mesmo uma *capa*, um *casaco* ou outro tipo de roupa? Como determinar se ele *saltou*, *pulou* ou *levantou-se* e foi até Jesus?

Certo, é óbvio que estou fazendo gozação. Com todas as diferenças entre essas cinco traduções, fica realmente claro o que acontece. O homem rapidamente tirou sua roupa de cima, levantou-se e foi até Jesus. Aqui, o que importa é simplesmente dizer que diferentes traduções não evitam que saibamos o que o original realmente quis dizer. O fato de lermos duas ou três traduções, lado a lado, pode, muitas vezes, ajudar-nos a entender o contexto do que está acontecendo.

Mas devemos ir além, porque, obviamente, nem todo versículo da Bíblia é tão claro quanto Marcos 10.50. Certas palavras e frases são realmente difíceis de traduzir e, nesses casos, tradutores diferentes frequentemente discordam entre si quanto a como processar essas palavras ou frases. Porém, mesmo nesses casos, devemos ter em mente pelo menos algumas coisas:

1. Acadêmicos discordam significativamente sobre como traduzir apenas uma quantidade muito pequena de palavras ou frases da Bíblia. Tais casos também representam uma porção muito pequena de qualquer livro, ou mesmo capítulo, na Bíblia.
2. Quando há divergência ou incerteza, as melhores traduções da Bíblia reconhecem isso em nota de rodapé, fazendo com que o leitor saiba de

outras possíveis traduções, ou mesmo notando (como é o caso na ESV (*English Standard Version*) que "o significado do hebraico [ou grego] é incerto".[4] O ponto é que ninguém está tentando "passar qualquer coisa" sem nos dizer, nem – a esta altura na história das traduções – poderiam fazer isso, mesmo que quisessem.

3. O imenso número de traduções de estudiosos na verdade nos ajuda a identificar – e evitar! – traduções deliberadamente equivocadas. Por exemplo, quando a Tradução Novo Mundo (TNM) das Testemunhas de Jeová traz João 1.1 como "e a Palavra era um deus", estamos cônscios de que todas as outras principais traduções dizem desse versículo "e o Verbo era Deus". Claramente, a versão das Testemunhas de Jeová fez algo aqui que as outras traduções rejeitam e, se você estudar o grego bastante para entender o uso dos artigos (um, uma, o, a, os, as), chegaria à mesma conclusão a que os outros tradutores chegaram: que a TNM modificou a "tradução" desse versículo para proteger sua doutrina teológica particular e idiossincrática.
4. Uma vez identificadas e rejeitadas as traduções deliberadamente malfeitas desse tipo, podemos, com confiança, dizer que nenhuma das principais doutrinas do cristianismo ortodoxo repousa em uma tradução polêmica ou incerta das línguas originais da Bíblia. Sabemos o que disse a Bíblia, e sabemos o que isso significa.[5]

No entanto, ainda há outra questão envolvida. Em primeiro lugar, por que há diferentes traduções da Bíblia? Se as partes significativamente controversas do texto são tão raras e se não afetam quaisquer das principais doutrinas, então por que as pessoas chegam a gastar tanto e ter tanto trabalho para fazer todas essas traduções? Essa é uma excelente pergunta, e a resposta reconhece todas as formas diferentes como as pessoas usam a Bíblia em suas vidas.

Pense nisso. As pessoas leem a Bíblia devocionalmente, elas pregam a partir dela, usam-na para estudos bíblicos, fazem trabalhos acadêmicos baseados nela, conversam sobre doutrinas a partir dela, defendem seu

entendimento da fé com ela. O fato é que, para a maioria dessas atividades, uma tradução literal, palavra por palavra, do grego ou do hebraico original não seria muito útil. De fato, seria algo incrivelmente frustrante. Veja novamente Marcos 10.50. Se traduzíssemos exatamente, palavra por palavra, do grego, sairia algo assim:

O mas ele jogando fora sua capa ele pulou ele foi para o Jesus.

Claro, você consegue decifrar o que se diz, e talvez essa tradução rígida, de palavra por palavra, seja útil quando se faz um trabalho acadêmico muito específico sobre esse versículo. Mas quem quer suportar isso quando se deseja apenas ler a Bíblia enquanto toma uma xícara de café pela manhã? Essa é a principal razão para termos diferentes traduções – para diferentes usos da Bíblia. Às vezes, uma tradução mais rígida, palavra por palavra, da língua original é exatamente o que você precisa. Outras vezes, contudo, você deseja algo mais legível, um pouco mais fácil de ser entendido, e, assim, algumas traduções oferecem uma abordagem mais de frase a frase (ou mesmo pensamento a pensamento), arrumando a ordem das palavras, preferindo a sintaxe de sua própria língua à sintaxe grega ou à sintaxe hebraica, e, em geral, apenas colocando os pensamentos do original para o entendimento do leitor. Em termos técnicos, o fato é que toda tradução da Bíblia tem por objetivo, em maior ou menor grau, tanto a *acurácia* quanto a *legibilidade*.

Alguns comitês de tradução tomam para si a missão de privilegiar mais a exatidão (conforme vimos em Marcos 10.50), sacrificando, até certo ponto, a legibilidade. Outros grupos de tradutores pretendem produzir uma versão eminentemente legível, mas essa decisão necessariamente significa que os tradutores terão de rearranjar alguma ordem das palavras da língua original, para que as frases soem "corretas" aos nossos ouvidos.

Espero que você veja o propósito nisso tudo. Nada, nem na teoria nem na prática, acerca das traduções bíblicas nos apresenta a mínima dúvida quanto à

possibilidade real que temos de saber o que a Bíblia diz em suas línguas originais. De fato, sabemos o que ela diz, e os pontos em que alguns acadêmicos discordam são poucos e raros, e de menor relevância. A Bíblia pode ser traduzida corretamente, *e foi assim* traduzida, repetidas vezes.

É claro que, ao se determinar sua *confiabilidade histórica*, isso só nos leva até certo ponto. Em seguida, temos de perguntar: "Estamos traduzindo o que os autores escreveram originalmente?". Em outras palavras, as pessoas que copiaram os originais fizeram isso corretamente?

---

3. Neste capítulo, baseei-me especialmente em Craig L. Blomberg, *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2014); Paul D. Wegner, *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999).

4. Veja, por exemplo, a nota da ESV sobre Is 10.27.

5. Para um tratamento mais detalhado de todos esses pontos, veja, de Blomberg, *Can We Still Believe the Bible?*, 83-118; Wegner, *Journey*, 399-404.

Capítulo 3

CÓPIAS DE CÓPIAS DE CÓPIAS DE CÓPIAS?

Quando eu estava no ensino médio e depois na faculdade, fiz alguns cursos de língua estrangeira. Minha língua predileta era, sobretudo, o espanhol e, embora isso não soe estranho a vocês, acadêmicos de verdade, até o final do curso eu havia passado *quatro anos inteiros* estudando essa língua. Agora, longe há mais de quinze dessas aulas, não sou mais muito bom no espanhol – nem na leitura, nem na fala, nem na compreensão oral, ou seja, em nada. Nos dias em que eu realmente me esforçava na aprendizagem, eu era muito bom nas traduções, tanto do inglês quanto do próprio espanhol. Isso acontecia, em parte, porque meu professor nos dava tarefas de tradução *toda noite*. Você lembra como a maior parte das aulas da faculdade são agendadas para dia sim, dia não – ou segundas, quartas e sextas ou terças e quintas? Pois bem. Isso não acontecia com as aulas de espanhol. Tínhamos aulas todos os dias, de segunda a sexta-feira, o que queria dizer que toda noite eu tinha um trecho ou do inglês ou do espanhol para traduzir para a outra língua, e tinha de estar pronto para discuti-lo na aula do dia seguinte.

Eu era bom nisso. Até meu último ano na faculdade, eu fazia a tradução de algumas centenas de palavras em apenas duas horas, mais ou menos, e estava pronto para explicar a sintaxe de cada sentença. Uma ou duas vezes, aprendi uma lição rude e dura ao chegar à sala de aula: não importava quanto as minhas traduções fossem boas, sempre acontecia de eu ter olhado uma página errada e traduzido um trecho errado!

Às vezes as pessoas fazem acusação semelhante quanto à Bíblia – que, mesmo que possamos dizer, *com segurança*, que traduzimos *corretamente*, não há como ter certeza de que traduzimos *o trecho certo*, de maneira que tudo é inútil. A acusação não é tanto de que temos os documentos *errados*. É que, por não possuirmos os documentos originais escritos pelas mãos do próprio autor, as cópias que temos certamente estão irremediavelmente corrompidas, e, portanto, não é possível saber o que os autores escreveram originalmente. Se isso for verdade, segue o argumento, então não tem sentido prosseguir com a discussão.

Uma revista americana destacou esse ponto com perspicácia:

> Nenhum pregador da televisão jamais leu a Bíblia. Nem qualquer político evangélico. Nem o papa. Nem eu, nem você. No máximo, todos nós lemos uma má tradução – uma tradução de traduções de traduções de cópias feitas à mão de cópias de cópias de cópias, e assim por diante, centenas de vezes.[6]

Ora, neste livro já tratamos da acusação de "má tradução"; não é verdade e, se isso não estiver claro para você, talvez devesse voltar e ler novamente o Capítulo 2. Além do mais, não é verdade que estejamos tratando de uma "tradução de traduções de traduções", como se o original grego fosse primeiro traduzido para o chinês, que passou para o alemão, que foi para o polonês e, finalmente, chegou ao português. Não, nós somos capazes de traduzir diretamente do grego e do hebraico originais para o português e para as outras línguas. Na pior das hipóteses, estamos lidando com uma *tradução* e ponto final. Mas o que devemos dizer sobre essa última ideia, a acusação de que "só temos à nossa disposição cópias escritas à mão de cópias de cópias"?

Bobagem. Ahnn, quero dizer, besteira. É o que deveríamos dizer.

Não possuímos os originais – e agora?

Vamos pensar na questão da *transmissão*, ou seja, podemos estar certos de que o texto original da Bíblia nos foi transmitido corretamente ao longo dos séculos? Ao considerarmos essa questão, de pronto devemos reconhecer o gigantesco elefante brilhante que está de pé na sala: Não possuímos os originais.[7]

Quaisquer pedaços de papel que Lucas, João e Paulo tenham usado para escrever o Evangelho de Lucas, o Evangelho de João e a Epístola aos Romanos foram perdidos na história, e é muitíssimo improvável que encontremos algum manuscrito bíblico sobre o qual possamos dizer: "Temos cem por cento de certeza de que este é o pedaço de papel original no qual o autor escreveu".[8]

As mãos se erguem e se abaixam em desespero. Vamos pensar nisso por um instante. Quão importante é, realmente, que tenhamos o *pedaço original de papel*? Quer dizer, isso seria realmente perfeito. Quando visitei Londres há alguns anos, assisti a uma exposição chamada "Tesouros da Biblioteca Britânica", que mostrava alguns dos mais valiosos artefatos culturais e históricos do mundo, as mais amadas e sagradas relíquias que os curadores puderam resgatar do acervo consagrado da Biblioteca Britânica. Era uma coleção surpreendente. Ali estava, bem à minha frente, a Carta Magna; a Bíblia de 1455 de Gutenberg; a partitura original do *Messias*, de Handel, escrito de próprio punho; o Código Sinaítico, a mais antiga cópia na íntegra do Novo Testamento; o caderno de anotações de Leonardo da Vinci; e (silêncio, por favor) a letra original da canção dos *Beatles* "Help!", conforme John Lennon rabiscou em um pedaço de papel, que lhe serviu de rascunho.

Senhoras e senhores, tenho o prazer de anunciar que *conhecemos*, sem a menor sombra de dúvida, a letra original de "Help!", conforme os *Beatles* escreveram. De fato, podemos *vê-la* num guardanapo de papel. De qualquer forma, achei isso superlegal. Não tenho certeza de que isso alcance o nível "legal" dos "Tesouros da Biblioteca Britânica", mas foi muito bom poder vê-la.

Mas veja a seguinte questão. Será que possuir o pedaço de papel original é o único jeito de confiarmos em que o que temos em mãos é de fato o que os

autores escreveram? Será que estamos fadados para sempre a dizer que realmente não temos ideia do que Homero ou Platão escreveram porque não temos os pedaços de papel originais de *Odisseia* ou *A República*? Será que "Help!" é a única canção dos Beatles cuja letra *realmente* conheceremos? Com certeza, não! Dizer uma coisa assim seria absurdo e arrogante. O que dizer dos documentos da Bíblia? Ficamos realmente apenas com um punhado de cópias inúteis de cópias de cópias de cópias e, por isso, nunca poderemos ter certeza de que as cópias que restam refletem corretamente o que os autores de fato escreveram?

Bem, não, não chegaremos a essa conclusão desesperada. Na verdade, ainda que não tenhamos os *pedaços de papel originais* da Bíblia, de fato podemos estar bem seguros do que esses pedacinhos de papel originais diziam. Como isso é possível?

A chave para responder a essa pergunta está no fato de que, mesmo que não tivéssemos os originais, temos milhares de outros pedaços de papel (ou seja, de papiro, velino e pergaminho) que contêm o texto na língua original de cada livro da Bíblia – cerca de 5.400 peças distintas quando se fala do Novo Testamento. Nem estamos falando aqui sobre pedaços de papel provenientes das impressoras modernas; estamos nos referindo apenas aos manuscritos *antigos*, aqueles anteriores à invenção das impressora, muitos dos quais remontam ao terceiro, ao segundo e até mesmo (talvez?) ao primeiro séculos. Alguns desses manuscritos contêm cópias inteiras de livros bíblicos; outros foram parcialmente destruídos, de modo que somente algumas porções dos livros ainda existem. Outros ainda são literalmente fragmentos do que antes eram manuscritos muito maiores. Novamente, nenhum desses documentos pertence aos originais da Bíblia; todos são cópias de algo ainda mais antigo. Contudo, nós os descobrimos espalhados pelo que era o antigo Império Romano, escondidos em cavernas, enterrados em ruínas antigas ou até mesmo – acredite se quiser – depositados em antigos monturos abandonados de lixo de uma cidade egípcia! Além do mais, quando os especialistas dataram esses

fragmentos de texto, descobrimos que provinham dos primeiros três ou quatro séculos da história do cristianismo.[9]

Veja bem, o que torna todos esses manuscritos e fragmentos muito interessantes – ou problemáticos, dependendo de como você enxerga – é o fato de que, em certos lugares, eles *diferem* uns dos outros, mesmo quando supomos tratar-se de cópias da mesma porção exata da Bíblia. Assim, por exemplo, um manuscrito do Evangelho de Mateus cita as seguintes palavras de Pôncio Pilatos: "Sou inocente do sangue deste homem" (Mt 27.24), enquanto outro fragmento do mesmo livro, datado de um século mais tarde, cita Pilatos dizendo: "Sou inocente desse sangue justo", enquanto outro ainda traz: "Sou inocente do sangue deste homem justo".[10]

Alguém copiou as palavras originais que Mateus escreveu, no mínimo uma vez, e talvez bem mais que isso. Algumas pessoas olham para tudo isso – os 5.400 manuscritos ou fragmentos, com todas as suas variações – e dizem: "Não dá. *Não há como* saber o que diziam os originais. As cópias que sobreviveram estão longe demais e corrompidas demais para termos certeza quanto àquilo que os autores escreveram originalmente". Tal conclusão, contudo, vai longe demais. Eis por quê. Em primeiro lugar, os problemas que os céticos frequentemente citam como decorrentes de tudo isso – do fato de os manuscritos que temos em mãos estarem demasiadamente distantes no tempo dos originais e de se apresentarem totalmente crivados de variação – não são tão drásticos quanto algumas pessoas afirmam que são. Outro ponto importante é exatamente a existência desses milhares de cópias, provenientes de todo o império, contendo todas essas variações, o que nos permite reconstruir, com *elevado grau de confiança*, aquilo que diziam os originais.

Permita-me explicar tudo isso, passo a passo.

Preste atenção na lacuna!

Antes de tudo, a acusação de que os documentos que temos em mãos estão tão afastados no tempo dos originais que é melhor desistirmos de tentar

decifrar o que diziam os originais. Afinal de contas, os originais do Novo Testamento foram escritos de meados até o fim do primeiro século, e as cópias mais antigas que possuímos datam de cerca de 125, 150, e 200 d.C. Isso significa que houve uma lacuna de cerca de quarenta e cinco anos a setenta e cinco anos entre as cópias mais antigas e as originais. Isso pode soar um tanto problemático para a maioria de nós porque, por alguma razão, imaginamos que setenta e cinco anos é muito tempo – de fato, é muito tempo para que cópias de cópias de cópias fossem feitas e, subsequentemente, perdidas, para que não tenhamos ideia de como os originais realmente eram. Mas, na verdade, essa não é uma presunção justa, especialmente quando lembramos que os livros em geral eram muito mais valiosos para as pessoas da antiguidade do que para nós hoje, e, portanto, é muito provável que eles cuidassem com muito mais esmero do que nós fazemos hoje. Mesmo agora, quando podemos imprimir livros todo ano aos milhões, você pode entrar em praticamente qualquer livraria de livros usados, ou sebo, e encontrar livros de cem, duzentos ou até mesmo trezentos anos. As pessoas fazem com que seus livros durem! Esse, inclusive, era o caso nos tempos remotos, quando, literalmente, *semanas* de trabalho eram gastas para se copiar um livro. Os acadêmicos aprenderam, ao examinarem antigas bibliotecas, que as pessoas regularmente usavam os livros por cem ou cento e cinquenta anos antes de fazerem uma nova cópia e descartarem a antiga.

Vemos um fascinante exemplo dessa prática no que chamamos de *Codex Vaticanus*, uma cópia do Novo Testamento originalmente feita no século IV na qual alguns escribas, no século X, repassaram tinta para que continuasse a ser usado. Consegue imaginar o que isso significa? O *Codex Vaticanus* ainda estava em uso *seiscentos anos* depois de ter sido originalmente feito! Eis a questão: quando os livros eram, em geral, usados por literalmente centenas de anos, uma lacuna de quarenta e cinco a setenta e cinco anos entre os documentos originais do Novo Testamento e nossas mais antigas cópias existentes não representa tanto tempo assim. De fato, é mais que provável

que os originais, escritos pela pena dos próprios autores, tenham sido preservados e usados para fazer inúmeras novas cópias no decorrer das décadas ou até mesmo dos séculos, antes de se perderem. Portanto, a alegação de que só temos "cópias de cópias de cópias" dos originais é muito exagerada. Está, na verdade, no âmbito da possibilidade, termos em nossos museus de hoje *cópias dos originais* e ponto final.

Não fosse tudo isso bastante, quando você considera a lacuna existente entre os originais e as primeiras cópias de outras obras antigas, é possível ver, de pronto, quanto essa "lacuna" para o Novo Testamento realmente significa. Por exemplo, da obra *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, possuímos exatamente oito manuscritos existentes – destes, o mais antigo se distancia em mil e trezentos anos do original! Para *A guerra das Gálias*, de Júlio César, temos um total de nove ou dez cópias legíveis (dependendo do que você entende por "legível"), sendo que a mais antiga data de novecentos anos depois do original. Para *Histórias* e *Anais*, de Tácito, escritos no século I, sobrevivem dois manuscritos, um datado do século IX, e o outro, do XI – oitocentos anos e mil anos, respectivamente, depois das cópias mais antigas existentes. É fácil enxergar o ponto aqui: Ninguém grita "Preste atenção na lacuna!" quando se trata de outros exemplos de literatura antiga. Somente o Novo Testamento recebe essa espécie de tratamento.

Quatrocentas mil diferenças?

Agora, vejamos a segunda acusação, de que os manuscritos que temos em mãos estão tão repletos de diferenças, ou variantes, que não existe esperança de virmos a ter alguma confiança quanto ao que diziam os manuscritos originais. Um estudioso asseverou que os manuscritos do Novo Testamento disponíveis contêm, surpreendentemente, até quatrocentas mil variantes! (A razão para dizermos "até", claro, é porque ninguém se dispôs a sentar e contar. Assim, até mesmo esse acadêmico recorre a "alguns dizem que há duzentas mil variantes conhecidas, outros dizem umas trezentas mil, outros ainda

quatrocentas mil ou mais!")[11] De qualquer forma, precisamos observar muitos pontos no que diz respeito a essa acusação:

1. Os manuscritos não são, de fato, crivados de variantes, e o número de quatrocentos mil não é tão assustador quanto nos parece à primeira vista, mesmo que estivesse correto. Isso porque o estudioso que utilizou esse número não olhou só para os cinco mil manuscritos existentes no grego original anteriores à invenção da imprensa, mas também para os outros dez mil manuscritos em outras línguas, e depois disso, mais dez mil ou mais casos em que as pessoas citaram o Novo Testamento nos primeiros seiscentos anos de história da igreja! Ponha tudo isso junto e você realmente estará falando de quatrocentas mil variantes (talvez trezentas ou duzentas mil...) espalhadas por uns vinte e cinco mil manuscritos e citações, cobrindo seiscentos anos, o que, ao final, totaliza apenas umas dezesseis variantes por manuscrito. Falando generosamente, isso não é muito.
2. Tenha em mente que "quatrocentas mil variantes" aqui não quer dizer quatrocentas mil leituras diferentes. O que estão dizendo é que, se *um* manuscrito traz: "Sou inocente do sangue deste homem" e *dez* outros trazem "Sou inocente desse sangue do justo", você conta todos os *onze* como "variantes". Acrescente esse fator, e esse número assustador de quatrocentos mil torna-se quase sem sentido.
3. Finalmente, não é que todas as variantes em todos aqueles vinte e cinco mil manuscritos simplesmente tenham surgido aleatoriamente; na verdade, elas tendem a se reunir, várias vezes, em torno dos mesmos poucos lugares no texto do Novo Testamento, o que significa que o número *real de lugares* que estão realmente em questão é surpreendentemente pequeno.[12]

O ponto é que, quando você pensa bem nisso, não obtém o retrato de uma imensa montanha de cópias com tantas variantes que não podemos entender

nada. Nada disso. Pelo contrário, obtém um retrato da história da transmissão (ou seja, da confecção de cópias) surpreendentemente estável para a maior parte do Novo Testamento, e alguns pontos isolados em que existe alguma dúvida autêntica quanto ao texto original, dando origem a um número relativamente grande de variações. Em suma, os escribas fizeram um trabalho surpreendentemente bom.

Como resolver um jogo de lógica

Precisamos discutir mais uma coisa fundamentalmente importante aqui: nas passagens do Novo Testamento em que encontramos variantes, acredite você ou não, é exatamente a existência dessas variantes que nos permite juntar as peças, uma a uma, até ver o que o documento original muito provavelmente disse. Deixe-me mostrar o que quero dizer com isso.

Usar variantes para decifrar o que o original disse é como resolver um jogo de lógica. Tudo repousa na noção de que, quando surgem variantes nas cópias, geralmente conseguimos identificar não apenas quando um escriba introduziu uma variação em sua cópia, mas também por que ele agiu assim. Os escribas introduziram variantes por toda sorte de razões. Às vezes, isso era puramente acidental. Por exemplo, letras semelhantes podem ser trocadas umas pelas outras; uma palavra pode ser substituída por outra com o mesmo som ao ser lida; palavras podiam ser saltadas; palavras ou letras podiam ser ser dobradas; até mesmo seções inteiras podem ser omitidas quando a mesma palavra foi usada algumas linhas acima. (Vá adiante, leia de novo essa sentença… existem ovinhos de Páscoa escondidos aí!)

Outras vezes, as mudanças introduzidas foram propositais. Um escriba poderia concluir que uma palavra ou um nome estavam escritos de uma forma errada e "corrigi-los"; talvez tenha mudado alguma passagem para que concordasse com outra ou até mesmo "consertado" uma ou duas palavras para "esclarecer problemas" eventualmente percebidos, ou acrescentado algo ao texto para "clarificar" aquilo que o leitor deveria interpretar dele.

Ora, aqui é que começa a diversão, porque, uma vez que você saiba identificar por que um escriba fez determinada mudança enquanto copiava, consegue ter uma boa ideia do que o original dizia antes de ser modificado. Eis um exemplo muito simples: Imagine que você tenha apenas o fragmento de uma cópia de um manuscrito, pois o original foi copiado, não foi? Se pudermos dar ao autor original o benefício da dúvida de que ele não escreveu a frase sem sentido "Rosas são lidas", podemos, com relativa segurança, dizer que o escriba que fez a cópia simplesmente errou na ortografia da palavra *red* (vermelho em inglês) e que o original dizia: "Rosas são vermelhas, violetas são azuis".[13]

Veja um exemplo um pouco mais complicado. Digamos que você tenha dois fragmentos, ambos cópias de um original há muito perdido. Em uma dessas cópias (vamos chamar de fragmento A), lê-se:

> Agora estamos engajados em uma grande guerra civil. Vamos dedicar uma porção desse campo como um lugar para o descanso final daqueles que aqui deram suas vidas para que essa [no original em inglês *that that*] nação possa viver.

Na outra cópia (fragmento B), lê-se:

> Agora estamos engajados em uma grande guerra civil, provando se essa nação, ou qualquer nação assim concebida e assim dedicada, possa perdurar. Encontramo-nos em um grande campo de batalha dessa guerra. Vamos dedicar uma porção desse campo como um lugar para o descanso final daqueles que aqui deram suas vidas para que a nação da qual falamos possa viver.

Está bem. Vá em frente e dedique um ou dois minutos para observar as variações em foco aqui. Existem duas. Então, continue lendo.

Já conseguiu vê-las? O que salta aos olhos é o fragmento A é significativamente mais curto. Deixa fora todo o segmento "provando se essa nação, ou qualquer nação assim concebida e assim dedicada, possa perdurar. Encontramo-nos em um grande campo de batalha dessa guerra". Além disso, os dois fragmentos divergem quanto à última sentença. Será que o original falou daqueles que deram suas vidas "para que essa nação possa viver" ou "para que a nação da qual falamos possa viver"?

Vamos começar com a primeira variação, a frase omitida sobre o encontro em um "grande campo de batalha" da guerra. Existe uma boa razão para achar que um copista *acrescentaria* essas palavras a um original que não as incluísse? Não realmente; pelo menos não posso pensar em nenhum motivo plausível. Assim, existe algo que possa explicar por que ele as *omitiria*? Sim. Veja como a palavra *guerra* aparece duas vezes no fragmento B. Na verdade, essas duas ocorrências fazem colchetes em volta das palavras que foram omitidas no fragmento A. Se a palavra *guerra* ocorreu duas vezes no original também (especialmente se ambas as vezes em que apareceu, digamos, foi no final ou no começo de uma linha), isso proveria um lugar natural e fácil para o olho do copista "pular" acidentalmente de uma ocorrência para outra, e isso explicaria por que ele, inadvertidamente, omitiu as palavras entre elas. Considerada essa lógica, podemos, com relativa segurança, afirmar que a leitura mais longa, no fragmento B, reflete com maior probabilidade o original.

E quanto à segunda variação? Há alguma boa razão para o copista corrigir um original que dissesse "para que a nação da qual falamos possa viver" para "para que essa nação possa viver"? Provavelmente não. Portanto, é mais provável que um copista "corrija" uma frase do tipo "que que" [that that, no original] para algo que não rilhe tanto os ouvidos. Por essa razão, provavelmente concluímos que a leitura mais *rígida* no fragmento A é a que reflete o original.[14]

Assim, podemos chegar a conclusões sólidas de que o fragmento B provavelmente reflete o original em sua primeira variação (porque o olho do

copista pulou de “guerra” para “guerra”), enquanto o fragmento A reflete o original sobre a segunda variação (porque o copista não “corrigiria” o original para dizer, como consta no original, *that that*). Portanto, devemos reconstruir o original da seguinte forma:

> Agora estamos engajados em uma grande guerra civil, provando se aquela nação, ou qualquer nação assim concebida e assim dedicada, poderá perdurar. Encontramo-nos em um grande campo de batalha dessa guerra. Vamos dedicar uma porção desse campo como um lugar para o descanso final daqueles que aqui deram suas vidas para *que essa* [that that] nação possa viver.

Dá para ver? Só pela razão, pensando *por que* os copistas teriam feito certas mudanças, podemos chegar a uma conclusão segura quanto ao que o documento original realmente disse, ainda que nossa versão final *não esteja integralmente refletida em nenhum dos dois fragmentos que realmente possuímos*. Legal, não é?

Bem, é exatamente esse tipo de trabalho que os acadêmicos têm feito há séculos com os fragmentos e manuscritos do Novo Testamento que estão disponíveis para nós. Muitos dos enigmas que enfrentam, claro, são bem mais complicados do que esses exemplos simples, mas você entende a ideia. Ao compararem as antigas cópias que sobreviveram e pensarem cuidadosamente em por que os copistas poderiam ter feito certas mudanças ou cometido certos erros, os estudiosos podem ter muita confiança nas conclusões sobre o que o documento original realmente disse. Não é uma questão de adivinhação, ou mágica, muito menos a presunção de simplesmente “inventar as coisas”, mas de raciocínio cuidadosamente dedutivo.

Um exemplo do Novo Testamento pode ajudar a clarear esse ponto. Os manuscritos existentes diferem quanto a se Mateus 5.22 dizia

> "Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento" ou
> "Eu, porém, vos digo que todo aquele que *sem motivo* se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento".

A variação está clara, como também a solução. Que escriba apagaria as palavras "sem motivo" quando essas palavras, na verdade, tornam o ensino de Jesus bem mais palatável? Provavelmente, não muitos. É muito mais provável que um escriba tenha engasgado intelectualmente com a ideia de que alguém que estivesse zangado com seu irmão seria propenso ao juízo e resolveu "ajudar Jesus" esclarecendo" seu ensinamento com a frase "sem motivo". Por ser a leitura mais difícil, portanto, é mais provável que a primeira opção reflita o original. Por essa razão, quase todas as principais traduções deixam de fora a frase "sem motivo", simplesmente colocando-a em nota de rodapé, na parte inferior da página.

Sabemos o que eles escreveram

Antes de concluirmos essa questão, devemos destacar mais um ou dois pontos. Primeiro, é digno de nota que a maioria das variantes textuais nas cópias de manuscritos que temos não é interessante e não tem dramaticidade. Elas têm a ver com pronomes plurais *versus* singulares, palavras com a ordem invertida, modo subjuntivo *versus* indicativo, tempo aorista *versus* pretérito perfeito, e assim por diante. *Chaaaato*! A maioria, na verdade, não inclui nada que afete o significado da Bíblia que temos em mãos.

Segundo, os acadêmicos cristãos têm sido muito cuidadosos em documentar – em livros de verdade, que você poderá comprar, se estiver disposto a gastar seu dinheiro – as variantes mais significativas, *junto com* a análise de cada uma, como a que fizemos aqui neste capítulo. Claro que você tem liberdade de discordar de qualquer uma dessas conclusões. Os cristãos se divertem discutindo esse tipo de coisa o tempo todo, acredite ou não. Mas

aqui o ponto é, novamente, o fato de não haver uma conspiração para enganar ninguém. Quando as variantes têm de ser tratadas, os cristãos se mostram bastante abertos quanto ao assunto, exatamente porque cremos que essas variantes – e, em primeiro lugar, as razões pelas quais existem – podem ajudar-nos a determinar, com alto grau de probabilidade, o que os documentos originais do Novo Testamento realmente disseram.

Por fim, como na questão da tradução, vemos que nem uma única doutrina ortodoxa do cristianismo depende unicamente de uma porção questionada do texto bíblico. As porções questionadas não envolvem nada realmente interessante, ou, se envolvem, a mesma doutrina expressa nesses lugares é ensinada em outro lugar, em partes que *não são questionadas* da Bíblia.

Consegue ver a questão? A acusação de que não podemos saber o que diziam os originais é totalmente falsa. A lacuna entre os originais e nossas cópias mais antigas existentes – em uma perspectiva mais ampla – não é tão grande assim. Longe de diminuir nossa capacidade de identificar o que diziam os originais, um vasto número de cópias existentes permite que arrazoemos e deduzamos, com alto grau de confiança histórica, o que João, Lucas, Paulo e os outros escritores do Novo Testamento realmente escreveram.

Aonde chegamos até agora

Até agora, chegamos à investigação quanto ao fato de os documentos do Novo Testamento serem ou não historicamente confiáveis. Primeiro, cremos que nossas traduções dos documentos são corretas e fidedignas. Segundo, também estamos seguros de sabermos o que os autores desses documentos escreveram originalmente.

Tradução? Certo.

Transmissão? Certo.

Mas ainda não terminamos. Mesmo que estejamos seguros de que as traduções estão corretas, e mesmo que saibamos, com alto grau de certeza, o

que realmente os autores escreveram, será que podemos ter certeza de que estamos olhando para o conjunto certo de documentos?

Em outras palavras, por que estamos tão convictos de examinar *estes* documentos, e não *aqueles*?

---

6. Kurt Eichenwald, "The Bible: So Misunderstood It's a Sin", *Newsweek*, December 23, 2014, http://www.newsweek.com/2015/01/02/thats-not-what-bible-says-294018.html.

7. Para este capítulo, recorri especialmente a Craig L. Blomberg, *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2014); Paul D. Wegner, *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the* Bible (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999).

8. Na verdade, os escritores antigos não escreveram em papel, mas em papiro, ou velina, ou, mais tarde, pergaminho. Mas, para simplificar as coisas neste livro, o termo *papel* é suficiente.

9. Para informações detalhadas sobre os manuscritos existentes do Novo Testamento, veja, por exemplo, Paul D. Wegner, *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible* (A viagem dos textos para as traduções: origem e desenvolvimento da Bíblia) (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999), 235-42.

10. Veja a nota da ESV sobre Mt 27.24.

11. Bart D. Ehrman, *Misquoting Jesus: The Story Behind Who Changed the Bible and Why* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 2005), 89.

12. Para uma abordagem mais detalhada desses tópicos, ver Blomberg, *Can We Still Believe the Bible?*, 13-28.

13. Gilbert está usando as palavras de sons iguais *read* (ler, lido) e *red*, vermelhas, para mostrar como é possível um copista errar na transposição das palavras. (N. da T.)

14. No original, tem-se, no fragmento 1, "*who here gave their lives that that nation might live*", enquanto, no fragmento 2, tem-se, "*who here gave their lives so that the nation of which we speak might live*". O copista, portanto, teria tentado evitar a forma "*that that*", substituindo-a por "so that". (N. do E.)

Capítulo 4

ESTES REALMENTE SÃO OS LIVROS QUE VOCÊ PROCURA?

Li *O Código Da Vinci***. Gostei da leitura.** Como um romance de ação de virar as páginas, foi muito divertido. Fiquei acordado até tarde, seguindo os heróis enquanto eles traçavam dica após dica, decifrando antigos enigmas e viajando por toda a Europa. Agora que escrevo este livro, o Google me diz que *O Código Da Vinci* vendeu mais de oitenta milhões de cópias desde a sua publicação. Uma parte desse sucesso, imagino, vem da capacidade de Dan Brown contar histórias, mas isso não o explica totalmente. Não podemos apontar para a qualidade literária do livro; essa também não foi a razão para ter uma vendagem tão grande. Não, o que fez o *Código Da Vinci* vender tanto foi um fator com o qual todo autor sonha em seus livros: ele deflagrou uma controvérsia mundial.

Boa parte da história sensacionalista que Brown tece nunca foi levada a sério pela maioria das pessoas. Afinal de contas, *O Código Da Vinci* diz logo no início: "Todas as pessoas e os eventos deste livro são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas conhecidas, vivas ou mortas, é mera coincidência". Mas a gigantesca popularidade do livro mexeu com algumas de suas afirmações no fundo de nosso entendimento coletivo, até mesmo entre nós, que somos cristãos. Uma dessas afirmativas é que a Bíblia, conforme a conhecemos, é uma coleção de livros puramente artificial, talvez até mesmo manchada por conspiração, jogos de poder e tramas malévolas. Eis como uma passagem de *O Código Da Vinci* revela a trama:

> Quem escolheu quais evangelhos a ser incluídos?", perguntou Sophie. Ironia fundamental do cristianismo! A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi coligida pelo imperador romano pagão Constantino, o Grande.[15]

Essa é uma forma muito incorreta de expor a situação, mas a história que Brown está vendendo tem longo *pedigree* entre os acadêmicos que são céticos quanto à Bíblia. O contexto que emerge aqui é que, nos primeiros três séculos ou mais de existência da igreja, uma grande quantidade de documentos brigava por atenção e autoridade por todo o Império Romano. Cada comunidade de crentes, assim reza a história, teve seu próprio conjunto de documentos que eles consideravam o reflexo do verdadeiro ensino de Jesus, e o cristianismo era um caldeirão fumegante, queimando, borbulhando por tão bela diversidade e glorioso conflito de ideias! Então, num dia escuro em meados do século IV, um poderoso complô de bispos mal-encarados se reuniu numa pequena cidade de veraneio de nome Niceia (típico, não é?) e, com o apoio de seu rico mecenas, o imperador pagão Constantino, pôs um ponto-final em tudo isso. Publicando uma lista dos documentos que *eles* mais gostavam, esses bispos proibiram o acesso a quaisquer outros documentos e deram início a um programa para apagar, sistematicamente, qualquer divergência e destruir quaisquer documentos que ousassem oferecer uma perspectiva sobre Jesus que fosse diferente da visão deles.

Assim se fechou o "cânone" do Novo Testamento – como a porta de uma prisão – e o mundo mergulhou em trevas. Talvez eu tenha acrescentado um "enfeite" ou outro aqui e ali por amor ao drama, mas acho que essa é uma boa descrição do "filme" que passa na mente de muitas pessoas quando perguntamos sobre o cânone bíblico e o que realmente precisa estar nele. No mínimo, a maioria dos cristãos que conheço teria dificuldade em dar uma

resposta segura a esta pergunta: "Você tem certeza de que está olhando os livros certos?".

Trata-se de uma pergunta importante porque, se o nosso objetivo é chegar a uma conclusão segura de que a Bíblia é historicamente confiável, naturalmente precisamos ter certeza de que estamos olhando para os documentos certos. Se alguém realmente esmaga, aperta, destrói, queima ou, de outro modo, suprime *outros* livros que contêm uma história diferente, *mas igualmente confiável*, de Jesus, nossa confiança de que a Bíblia nos dá um relato historicamente correto se enfraquece de forma considerável.

Então, esta é a pergunta que temos de tratar neste capítulo: Antes de tudo, estes são os documentos certos para examinarmos? Em outras palavras, existem (ou, talvez, *existiram*) outros "Evangelhos" ali que deveríamos, igualmente, examinar – ou talvez que devêssemos examinar no lugar daqueles? Como ter confiança de que *estes* são os documentos certos, e não *outros*?[16]

O que é o cânone?

Quando falamos do cânone bíblico, estamos nos referindo à lista de livros aceitos pelos cristãos como sendo, entre outras coisas, fonte de autoridade de informações a respeito de Jesus. A palavra *cânone* vem da língua grega e se refere a uma *regra* ou um *padrão*. Você pode ver por que cristãos viriam a usar esta palavra para se referir à coleção de livros autoritativos; estes são os documentos que, em conjunto e exclusivamente, representam o padrão pelo qual a vida e a doutrina dos cristãos devem ser medidas, formadas, avaliadas e, se necessário, corrigidas. A pergunta, claro, é como exatamente esse cânone – essa lista de livros com autoridade – veio a ser formado. Esse processo nos deu confiança para aceitar esses livros como capazes de nos dar informação precisa a respeito do que realmente aconteceu?

Como nosso alvo inicial é atingir a confiança histórica quanto à ressurreição de Jesus, não precisamos gastar muito tempo agora para descrever

e defender o cânone do Antigo Testamento.[17] Basta dizer que, até o tempo de Jesus, o cânone do Antigo Testamento gozava de concordância praticamente universal, e tanto Jesus quanto seus primeiros seguidores aceitavam-no sem questionamentos. Para nossos propósitos, a verdadeira questão é como o cânone do Novo Testamento veio a ser formado. Muita coisa está em jogo porque esses acontecimentos influenciam significativamente quanta confiança histórica podemos ter nesses documentos. Essa é a razão. Se o cânone do Novo Testamento fosse resultado de uma desagradável conspiração de pessoas poderosas que suprimiram outros livros com igual reivindicação quanto a estar corretos, seria muito difícil concluir que o Novo Testamento tal como se mostra é historicamente confiável. Além disso, se eles reconhecessem esses livros específicos em uma base puramente arbitrária – ou seja, sem boas razões para isso –, seria, igualmente, difícil dizer que esses livros nos oferecem um retrato preciso e confiável de Jesus. Finalmente, o mesmo poderia ser dito se o processo fosse essencialmente místico. Em outras palavras, se não houvesse razões historicamente acessíveis para privilegiar esses livros em vez de outros, exceto, digamos, por um "sentimento" pessoal sobre sua veracidade, não poderíamos ter muita confiança histórica neles. Dito de forma mais simples, para termos confiança histórica no que os documentos do Novo Testamento nos dizem, precisamos perguntar: "Será que nossas razões para examinar esses livros, em oposição a outros, são boas?".

Encurtando o assunto, sim, são boas. Mas chegar a essa conclusão dá um pouco de trabalho. Realmente necessitamos fazer duas coisas. Primeiro, temos de dispensar a ideia que tantas pessoas adotaram depois de *O Código Da Vinci* – de que o cânone do Novo Testamento foi criado por uma conspiração de bispos poderosos que agiram pérfida e injustamente, tentando suprimir inúmeros documentos igualmente notáveis. Segundo, precisamos perguntar se os primeiros cristãos tinham boas razões para privilegiar os documentos que eles finalmente fizeram. Se não houve uma conspiração para suprimir outros documentos e se os primeiros cristãos tinham boas razões para privilegiar os

documentos que aceitaram, é possível dizer com muita segurança que estamos, sim, de fato olhando para os livros certos.

Um mar inteiro de Evangelhos?

Vamos começar considerando se houve ou não uma conspiração para suprimir outros documentos. Vista de qualquer ângulo, tal ideia é um completo *nonsense*, e há pelo menos algumas razões para pensarmos assim.

Em primeiro lugar, não é verdade que a igreja primitiva esteve inundada por um mar de livros que exibiam uma diversidade de crenças como um arco-íris, e que eles responderam (conforme alguns apregoam de maneira colorida) limpando uma floresta de livros perfeitamente bons para deixar de pé apenas seus livros prediletos. Os primeiros cristãos simplesmente não tinham uma vasta diversidade de crenças. De fato, os *únicos* escritos cristãos seguramente datados do primeiro século são exatamente aqueles que compuseram o Novo Testamento. Não somente isso, como também o fato de os próximos livros mais antigos – datados da primeira metade do segundo século – terem sido escritos por um grupo de professores a quem chamamos de pais apostólicos, ou pais da igreja, e todos eles eram pujantemente concordes com a doutrina dos livros que acabaram por compor o Novo Testamento. Somente no final do segundo século – cem anos depois de a maioria dos livros que finalmente compuseram o Novo Testamento ter sido escrita – é que começaram a surgir documentos que se afastavam, de modo significativo, do ensinamento daqueles primeiros livros. No entanto, essas obras tardias mostram uma consciência também tardia dos livros anteriores, destacando-os apenas como desafiadores da forte tradição aceita.

Qual a vantagem aqui? A ideia de que houve, nos dois primeiros séculos da história cristã, um mar agitado, fervilhante, de "Evangelhos" e de outros documentos entre os quais era possível escolher simplesmente é falsa. Havia os livros do Novo Testamento e depois – um século mais tarde – livros que tentavam desafiá-los.

Em segundo lugar, as teorias da conspiração dependem todas desse mar turvo e fervilhante que persistiu por vários séculos antes que os bispos do século IV pusessem um fim nessa situação, mas parece que a igreja reconheceu os livros do nosso Novo Testamento como detentores de autoridade muito antes de qualquer teoria da conspiração na linha do tempo permitir. Em geral, os céticos dizem que nenhum cânone existia até que um concílio ou um bispo o tivessem codificado no século IV. Mas a realidade é que as evidências apontam que, embora a igreja debatesse a autoridade de um punhados de livros do Novo Testamento no século IV, os cristãos reconheceram a maior parte do que conhecemos como nosso Novo Testamento como detentores de autoridade até o final do século II. Na verdade, eles reconheceram a maior parte desses livros (incluindo a maior parte dos escritos de Paulo) como detentores de autoridade até o final do *século I*.

Quando se trata dos quatro Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João –, temos boas razões para acreditar que a igreja os identificou como detentores de autoridade exclusiva ainda bem cedo, muito antes do século IV. Uma testemunha muito interessante nessa discussão é o bispo Irineu de Lyons, que escreveu, por volta de 180 d.C., que foi o próprio Deus quem deu à igreja quatro Evangelhos porque existem quatro cantos da terra e quatro ventos. Ora, no decorrer dos anos, algumas pessoas não se cansaram de zombar de Irineu neste ponto; que tipo de idiota, dizem eles, faria tal afirmação: "Há quatro ventos, portanto deve haver quatro Evangelhos"? Como ele espera que esse argumento convença alguém? Vamos lá. Irineu não estava articulando um argumento *lógico* aqui. Não estava tentando *convencer* os céticos com esse raciocínio. Não, o que ele faz é ressaltar um aspecto *estético* sobre quão belo e próprio é que os cristãos tenham *quatro* Evangelhos, um ponto que ressoa primariamente em pessoas que *já estavam convencidas* e precisavam apenas de confirmação nessa convicção. Aqui está o ponto histórico. Que Irineu tivesse articulado essa espécie de argumento – não tanto querendo persuadir os

céticos, mas regozijando-se com os verdadeiros crentes e reafirmando suas convicções – mostra o reconhecimento de longo alcance, retrocedendo a 180 d.C., de que, na verdade, havia *quatro Evangelhos* – e *apenas* quatro Evangelhos.

Mas o fio condutor não termina nesse ponto. Retrocedendo mais ainda, o apologista Justino Mártir (por volta de 150 d.C.) parece ter aceitado a autoridade de quatro Evangelhos, como fizera um homem de nome Papias, que escreveu por volta de 110 d.C. E, para completar, há até mesmo a evidência intrigante de que Papias citou o apóstolo João como tendo aceitado os outros três Evangelhos com o mesmo estatuto daquele que fora escrito por ele próprio.[18]

Aqui está a questão. O quadro comumente aceito do cristianismo como um terreno frívolo de escritores diversos dos evangelhos e das epístolas, todos competindo igualmente por aceitação, até que um monte de bispos do século IV e seu imperador pagão os calaram e aniquilaram, é uma grande bobagem escrita só para vender livros. A realidade histórica é que a maioria dos documentos do Novo Testamento, especialmente os quatro Evangelhos, foi identificada e reconhecida como detentora de autoridade ainda no começo, e os escritos que dizem "desafiar" esse consenso geral só começaram a aparecer um século ou mais depois. O fato é que, se isso é verdade, teremos dado um importante passo para estabelecer a confiança histórica no cânone do Novo Testamento: simplesmente não havia conspiração para privilegiar esses livros e suprimir outros "igualmente plausíveis, mas embaraçosos".

Eles não escolheram; eles receberam

De qualquer forma, permanece outra pergunta. Ainda que os documentos do Novo Testamento não tivessem sido canonizados sob pretensões falsas ou malévolas, temos de perguntar se esses cristãos primitivos tinham razões boas, plausíveis e historicamente válidas para escolhê-los para a canonização.

Mas espere um pouco. Acabei de falar erroneamente no parágrafo anterior. Na verdade, os primeiros cristãos *nunca* teriam falado entre si sobre quais livros deveriam ser incluídos no cânone. Você poderia ter-lhes perguntado: "Por que você escolheu os pais que tem?" ou "Por que escolheu estes livros?".

O fato é que esses primeiros cristãos simplesmente não pensavam assim. Repetidas vezes, quando escreviam sobre quais livros estavam incluídos no cânone e quais não estavam, usavam termos como "*recebemos*" e "estes livros nos *foram entregues*". Seu entendimento acerca do próprio papel que desempenhavam nesse processo não era de juiz, com o dedo *apontando*, escolhendo, mas de uma mão aberta, voltada para *receber*.

Veja, este não é apenas um ponto semântico, nem mesmo espiritual (ainda). É uma questão histórica e tem bastante peso em nosso quadro mental de como se passou o processo da canonização. A ideia de que a igreja primitiva "escolheu" quais livros canonizar implica que tivessem começado com uma *tabula rasa* e um grupo de livros não diferenciados, e que, então, tivessem passado por um processo de avaliar esses livros para decidir quais entre eles seriam privilegiados. Mas isso não aconteceu assim, nem mesmo para um só dos primeiros cristãos. De fato, todos e cada um deles – na verdade, em cada geração – começaram não com *tabula rasa*, mas com um grupo de livros com autoridade que eles *herdaram* da geração anterior, e que essa geração, por sua vez, herdou de sua geração anterior, e assim em diante, até os próprios apóstolos. É verdade que, ocasionalmente, alguém desafiaria de alguma forma aquele conjunto herdado de livros, e os cristãos tinham de lidar com isso. Mas o fato é que eles simplesmente não falavam sobre *escolher* ou *decidir*, mas tão somente sobre terem *recebido aquilo que lhes foi entregue*. Sua postura era fundamentalmente humilde. Eles receberam; não escolheram.

Eles tinham boas razões

Assim mesmo, podemos perguntar como esses primeiros cristãos podiam estar tão seguros de que os escritos que reconheciam como tendo autoridade eram

realmente aqueles. Quando surgiam desafios à tradição herdada, com alguns apontando que este ou aquele livro *não* faziam parte do cânone, outros insistindo que *sim*, como eles respondiam? Será que os cristãos primitivos dispunham de critérios sólidos para dizer: "Sim, na verdade estamos confiantes de que este livro que recebemos faz parte do cânone, por estas razões" ou "Não, temos certeza de que este não faz parte do cânone, e foi por isso que não o integrou"? Em outras palavras, eles receberam *cegamente* o que lhes foi passado ou tinham razões boas e plausíveis para aceitar esses livros?

A resposta é que eles tinham, de fato, essas razões – os chamados critérios –, e quatro desses critérios se tornaram as principais provas: apostolicidade, antiguidade, ortodoxia e universalidade.

Se aqui tivéssemos tempo e espaço, simplesmente passaríamos por todas as fontes antigas em que os cristãos discutiam *por que* a igreja deveria ou não receber certos livros como autoridade e, por meio desse estudo, veríamos esses quatro critérios (e outros) emergirem. Porém, não temos tempo nem espaço – afinal, este pretende ser um livro pequeno! Felizmente, um antigo documento exibe pelo menos três desses quatro critérios usados em um só lugar. Esse documento, chamado Cânone Muratoriano (ou *Fragmento Muratoriano*), é uma tradução latina do século VII ou VIII de um documento que provavelmente foi escrito originalmente em grego, no final do século II. Você pode ver o texto na íntegra em qualquer livro bom e abrangente sobre o cânone (veja o Apêndice), mas aqui basta citar alguns trechos que ilustram como utilizaram nossos critérios. Vamos começar pelo mais importante: apostolicidade.

Razão 1: Apostolicidade

Apostolicidade é uma palavra complicada com significado simples. Em termos claros, aponta para um documento escrito por um apóstolo de Jesus ou por um companheiro próximo de um apóstolo de Jesus. Repetidas vezes, o autor do *Cânone Muratoriano* confia nessa prova específica para defender os

livros canônicos. Assim, por exemplo, ele diz: "O quarto dos Evangelhos foi escrito por João, um dos discípulos". Quanto ao Evangelho de Lucas, ele diz que foi escrito "sob a autoridade de Paulo por Lucas" e, de forma semelhante, ele diz das cartas paulinas que "o bendito apóstolo Paulo, ele mesmo, escreve... em seu nome às sete igrejas".[19]

A apostolicidade era o critério mais importante que a igreja primitiva adotava para identificar e defender a canonicidade. A ideia era extremamente simples e poderosa: não era qualquer pessoa que podia escrever um livro sobre Jesus e esperar que a igreja o reconhecesse como Escritura Sagrada. Não, esse nível de autoridade era reservado àqueles a quem o próprio Jesus tinha especificamente designado como apóstolos e a uns poucos seletos que eram companheiros próximos dos apóstolos.

Um fator interessante que notamos aqui é como muitos pretensos autores da Escritura nos séculos II a VI tentavam enganar a igreja *lançando os nomes dos apóstolos e de outros seguidores de Jesus do século I em seus documentos*! Por que faziam isso? Simples: eles sabiam que não tinham a mínima chance de ser reconhecidos como autoridade, a não ser que afirmassem que seus livros tinham origem em um apóstolo ou companheiro apostólico.

Razão 2: Antiguidade

O critério da antiguidade estava intimamente relacionado ao de apostolicidade e, de fato, provavelmente era usado, principalmente, para ajudar a determinar se um livro era de fato apostólico. Em termos simples, para um livro ter a autoridade de um apóstolo, teria de ser antigo, datado do primeiro século. Os livros escritos depois disso não se qualificaram, simplesmente porque todos apóstolos já teriam morrido até a virada para o segundo século. A antiguidade, portanto, não *garantia* a canonicidade, mas a falta de antiguidade imediatamente a *excluía*.

É exatamente isso que vemos no *Cânon Muratoriano*, que rejeita um livro chamado *O Pastor de Hermas* porque "foi escrito tardiamente em nossos

tempos, na cidade de Roma, por Hermas (...) e, portanto, não pode até o fim do tempo ser lido publicamente na igreja às pessoas, entre os profetas, que estão em número completo, ou entre os Apóstolos".[20] Novatos, os primeiros cristãos diziam, não adianta se candidatarem!

Razão 3: Ortodoxia

O terceiro critério de canonização era que um livro tinha de concordar com o padrão de verdade refletido na tradição doutrinária entregue pelo próprio Jesus. Em primeiro lugar, boa parte dessa tradição era oral, transmitida, através dos anos, de boca a boca. Porém, com o passar do tempo, quando vários Evangelhos e epístolas foram escritos e, subsequentemente, recebidos como autoridade, o próprio cânone tornou-se o padrão de acordo com o qual outros livros eram aferidos. Assim, se um livro aparecesse ensinando algo contrário aos livros já reconhecidos como canônicos, seria rejeitado. O autor do *Cânone Muratoriano* diz o seguinte sobre os quatro Evangelhos: "Embora várias ideias sejam ensinadas nos diversos livros dos Evangelhos, não faz diferença para a fé dos crentes, porque por um só soberano Espírito todas as coisas são declaradas quanto à Natividade, à Paixão, à Ressurreição, à conversa com seus discípulos [e] às suas duas vindas".[21] Os evangelhos não somente eram apostólicos e antigos; eram também consistentes com o padrão da verdade e, portanto, deveriam ser recebidos como autoridade sem hesitação.

Razão 4: Universalidade

Mais um critério provou-se importante na defesa da igreja primitiva de seu cânone recebido: a universalidade. Essa ideia diz que os livros reconhecidos como detentores de autoridade eram aqueles que os cristãos em toda parte do mundo conhecido usavam e valorizavam. Se um livro surgisse de uma seita específica ou fosse usado apenas em uma parte específica do mundo, era rejeitado. Por outro lado, um livro que fosse questionado por alguma razão

podia ver-se muito fortalecido se fosse adotado por cristãos no mundo inteiro. Na verdade, o uso difundido tanto de Hebreus quanto de Apocalipse contribuiu para que ambos esses livros finalmente fossem reconhecidos como canônicos.

Então... Nós temos os livros certos?

Está certo, então onde isso tudo nos deixa? Bem, inicialmente, deixa-nos com a conclusão segura de que o cânone do Novo Testamento não resultou de alguma conspiração nefasta, tardia, que privilegiasse um conjunto de livros, enquanto suprimia outros que teriam dado "uma diferente perspectiva" sobre Jesus. O fato é que não havia esses "outros", não até muito mais tarde, e tão somente como um desafio a uma tradição já estabelecida, que crescia com cada vez mais força. Isso também nos deixa muito confiantes de que os primeiros cristãos não apelavam simplesmente para o misticismo ou para a aleatoriedade ou ainda para um senso vago de *veracidade*, conforme hoje dizemos, para defender seu cânone. Pelo contrário, eles tinham razões boas e plausíveis, até mesmo historicamente significativas, para explicar por que *esses* livros, em oposição a quaisquer outros, eram os melhores para preservar a vida e os ensinamentos de Jesus: eram apostólicos (e, portanto, também antigos), estavam em consonância com a verdade, conforme ela foi transmitida por muitas gerações, e os cristãos do mundo todo os valorizavam e reconheciam sua autoridade.

Assim, quando se chega à pergunta: "Será que nós temos os livros certos?", pense do seguinte modo: nem um só dos documentos que compõem o nosso Novo Testamento falhou em qualquer desses critérios, todos muito razoáveis. Certo, alguns livros levaram um pouco mais de tempo para atender aos critérios do que outros, mas, no final, a igreja reconheceu cada um deles como tendo cumprido, de forma plena e satisfatória, aos critérios de autoridade. Isso quer dizer, de forma significativa, que nenhum livro do cânone do nosso Novo Testamento *não deveria* estar ali, de acordo com os critérios de razoabilidade.

São todos antigos, apostólicos, todos concordam com o padrão de verdade herdado e todos foram amplamente reconhecidos. Em suma, são testemunhas confiáveis da vida e dos ensinamentos de Jesus. Mais que isso – e talvez ainda mais importante: nenhum documento, em toda a história do mundo, que *pertença* ao cânone deixou de integrá-lo. É certo que alguns livros levantaram dúvidas logo nos primeiros séculos da igreja, mas, no final, cada um desses livros foi julgado como não sendo tão antigos, apostólicos, ortodoxos ou amplamente reconhecidos – ou uma combinação desses critérios. Já vimos, por exemplo, que o *O Pastor de Hermas* falhou no ponto da antiguidade e, portanto, também no da apostolicidade. Como foi escrito por Hermas, e não por um apóstolo ou companheiro próximo de um apóstolo, os primeiros cristãos disseram que não poderia fazer parte do cânon autoritativo. O *Evangelho de Pedro*, junto com diversos outros livros, falhou em dois pontos: (1) propunha revelar coisas que Jesus ensinou "em segredo", coisas que contradiziam o que todos já sabiam sobre o que Jesus ensinou publicamente – falhando, assim, na prova da ortodoxia; e (2) só foi usado em partes isoladas e espalhadas da igreja, falhando, assim, na prova de universalidade. O mais famoso, o *Evangelho de Tomé*, finalmente foi rejeitado não apenas por, provavelmente, não ter sido concluído até meados do segundo século (o que significa que não foi escrito pelo apóstolo Tomé, que, a essa altura, já estava morto), mas também por conter ensinamentos que todos sabiam ser estranhos, ou até mesmo contrários, aos ensino público de Jesus, já bem conhecido.

Permita-me ressaltar o seguinte ponto: imagine que você tivesse uma tábua em branco, a oportunidade de construir seu próprio cânone do Novo Testamento. Como você faria para definir uma lista de antigos documentos confiáveis, em oposição a outros que não seriam confiáveis? Você realmente acha que conseguiria apresentar critérios melhores do que estes: "Para ser crido, o livro

1. precisa ser escrito ou autorizado por aqueles que estiveram mais próximos de Jesus (antiguidade e apostolicidade)
2. não precisa afastar-se, de modo chocante, daquilo que sempre soubemos ser o ensinamento de Jesus
3. e ser sectarista ou provinciano, mas usado amplamente entre muitos cristãos (universalidade)"?

Francamente, acredito que apresentar algo melhor que isso seria extremamente difícil.

Para enfatizar esse ponto, exatamente quais livros em nosso Novo Testamento atual você excluiria de seu novo cânone de "livros nos quais confiar" e quanta diferença isso faria para o corpo de doutrina cristã? Mais ainda, quais outros livros você *insistiria* em incluir? Você torceria por *O Pastor de Hermas*, embora a maior parte dos primeiros cristãos soubesse que foi escrito por uma pessoa aleatória, mais de um século depois da morte de Jesus? Ou insistiria no *Evangelho de Pedro*, que não foi escrito por Pedro e é uma clara tentativa de inserir alguns ensinos "secretos" de Jesus dos quais ninguém antes ouvira falar (pisca, pisca, acredite, ele realmente teria falado isso)? O que dizer do *Evangelho de Tomé*, que não foi escrito por Tomé e requereria a canonização de passagens como esta:

Disse Simão Pedro: "Permita que Maria nos deixe, pois as mulheres não são dignas de Vida".

Disse Jesus: Façam dela um macho, para que ela também se torne espírito vivo que se assemelhe a vós, homens. Pois toda mulher que se faz homem entrará no Reino do Céu.[22]

(Sim, esse "evangelho" realmente diz isso.) Percebe a questão? Se formos honestos à luz de tudo isso, duvido que qualquer um de nós conseguisse uma coleção melhor de documentos confiáveis do que fez a igreja primitiva.

De fato, se você pensar bem, os primeiros cristãos parecem ter feito um bom trabalho na identificação de quais documentos deviam ser considerados guias confiáveis ao que Jesus realmente disse e fez. Por um lado, não parece

que eles estivessem envolvidos em jogos de poder ou conspirações para suprimir por completo *outros* documentos bons. Por outro lado, os documentos que eles, *de fato*, defenderam como detentores de autoridade parecem contar com razões bastante sólidas em seu favor.

Se esse for o caso, não precisamos temer estar com os documentos errados em mãos – ou seja, que realmente tenha havido outros em algum lugar que nos dariam um retrato *melhor* de quem era Jesus e do que ele fez do que o Novo Testamento. Na verdade, podemos ter bastante confiança de que os livros que temos em mãos são os *melhores*: os mais antigos, os mais confiáveis e os mais – em uma palavra – fidedignos.

É claro que isso só tem importância para os nossos propósitos se os escritores desses documentos realmente estavam tentando transmitir informações acertadas.

Mas e se não estivessem tentando fazê-lo?

---

15. Dan Brown, *The Da Vinci Code: A Novel* (New York: Doubleday, 2003), 231.

16. Para este capítulo, consultei especialmente Craig L. Blomberg, *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions* (Podemos ainda crer na Bíblia: uma abordagem evangélica de questões contemporâneas) (Grand Rapids, MI: Brazos, 2014); F. F. Bruce, *O Cânon das Escrituras.* São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2015; C. E. Hill, *What Is a Canon?* (O que é um cânone?).

17. *Who Chose the Gospels? Probing the Great Gospel Conspiracy* (Quem escolheu os evangelhos? Examinando a grande conspiração dos evangelhos) (Oxford: Oxford University Press, 2010); Paul D. Wegner, *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible* (A jornada dos textos para as traduções: origem e desenvolvimento da Bíblia (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999). Para um tratamento detalhado do cânone do Antigo Testamento, especificamente o debate sobre os Apócrifos, veja Wegner, *Journey*, 101-30; F. F. Bruce, "Old Testament", parte 2 in *The Canon of Scripture*.

18. Para esse argumento, ver C. E. Hill, Who Chose the Gospels? Probing the Great Gospel Conspiracy (Oxford: Oxford University Press, 2010), 207-25.

19. Citado em Wegner, *Journey*, 147, e em J. Stevenson (ed.), *A New Eusebius: Documents Illustrating the History of the Church to AD 337*, 3rd ed., rev. W. H. C. Frend (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013), 137-38.

20. Citado em Wegner, *Journey*, 148; Stevenson, *New Eusebius*, 138.

21. Citado em Wegner, *Journey*, 147; Stevenson, *New Eusebius*, 137.

22. *O Evangelho de Tomé*, dizer 114; tradução para o inglês citada por Blomberg, *Can We Still Believe the Bible?* (Podemos ainda crer na Bíblia?), 73.

Capítulo 5

MAS EU POSSO CONFIAR EM VOCÊ?

"As ruas estão todas abarrotadas. Barulho na multidão, parece a virada do Ano-Novo na cidade. Espere um pouco... O inimigo está agora à vista, acima das paliçadas. Cinco – cinco grandes máquinas. A primeira está atravessando o rio. Dá para ver daqui... Entregaram-me um boletim... cilindros marcianos estão caindo por todo o país. Um nos arredores de Búfalo, um em Chicago, St. Louis... parece que estão espaçados e são cronometrados... Agora a primeira máquina chega à praia. Ele para, vigia, olha a cidade.... e aguarda pelos outros. Eles sobem como uma nova linha de torres no lado oeste da cidade... Agora eles levantam suas mãos metálicas. *É o fim, agora.* A fumaça sai.. fumaça negra, pairando sobre a cidade. As pessoas nas ruas enxergam isso agora! Estão correndo em direção ao rio Oriental... milhares de pessoas, caindo na água como ratos! Agora a fumaça se espalha mais rápido. Chegou a Times Square. As pessoas tentam fugir dela, mas não adianta. Estão caindo como moscas! Agora a fumaça atravessa a Sexta Avenida... Quinta Avenida... Cem metros de distância... agora são cinquenta metros..." [Depois, o som de um choque, de uma luta e, em seguida, silêncio. Após, crepitando as ondas sonoras]: "2X2L chamando CQ... 2X2L chamando CQ... Nova York? Não tem ninguém aí no ar? Tem alguém aí? Não tem ninguém...".[23]

Em um domingo, 30 de outubro de 1938, por volta das 20:15, essa era a transmissão de notícias que pessoas por todo o país ouviram ao sintonizar a CBS (Sistema de Transmissão Colúmbia). Alguns minutos depois, o produtor

da estação, baseado em Nova York, estava no telefone com um prefeito irado do Meio-Oeste exigindo que a estação interrompesse a transmissão porque multidões estavam abarrotando as ruas de sua cidade. Em seguida, repórteres de outras rádios de notícias entraram em massa na sede da CBS, exigindo respostas. Eis como o produtor descreveu a cena:

> As horas seguintes foram um pesadelo. O prédio de repente estava cheio de pessoas e uniformes azul-marinho... Finalmente a imprensa foi liberada e vieram sobre nós, famintos do horror. De quantas mortes ouvimos falar? (Deixando implícito que eles sabiam de milhões.) O que sabíamos sobre o estouro fatal numa prefeitura de Jersey? (Deixando implícito que era um entre muitos.) Quantas mortes no trânsito? (As valas deviam estar abarrotadas de cadáveres.) Os suicídios? (Você não ouviu falar daquele na Riverside Drive?) Tudo está muito vago na minha memória e é bem terrível.[24]

O fato é que, graças a Deus, não houve nenhuma morte naquela noite – nem debandadas, nem trânsito, nem suicídio. Não havia ninguém nas mãos dos marcianos. Isso porque a "transmissão do noticiário", que supostamente levou tantas pessoas ao pânico naquele dia, era apenas um programa de rádio, uma produção da novela de H. G. Wells: *A Guerra dos Mundos*.

As pessoas sempre se indagaram a razão de tantas pessoas terem entrado em pânico por causa de um programa de rádio. Quer dizer, elas já tinham ouvido dramas de ficção antes e, na verdade, *A Guerra dos Mundos* integrava uma série intitulada *O Teatro Mercúrio no Ar*. Mas, nesse caso, diversos fatores – o temor quanto à guerra com a Alemanha, que pairava sobre todos, o fato de os intervalos comerciais terem sido mais espaçados nesse programa do que o usual, vários ouvintes terem perdido a abertura porque um programa popular em outra estação se alongou mais um pouco –, tudo isso criou a

tempestade perfeita, levando um bom número de pessoas realmente a acreditar que *os marcianos estavam invadindo a cidade de Nova York*!

É fascinante comparar esse episódio com os relatos da vida de Jesus na Bíblia. O que aconteceria se, como muitas das pessoas que escutaram a transmissão da CBS de *A Guerra dos Mundos*, nós estivéssemos simplesmente entendendo mal o propósito dos escritores bíblicos? E se eles realmente não estivessem tentando nos dizer o que aconteceu de fato, mas estivessem fazendo outra coisa – talvez escrevendo ficção, criando lendas ou mesmo tentando enganar-nos? Em outras palavras, como agora podemos ter segurança

1. de que nossas traduções dos manuscritos bíblicos são confiáveis,
2. de que nossos manuscritos bíblicos refletem acertadamente o que disseram os originais, e que estamos, de fato, olhando para os melhores e mais corretos documentos para a obtenção de informações,

a próxima pergunta é: Podemos estar seguros de que as pessoas que escreveram os documentos bíblicos são, elas mesmas, confiáveis? Elas realmente tinham a intenção de nos dizer acertadamente o que criam ter acontecido?[25]

Em busca de sinais

O interessante sobre o fiasco de *A Guerra dos Mundos* é que, no decorrer do programa, repetidamente havia sinais de que o que você estava ouvindo, durante toda a transmissão, não era um noticiário verdadeiro, mas uma dramatização. Os produtores nem eram sutis a esse respeito. Por exemplo, as primeiras palavras transmitidas foram: "O Sistema de Transmissão Colúmbia e suas estações afiliadas apresentam Orson Welles e *O Teatro Mercúrio no ar* em *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells".[26] As palavras seguintes, depois de o locutor engasgar com o gás marciano, foram: "Você está ouvindo uma apresentação da CBS, de Orson Welles e do Teatro Mercúrio no Ar, em uma

dramatização original de *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells. O espetáculo continuará após um breve intervalo".[27] O programa foi interrompido quatro vezes para os comerciais durante a transmissão. Mesmo assim, a CBS foi obrigada a anunciar *mais três vezes* naquela noite, *em rede nacional*, que Marte não havia realmente atacado!

> Para os ouvintes que sintonizaram hoje à noite a transmissão de *O Teatro Mercúrio no Ar*, das oito às nove da noite, horário do leste, e não perceberam que o programa era apenas uma adaptação contemporânea do famoso romance de H. G. Wells, *A Guerra dos Mundos*, estamos repetindo o fato já esclarecido por quatro vezes no programa, que, embora tenha havido referências aos nomes de algumas cidades americanas, como em todos os romances, novelas e dramatizações, toda a história e todos os acontecimentos nela contidos são fictícios.[28]

Pelo amor de Deus – e este era o ponto da CBS em seu último e irritado comunicado –, as pessoas deviam ter ouvido as pistas! Deviam ter "captado" as indicações do próprio programa de que, na verdade, não estava tentando reportar eventos reais. Tudo estava ali, bem na frente de todos.

Está bem, vamos voltar à nossa pergunta, precisamos saber se a Bíblia dá alguma indicação dessa espécie. Ela dá alguma dica de que devemos ler tudo, *não* com um esforço histórico, mas como se fosse ficção, lenda, mito ou qualquer outra coisa? Bem, a Bíblia na verdade, dá algumas indicações, mas todas elas apontam na direção *contrária*. Todas apontam para a conclusão de que os escritores bíblicos tinham, *de fato*, a intenção de relatar eventos de modo acertado, conforme eles os viram.

O que eles estavam fazendo?

Eis a questão. Se você quiser asseverar que os escritores bíblicos tiveram intenção diversa de relatar com precisão, a honestidade intelectual demanda não apenas que *assevere* essa declaração, mas também que proponha uma alternativa plausível. Se eles não estavam tentando relatar os eventos com precisão, então o que estavam fazendo, exatamente? Pensemos nisto:

1. Os autores bíblicos poderiam ter tido um *propósito não histórico* para escrever. Talvez eles, como H. G. Wells, estivessem escrevendo uma espécie de novela, que soubessem não ser verdadeira e que nunca tiveram a intenção de transmitir como verdade a qualquer outra pessoa. De forma semelhante, talvez estivessem construindo uma lenda, ou seja, tomando um conjunto de eventos razoavelmente banais e aumentando ou embelezando a história com detalhes extraordinários. Verdade, as pessoas que desenvolvem lendas muitas vezes acreditam que suas histórias podem dizer alguma coisa – por mais veladas que sejam – sobre a realidade ou as origens dessa pessoa, mesmo que saibam que os detalhes bizarros daquela história foram inventados. É óbvio que o problema reside no fato de que os ouvintes e leitores nem sempre sabem distinguir entre lenda e história, e acreditam que toda história é verdadeira. Então, quem sabe, o que temos na Bíblia seja *ficção* ou *lenda*, e não relatos, e os cristãos simplesmente não entenderam o trote?
2. Os autores bíblicos poderiam ter um *propósito enganador*. Talvez eles, como tantas pessoas antes e depois deles, estivessem intencionalmente tentando enganar a todos, fazendo-os acreditar em algo que realmente nunca aconteceu. Quem sabe foi tudo um embuste gigantesco, um jogo de poder ou uma ambição desenfreada?
3. Os próprios autores bíblicos *podem tem sido enganados*. Nem precisa pensar que alguém os tenha enganado deliberadamente para afirmar isso. Talvez suas próprias mentes estivessem enganadas, ou talvez as tradições que ouviram dos outros cristãos estivessem corrompidas. Qualquer que

fosse o caso, quem sabe, *inadvertidamente*, os autores tenham transmitido esse engano a nós?

4. Finalmente, talvez não tivesse tanta importância o que os autores bíblicos se propuseram a fazer, porque, ainda que *estivessem* tentando dar descrições precisas do que aconteceu, seus relatos são tão *irremediavelmente confusos, contraditórios e cheios de erros* que não podemos confiar em nada do que eles dizem.

Talvez um desses cenários realmente mostre a realidade. Mas e se pudéssemos ter a certeza de que nenhum deles é verdadeiro? Se passar a ser provável que os autores não tinham a intenção de escrever ficção ou uma lenda, que não estavam tentando enganar, que não estavam iludidos nem enganando a si mesmos, que seus escritos não estão cheios de erros, como algumas pessoas apontam, poderíamos concluir, com alto grau de confiança, que os autores tinham toda a intenção de nos dar informações exatas. Nesse ponto, poderíamos dizer, com toda certeza, que tais documentos são historicamente confiáveis. Ora, isso ainda não quer dizer que podemos acreditar que eles tenham acertado absolutamente em tudo; essa será uma questão a ser analisada no próximo capítulo. Mas isso ainda nos leva longe, porque não é pouca coisa poder afirmar com segurança: "Os autores bíblicos não estavam escrevendo ficção, não estavam perpetrando um embuste, não estavam iludidos nem irremediavalmente confusos. Realmente eles criam que tudo isso aconteceu".

Escritores de ficção?

Vamos pensar mais a fundo nessa questão, considerando a primeira possibilidade, de que os autores bíblicos teriam um propósito não histórico e que não tinham a intenção de que acreditássemos mesmo no que eles estavam dizendo. A primeira pergunta a ser feita é se os autores nos disseram, logo de cara, em algum lugar, que estavam escrevendo ficção, algo como a CBS

contando a seus ouvintes que eles estavam ouvindo uma peça dramática. A resposta é *não*. A Bíblia não contém nada desse tipo. Na verdade, repetidamente, os autores bíblicos declaram justamente o oposto. Eles nos falam, com todas as letras possíveis, que realmente creem no que estão dizendo e que desejam que nós também creiamos. Eis, por exemplo, como Lucas inicia seu relato da vida de Jesus:

> Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde a sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição ordenada, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lucas 1.1-4)

Como ele poderia ser mais claro quanto à sua intenção? Lucas fez "uma acurada investigação de tudo desde a sua origem", e agora está escrevendo uma "exposição ordenada" dessas coisas para que essa pessoa, Teófilo, "tenha plena certeza das verdades em que foi instruído" sobre Jesus. O que quer que Lucas esteja fazendo, não está produzindo um conto apenas para nosso deleite; ele quer que creiamos inteiramente em seu relato. João, igualmente, fala de seu intento ao fazer um relato da vida de Jesus:

> Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (João 20.30-31)

Percebe? Novamente, ele não escreve uma obra de ficção; ele realmente quer que as pessoas creiam que Jesus é o Cristo, o que significa que deseja que

acreditemos que as coisas que ele escreveu em seu livro realmente aconteceram. Em outro lugar, João também fala de sua intenção ao escrever:

> O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos próprios olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida. O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1 João 1.1, 3).

Dá para ver? A última coisa que João intenta que alguém diga em resposta a seus livros é: "Ah, esse João, que bom contador de histórias ele é! Ele realmente devia conseguir um bom contrato para seus livros!". Não, ele deseja que saibamos que, real e verdadeiramente, ele viu, ouviu e até mesmo *tocou* em algumas coisas e as experimentou, e agora as está proclamando a nós. Pelo menos no que tange à sua intenção declarada, João não escreve ficção ou lendas; ele realmente deseja que creiamos no que está dizendo.

Além dessas declarações faladas sobre sua intenção, os autores bíblicos também dão outras indicações de que desejam que creiamos no que escrevem. Por exemplo, pense em quantas vezes os autores se referem a eventos e circunstâncias históricas específicas e verificáveis. Tais alusões recheiam o Novo Testamento, mas um exemplo serve para demonstrar esse ponto. Observe esta curta passagem do evangelho de Lucas:

> No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Itureia e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. (Lucas 3.1-2)

Um autor apontou que nesse ponto, no espaço de apenas dois versículos, Lucas compacta nada menos do que 21 referências a pessoas, lugares e circunstâncias históricas, cada uma delas (e poderia ser logo depois que Lucas as escreveu) testada e verificável – ou *falsificável* se Lucas as tivesse posto errado![29] Encontramos a mesma atenção de Lucas aos detalhes em seu segundo livro, Atos, e os outros autores do Novo Testamento igualmente incluem referências contemporâneas, verificáveis em seus escritos. Observe novamente a seguinte questão: Lucas e os outros autores bíblicos não escreviam ficção ou lendas; pelo contrário, eram cuidadosos ao tecer suas histórias em uma trama verificável e detalhada da vida real e histórica. Eles realmente desejavam que crêssemos naquilo que escreviam.

Mas o que dizer se eles apenas quisessem que acreditássemos nas mentiras que contavam?

Com intenção enganosa?

Isso nos leva à segunda possibilidade, a de que os autores bíblicos pudessem ter um *propósito enganoso*. Será que eles podiam estar perpetrando um embuste para o mundo, tentando nos fazer crer em coisas que não aconteceram? Não é possível que, conquanto repetidamente insistissem em estar falando a verdade – até mesmo lançando mão de fatos históricos para uma boa aferição –, eles estivessem apenas nos induzindo ao engano, fazendo-nos acreditar em um monte de mentiras?

Bem, está certo. Qualquer coisa é possível. Mas nosso objetivo aqui não é apenas identificar algo que seja *ligeiramente possível*. É procurar chegar à confiança quanto ao que é *provável*. O fato é, quando se pensa com cuidado na situação, a probabilidade de os autores bíblicos estarem tentando enganar-nos cai para perto do zero absoluto. Vamos pensar em alguns pontos.

Em primeiro lugar, realizar um gigantesco embuste dessa natureza seria algo excessivamente difícil, se não impossível. Primeiro, todos os 27 livros do Novo Testamento foram escritos no espaço de algumas décadas da vida de Jesus.

Isso quer dizer que, quando esses livros começavam a circular, literalmente centenas – e, provavelmente, até milhares – de pessoas que viram com os próprios olhos Jesus e seus feitos ainda estavam vivas. Se Lucas, por exemplo, estivesse apenas inventando ou "enfeitando" as coisas, muitas pessoas poderiam ter dito: "Espera aí. Isso não aconteceu. Você está fabricando essa história, Lucas". Não temos nenhuma documentação de alguém que tivesse dito isso. Esse ponto toma ainda mais corpo quando se conclui que até mesmo as pessoas com maior interesse em pôr um fim ao cristianismo não puderam negar que Jesus realmente tenha feito e falado as coisas que os autores bíblicos diziam. Eles o acusaram simplesmente de ser mentiroso ou de estar errado. Se houvesse qualquer razão para achar que ele não disse tais coisas, ou seja, que os autores bíblicos haviam inventado tudo aquilo, você pode apostar que os opositores do cristianismo não perderiam tempo em apontar.

Segundo, engendrar um engano dessa magnitude na presença de tantas testemunhas oculares teria sido algo excessivamente difícil, mas, se alguém *estivesse tentando* fazer isso, os homens que foram considerados seus principais porta-vozes não seriam escolhas muito óbvias. Pense nisso. Você sabia que dois dos quatro autores dos Evangelhos – Lucas e Marcos – não eram apóstolos de Jesus, nem jamais tinham posto os olhos sobre ele? Lucas era amigo próximo e companheiro de viagem de Paulo, mas estava longe de ser um líder destacado na igreja, e não reivindicava qualquer autoridade. João Marcos era amigo e companheiro tanto de Pedro quanto de Paulo, mas, na verdade, é mais conhecido por ter abandonado Paulo na Panfília e, depois, por ter sido rejeitado por Paulo numa "forte desavença", quando ele quis voltar à obra (Atos 13.13; 15.37-41)! Mesmo Mateus, embora realmente fosse um dos apóstolos, tinha sido um "vira-casaca", cobrador de impostos para os romanos. Ora, se você estivesse querendo enganar o mundo com um embuste, é difícil imaginar que suas escolhas para a primeira versão seriam de um joão-ninguém, um desertor causador de divisões e um cobrador de impostos. Isso não o prepararia exatamente para uma vida de sucesso.

Isso nos conduz a um terceiro ponto. Se os escritores do Novo Testamento estivessem tentando enganar o mundo ou realizar um embuste, qual motivo plausível teriam? Fazerem um nome para si? Ficarem ricos? Ou talvez se tornarem líderes poderosos de uma igreja poderosa? Se esse fosse seu plano, temos de admitir que fracassaram de modo espetacular. Os apóstolos, em sua maioria, foram mortos por decapitação, crucificação ou por outros métodos de execução.

Além disso, se sua motivação fosse melhorar a própria imagem – ou até mesmo mentir ou exagerar para fazer com que o *cristianismo* parecesse atraente –, eles teriam sabotado a si mesmos ao citar tantos detalhes embaraçosos, incluindo coisas que fazem os heróis da história parecerem, bem, menos que heroicos. Se você estiver tentando criar um embuste para fazer com que sua nova religião pareça boa, por que ficaria ressaltando como seus futuros líderes são ingênuos quando se trata de entender o que Jesus dizia? Por que incluiria a história sobre o mal-entendido de Pedro em relação a Jesus, tanto que ele cortou a orelha de um homem e ainda levou uma bronca, como se fosse um menino levado? E por que você contaria histórias estranhas sobre Jesus (esse "Deus-homem" onisciente, que está tentando inventar) não saber quem tocou em sua túnica ou chorando com duas mulheres na frente de um túmulo, ou irritadamente amaldiçoando uma figueira porque ela não tinha nada para ele comer?

Eu sei que os cristãos dizem que todas essas histórias acabam tendo um profundo significado (e têm mesmo), mas qualquer pregador cristão admitirá que dá *trabalho* chegar até lá – o significado não está na superfície. Aí está a questão: se você estivesse elaborando um embuste motivado por "promover" uma nova religião, seu fundador e seus líderes teriam de parecer bem – esse não é o tipo de histórias que você inventaria. Com certeza, não exporia a "roupa suja" contando a história de como Marcos abandonou Paulo, como Paulo rejeitou Marcos quando ele voltou e tudo isso causou um rompimento gigantesco. A única razão para contar essas histórias e expor toda essa "roupa

suja" não é fazer com que pareçam bem, mas contar as coisas como realmente aconteceram.

É claro que você sempre pode dar uma de *candidato da Manchúria*[30] e dizer que todos os detalhes embaraçosos foram colocados para nos tirar dos trilhos, para fazer com que pensássemos que estavam dizendo a verdade, quando, na verdade, estavam mentindo. Mas, a essa altura, você estaria afundado em várias camadas de uma teoria da conspiração, e seria legítimo indagar se seu alvo era realmente chegar à verdade ou tão somente defender suas pressuposições.

Vamos destacar mais uma característica aqui, uma característica que se aplica a tudo que dissemos até aqui, neste capítulo. Ninguém morre por uma ficção e ninguém morre por um embuste. Se seu alvo, ao escrever, for simplesmente escrever romance ou ficção para perpetrar um engano, não manterá essa história se estiver preso a uma forca ou se sua cabeça estiver prestes a rolar. O único jeito de manter a história nessas circunstâncias é *se acredita que aquilo que escreveu realmente aconteceu*. Isso é exatamente o que vemos nas pessoas que escreveram o Novo Testamento. Enquanto eles escreviam e ensinavam, sabiam que poderiam ser mortos por causa do que estavam dizendo. No entanto, mesmo diante todas as ameaças e promessas, até o momento de sua morte, *eles continuavam reafirmando as mesmas coisas*. De qualquer ângulo que se examine a situação, esses homens não escreviam ficção e não estavam mentindo. Acreditavam naquilo que escreviam, e desejavam que nós também acreditássemos.

Simplesmente enganados?

Existe outra possibilidade, não é mesmo? E se os autores bíblicos não fossem enganadores, mas pessoas que foram enganadas? Essa teoria foi sugerida de diferentes formas ao longo dos séculos, mas nunca realmente se sustentou. Uma versão famosa disso, por exemplo, acusa todos os discípulos de uma alucinação coletiva de Jesus ressuscitado e voltando para escrever lendas que

preenchessem um pano de fundo hisórico. Mas não é preciso pensar muito para se chegar à conclusão de que isso seria altamente improvável.

Para início de conversa, "alucinação coletiva" é uma ideia sem sentido. Por definição, as alucinações são internas, pessoais e individuais. Acontecem na mente da pessoa e, a não ser que você queira postular alguma espécie de percepção extrassensorial ou conexão mental paranormal entre os seres humanos, elas não são contagiosas. Além do mais, levando-se em conta a quantidade de diferentes grupos de pessoas que declararam ter visto Jesus, o número de vezes distintas e a quantidade de semanas em que isso aconteceu, a noção de uma alucinação coletiva, sustentada e contagiosa é quase ridícula.

Outra versão mais sofisticada dessa teoria dá conta de que os discípulos de Jesus estariam sofrendo de pensamentos ilusórios patológicos. Vendo-se incapazes de aceitar a realidade da morte de Jesus, segue o argumento, eles viviam uma espécie de fantasia, acreditando e afirmando que, de fato, Jesus estava vivo e, em seguida, teriam escrito lendas para dar suporte a essa versão. Embora essa elaboração seja sofisticada, a ideia de que os discípulos estariam sofrendo de desejos patológicos irreais seria tão implausível quanto a outra, de "alucinação coletiva". Em primeiro lugar, ignorando-se todo o resto, não havia como os discípulos *desejarem* que Jesus ressuscitasse. Isso porque eles não contavam nem com tal categoria psíquica para essa espécie de coisa. A acusação dos "pensamentos ilusórios" faria muito mais sentido se os discípulos simplesmente afirmassem que Jesus estava *vivo espiritualmente* ou mesmo que não havia realmente morrido. Mas o que eles realmente disseram – que Jesus havia passado *pela* morte e agora estava vivo – foi algo completamente novo e sem precedentes. Falaremos mais a esse respeito em outro capítulo; no momento, basta dizer que não é possível enlouquecer *desejando* algo que nunca sequer tenha passado pela sua cabeça.

Além do mais, uma disposição ingênua, cândida e desejosa de crer em algo inexistente, de que Jesus estava vivo, é exatamente o oposto de como os autores bíblicos descrevem os discípulos. Mateus relata que "alguns

duvidaram" (Mt 28.17), e Lucas diz que, quando as mulheres foram contar aos outros que Jesus estava vivo, "tais palavras lhes pareciam um delírio, e não acreditaram nelas" (Lc 24.11). Mesmo quando Jesus apareceu para os discípulos, Lucas diz que: "Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estar vendo um espírito" (Lc 24.37). Temos, por fim, Tomé, que se recusou a crer até pôr o próprio dedo na marca dos pregos em seu lado e em suas mãos (Jo 20.24-25).

Nenhuma espécie de ceticismo (para antecipar um contra-argumento) se sustenta na Bíblia como uma virtude, como se os autores estivessem dizendo: "Vejam esses homens de personalidade forte, que não se deixam enganar facilmente. Certamente, *todas essas pessoas* não poderiam crer que Jesus estava vivo, a menos que isso realmente tenha acontecido!". Pelo contrário, a Bíblia retrata a descrença dos discípulos com significativo embaraço. Jesus, mais de uma vez, os repreendeu por isso, inclusive falando a Tomé: "Você acreditou porque me viu. Mas abençoados são aqueles que acreditaram *sem que me tivessem visto*!". Você consegue perceber a questão? Ao chamar a atenção para a falha dos discípulos em não terem crido, a Bíblia não os sustenta como baluartes exemplares, com base nas evidências. Ela nos relata o que aconteceu, mesmo com certo embaraço, e o que houve, definitivamente, não foi um caso patológico de pensamento ilusório.

Uma versão final desse argumento do autoengano é que os autores da tradição oral, sobre a qual os autores bíblicos às vezes se apoiam para escrever seus livros, *devem ter sido corrompidos* com o passar dos anos. Afinal de contas, Jesus morreu em 33 d.C., e o evangelho mais antigo do Novo Testamento não foi escrito antes do ano 60 d.C. Dessa forma, seria crível que os ensinamentos e as histórias sobre Jesus permanecessem intactos, incorrompíveis e sem nenhum acréscimo ou subtração durante vinte e sete anos, sendo transmitidos exclusivamente de boca a boca? Mais uma vez, devemos mencionar alguns fatos. Em primeiro lugar, embora pareça que todos os escritores do Novo Testamento recorreram, em algum grau, à tradição oral, observe que a

maioria deles – Mateus, João, Pedro, Tiago e Judas – foi testemunha ocular de tudo o que se passou. Se a tradição oral tivesse sido corrompida, eles teriam ciência desse fato. Não apenas isso. Quando você associa a declaração de Jesus, de que seu ensinamento tinha tanta autoridade quanto o dos profetas do Antigo Testamento, com o fato de que uma grande parcela de seus ensinamentos foi preservada de forma concisa e fácil de lembrar, não surpreende que os primeiros cristãos estivessem aptos e determinados a se lembrar de tudo, recitando todo esse conteúdo, palavra por palavra, por um longo tempo.

Além de tudo, quando esse conteúdo é transmitido oralmente, você vai concordar comigo que vinte e sete anos não é tanto tempo assim para um transmissão se manter intacta. Façamos um experimento. Recite a melodia infantil "Jack and Jill".[31] Estou falando sério. Vá em frente. Não precisa ser em voz alta; apenas pense nela e lembre-se das palavras de "Jack and Jill". Imagino que você tenha dito algo assim:

Jack e Jill
subiram o morro
para buscar um balde d'água;
Jack caiu,
E quebrou a cabeça,
E Jill veio rolando atrás dele.

Você sabe quando a letra de "Jack and Jill" foi escrita? Não, não sabe. Ninguém sabe, embora, até hoje, haja muito debate a esse respeito! Ao que sabemos, a mais antiga publicação *sobrevivente* dessa rima vem de um livro chamado *Mother Goose's Melody: or, Sonnets for the Cradle*, (Melodia da Mamãe Gansa: ou sonetos do berço), impresso em Londres, em 1791, há mais de duzentos anos.[32] Você já viu esse livro? Aprendeu "Jack and Jill" na edição de 1791, nas melodias da Mamãe Gansa? Aposto que não. De fato, aposto que

você não pesquisou essa letra em nenhum livro; alguém simplesmente *ensinou* você a recitá-la em algum momento de sua infância. Além disso, tenho certeza de que essa pessoa que ensinou esse versinho a você também não o pesquisou no livro 1791, nem em outro qualquer. É provável que alguém o tenha ensinado a ela, e essa pessoa, por sua vez, também foi ensinada por outra, que foi ensinada por outra, há muito tempo. Isso é tradição oral. Então, quantas vezes você imagina que, nos últimos duzentos anos ou mais de transmissão oral, houve quem corrompesse e mudasse o versinho "Jack and Jill"? Quanto você imagina que nossa versão moderna difere da que foi publicada em 1791? Dê uma olhada:

> *Jack* e *Gill*
> subiram o morro,
> para buscar um balde d'água;
> *Jack* caiu,
> E quebrou a cabeça,
> e *Gill* veio rolando atrás dele.[33]

É isso mesmo. Foi impressa assim, completa, com os itálicos, em 1791! À exceção da ortografia de "Gill", que hoje é com J, o jeito de recitar o poema "Jack and Jill" é o mesmo de *mais de duzentos anos atrás*. Então, deixe-me repetir: manter as coisas intactas por meros vinte e sete anos de transmissão oral simplesmente não seria tão difícil assim.

Veja, o ponto aqui não é que "Jack e Jill" seja exatamente um parâmetro para a tradição oral do Novo Testamento; não é, e você provavelmente poderá apontar muitas diferenças entre ambos. A questão simples é que a manutenção de uma tradição oral até mesmo por um tempo muito longo não é tão difícil quanto parece à primeira vista – muito menos impossível.

Aqui estamos: nenhuma das diversas versões sobre a teoria de "autores enganados" tem fundamento. A acusação de que os discípulos haviam

experimentado uma alucinação coletiva não é plausível nem faz sentido. Tampouco parece que os discípulos sofreram de um caso patológico de pensamentos ilusórios; além do mais, eles não teriam sequer ansiado por uma ressurreição. E, finalmente, como testemunhas oculares, passadas apenas poucas décadas daqueles eventos, certamente eles não eram vítimas inocentes de uma tradição oral corrompida, apenas vinte e sete anos depois.

Totalmente confusos?

Os autores dos documentos do Novo Testamento não escreviam ficção nem estavam tentando enganar; tampouco eles mesmos estavam enganados ou iludidos. Resta uma possibilidade final, porém: a de que, em última instância, o propósito dos escritores não importa. E a razão é que, mesmo que eles *estivessem* tentando fazendo uma descrição acurada do que aconteceu, seus livros seriam tão irremediavelmente confusos, contraditórios e cheios de erros que não poderíamos confiar em qualquer coisa a seu respeito.

Talvez o mais importante a dizer em resposta a essa acusação é que se trata de um juízo falso, articulado por muitos que *não* examinaram as evidências e por praticamente ninguém que as *tenha* examinado. Isso porque, ainda que a Bíblia tenha sofrido ataques mordazes e rigorosos por parte dos céticos por mais de duzentos anos, é razoável dizer que todas as alegadas contradições, incoerências ou erros têm encontrado pelo menos uma solução plausível – e, com frequência, até mais do que uma. Reconheço que essa afirmação é abrangente e gigantesca, e a melhor forma de prová-la seria usando centenas de páginas, criando um compêndio de alegados "pontos problemáticos" e analisando-os para encontrar as soluções plausíveis. Porém, não vamos fazer esse tipo de trabalho detalhado e exaustivo aqui, pois outros livros já fizeram isso muitas vezes. Portanto, se alguma passagem específica da Bíblia o tem deixado perplexo, eu o estimulo a procurar um desses livros, pesquisar o problema e ler mais a esse respeito (veja o Apêndice). Com estudo paciente e

entendimento cuidadoso, até mesmo os problemas mais espinhosos serão resolvidos.

Por outro lado, se você é uma pessoa que faz esse tipo de acusação à Bíblia, vou expor do modo mais claro possível: acho que você tem a responsabilidade intelectual ou de deixar de fazer essas acusações ou de ler os esforços bem-intencionados de muitos acadêmicos cristãos no sentido de apresentar as soluções plausíveis – em geral, até mesmo *prováveis* – às incoerências e aos erros que os céticos apontam. Eu bem sei que todo esse trabalho poderá, no final das contas, não convencê-lo totalmente. Talvez você ainda saia coçando a cabeça ou mesmo alardeando algumas passagens. Tudo bem. Mas posso assegurá-lo de que, se fizer esse trabalho, sairá dali com mais respostas convincentes do que duvidosas. O que você simplesmente não pode fazer – pelo menos não com integridade intelectual – é continuar insistindo que a Bíblia é irremediavelmente contraditória e repleta de erros, mas, ao mesmo tempo, recusar-se a fazer o trabalho necessário para testar essa assertiva. Vá em frente, verifique. Você poderá surpreender-se com o que encontrará.

O fato é que muitas das inconsistências alegadas pelos céticos acabam *não* sendo problemáticas quando você lê com mais atenção. A despeito de dois séculos de preocupação com detalhes insignificantes, os acadêmicos têm proposto soluções plausíveis *para cada uma* das alegadas inconsistências. Você só precisa de integridade intelectual suficiente para dedicar parte de seu tempo a pesquisá-las em um livro.

Digamos, no entanto, que você não esteja convencido por quaisquer explanações, mesmo após estudá-las cuidadosamente. Você ainda terá de se perguntar: "Será que as aparentes discrepâncias dos relatos provam suficientemente que *nada aconteceu* ou que *nunca saberemos o que realmente aconteceu*?". Quanto sentido faria, realmente, dizer: "Puxa, Mateus diz que havia duas mulheres ao lado do túmulo vazio de Jesus, enquanto Lucas fala de três ou mais mulheres ao lado de seu túmulo vazio? Está claro que não se pode saber nada sobre o que aconteceu naquele domingo pela manhã"? É claro que

você não diria isso! Destacar algumas aparentes discrepâncias nos detalhes dos relatos das testemunhas oculares pode significar muita coisa, mas, certamente, não quer dizer que *nada tenha acontecido*, nem significa que não possamos conhecer nada a respeito dos acontecimentos.

Sem dúvida, essa questão – sobre quantas mulheres foram ao túmulo – oferece um bom exemplo de como podemos facilmente harmonizar as *aparentes* inconsistências. Mateus não afirma que somente duas mulheres estavam ali; ele simplesmente menciona apenas duas mulheres pelo nome (Mt 28.1). Lucas também não diz nada sobre quantas mulheres foram ao túmulo, mas que três mulheres cujos nomes ele menciona, como também algumas "outras mulheres", contaram aos apóstolos a respeito do que acontecera no túmulo (Lc 24.10). O que ocorre aqui? Mateus e Lucas estariam se contradizendo um ao outro? Não. Se você pensar um pouco, há muitas soluções possíveis. Talvez Lucas simplesmente ofereça um quadro mais completo do número de mulheres que foram à sepultura do que Mateus, enquanto Mateus cita os nomes de apenas duas mulheres específicas daquele grupo maior. Também é possível que somente duas mulheres tenham ido ao túmulo, mas, quando voltaram, contaram a outras mulheres e, então, muitas delas relataram a história aos discípulos. De qualquer maneira, você entendeu a questão: podemos ensaiar muitas soluções plausíveis para as aparentes incoerências, e não devemos ser rápidos demais em gritar: "Contradição!".

Além disso, falando historicamente, o fato de as narrativas não terem sido corrigidas e alinhadas em todas as suas aparentes discrepâncias, fala bem, na verdade, quanto à sua confiabilidade. Como diz um estudioso:

> As histórias exibem (...) exatamente aquela tensão superficial que nós associamos, não com contos artisticamente relatados por pessoas prontas a sustentar uma ficção, e, portanto, ansiosas por fazer tudo parecer certo, mas com os relatos apressados, confusos, daqueles que

viram com os próprios olhos algo que os tomou de surpresa, com o qual ainda não conseguiram lidar completamente.[34]

No fim, é perfeitamente razoável concluir que os documentos bíblicos não são nem um pouco contraditórios ou cheios de erros quanto algumas pessoas desinformadas apontam. Mesmo nas passagens em que os detalhes das histórias específicas não se alinham de imediato, tal evidência não nos força a erguer as mãos e declarar que nada aconteceu. Na verdade, isso dá aos relatos da vida de Jesus exatamente o tipo de característica que esperaríamos de várias testemunhas de um evento extraordinário: que se sentassem não para contar uma ficção, não para enganar, não para perpetrar um embuste, mas simplesmente para contar o que creem que aconteceu.

Um grande momento

Está certo, este é um momento importante. Então, respire fundo e vamos em frente! A esta altura da argumentação, podemos chegar a uma conclusão bastante significativa. Podemos dizer, com alto grau de confiança que... espere aí...

A Bíblia é historicamente confiável

Você se lembra de como chegamos até aqui? Movendo-nos como se fôssemos leitores pelo tempo até o momento em que os acontecimentos foram documentados, determinamos que podemos confiar que

1. Nossas traduções dos manuscritos bíblicos são acuradas;
2. Nossos manuscritos bíblicos refletem acertadamente o que diziam os originais;
3. Estamos, de fato, olhando para os documentos certos e melhores para se obterem informações; e
4. Os autores dos documentos bíblicos não estavam escrevendo ficção nem estavam enganando ninguém, tampouco estavam iludidos ou enganados,

mas realmente escreviam para nos dizer o que eles acreditavam ter acontecido…

Se essas quatro declarações são realmente conclusões razoáveis, podemos confiar que a Bíblia nos diz aquilo que os escritores realmente criam haver acontecido.

É claro que isso nos deixa com uma pergunta final. Podemos ter confiança de que aquilo em que os escritores *creram* aconteceu… realmente aconteceu?

---

23. "The War of the Worlds" (A guerra dos mundos), Internet Sacred Text Archive. Acesso em 26 maio 2015, http://www.sacred-texts.com/ufo/mars/wow.htm.

24. John Houseman, *Run Through: A Memoir* (New York: Simon & Schuster, 1972), 404.

25. Para este capítulo, baseei-me especialmente no livro de Craig L. Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*, 2nd ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007).

26. "War of the Worlds."

27. Ibid.

28. Hadley Cantril, Hazel Gaudet e Herta Herzog, *The Invasion from Mars: A Study in the Psychology of Panic, with the Complete Script of the Famous Orson Welles Broadcast* (A invasão marciana: um estudo da psicologia do pânico, com o roteiro completo da transmissão de Orson Welles) (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1940), 43-44.

29. Nathan Busenitz, *Reasons We Believe: 50 Lines of Evidence That Confirm the Chrisian Faith* (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 127.

30. No original, *Manchurian Candidate*. A expressão "candidato da Manchúria", presente no vocabulário norte-americano, significa "uma pessoa hipnotizada e instruída a agir quando seus controladores acionam o gatilho psicológico". (N. do E.)

31. "Jack and Jill" é uma melodia infantil, popular nos Estados Unidos. No original: "Jack and Jill/ went up the hill/ to fetch a pail of water/ Jack fell down/ and broke his crown/ and Jill came tumbling after". (N. do E.)

32. Um facsímile da edição de 1791 de *Mother Goose's Melody* pode ser encontrado em Colonel W. F. Prideaux (ed.), *Mother Goose's Melody: A Facsimile Reproduction of the Earliest Known Edition, with an Introduction and Notes* (Londres: A. H. Bullen, 1904), disponível on-line. Acesso em 26 maio 2015, https://archive.org/stream/mothergoosesmelo00pridiala#page/n27/mode/2up.

33. Prideaux, Mother Goose's Melody, 37, https://archive.org/stream/mothergoosesmelo00pridiala#página/37/mode/2up.

34. N. T. Wright, *The Resurrection of the Son of God*, vol. 3 de *Cristão Origins and the Question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), 612.

Capítulo 6

ENTÃO, ACONTECEU MESMO?

Talvez eu não precise convencê-lo de que, às vezes, as pessoas podem ter muita certeza de alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, estarem absolutamente erradas. Não dá para contar quantas vezes na minha vida eu tinha certeza absoluta de que vi algo acontecer, para descobrir mais tarde que o que *achei* que tinha visto não era realmente o que havia acontecido.

Esta é a questão final que precisamos confrontar ao considerar a confiabilidade da Bíblia. Será possível que os autores bíblicos *tivessem a intenção* de nos dizer o que realmente aconteceu, que eles mesmos criam que o que documentaram realmente aconteceu, mas que pudessem estar errados quanto a isso? Não estou dizendo que eles tenham sido iludidos ou estivessem tentando fazer um embuste ou escrever ficção, mas que estivessem – como todos nós experimentamos de tempos em tempos – apenas simples e totalmente errados? Formulando a questão de modo mais incisivo, podemos, de algum modo, ter certeza de que os autores bíblicos estavam certos ao documentar o que relataram – ou seja, o que eles *pensavam* e *disseram* ter acontecido realmente aconteceu?[35]

Não, não há como saber ao certo se estamos nos referindo a uma *certeza matemática*. Mas temos de nos lembrar que *nunca* poderemos alcançar certeza matemática quanto a eventos históricos. Entre você e qualquer acontecimento na história que você não tenha vivenciado em primeira mão, existe uma lacuna na certeza que nenhum somatório de lógica, raciocínio, cálculo de equações ou colheita de evidências chega perto de fechar completamente. Sempre será possível – *remotamente* possível, mas, ainda

assim, possível – que estejamos *errados* quanto a *tudo*. Certa vez alguém se referiu a essa lacuna de certeza como um "fosso largo e feio".[36] E algumas pessoas, ao fitarem esse fosso, simplesmente levantam os braços e declaram que jamais devemos confiar em qualquer afirmativa histórica. Mas essa posição extremista nos atira num escuro niilismo histórico e, com certeza, nenhum de nós deseja viver assim ou tem a capacidade de fazer isso de forma coerente. Não, todos nós sabemos que, mesmo quando não conseguimos chegar a uma certeza matemática quanto aos acontecimentos na história, podemos, de fato, chegar a uma *confiança histórica* a seu respeito – um grau suficientemente elevado de confiança que diga: "Sim, eu estou bem certo de que isso aconteceu", para, então, viver, apoiar-se e agir com base nesses acontecimentos.

A história, portanto, não transaciona com as certezas matemáticas. Na verdade, a história nem procura encontrar certezas. Na verdade, ela trata das probabilidades, que, em último caso, se traduzem em confiança de que algo realmente aconteceu. Assim, em qualquer dado evento, primeiro a história pergunta se a fonte que o reportou parece confiável, usando exatamente o tipo de perguntas que temos feito sobre a Bíblia. Em seguida, assim que tiver determinado que a fonte parece confiável, pergunta: "Será plausível pensar que o que essa fonte confiável reportou realmente aconteceu como evento na história?". Em geral, é fácil responder a essa questão: "Sim, é claro que é plausível". Se uma fonte confiável diz que determinado exército atravessou determinado rio, se nada existe que aponte ser implausível essa travessia, e nenhuma outra evidência nos leva a pensar que talvez o exército *não* tenha atravessado o rio, costumamos dizer: "Sim, o exército tal e tal *realmente* atravessou o rio". Essa não é uma certeza matemática, mas é uma *forte* certeza histórica.

O problema dos milagres

Mas, quando se trata da Bíblia, veja o problema. Certamente, ela conta histórias de exércitos que atravessaram mares, mas somente depois de Deus ter partido o mar em dois para que o exército andasse em terra seca! Também fala de um homem transformando instantaneamente água em vinho e andando sobre a superfície do mar e curando as pessoas com uma só palavra e até mesmo ressuscitando dos mortos três dias de ter sido morto. O que acontece com tudo isso? Sejamos honestos. Quando uma fonte histórica – mesmo uma que determinamos ser autêntica e confiável – começa a relatar fatos desse tipo, não saudamos essas notícias com o mesmo bocejo, dizendo "É, é", como diríamos da comunicação de que um exército tenha atravessado um rio. Nossa tendência é dizer: "Vamos lá! Você não pode estar falando sério!".

Por que reagimos assim? Bem, provavelmente alguns fatores contribuem para nosso ceticismo natural em relação a histórias de milagres, porém o mais óbvio é também o mais importante. As pessoas que naturalmente duvidam de milagres são aquelas que *nunca os experimentaram*. Não há nada de surpreendente nisso; todos nós achamos difícil acreditar em coisas que se encontram completamente fora da nossa experiência.

Eis um exemplo frequentemente usado: imagine um homem que tenha vivido toda a sua vida – muito tempo atrás, antes de haver eletricidade ou qualquer tecnologia moderna – em uma ilha tropical perto da linha do Equador. Um dia, aparece um navio, e os marinheiros dizem que são de um país bem longe, lá no norte. Começam, então, a falar da fantástica substância chamada *gelo*, que é água que se transforma em pedra quando fica muito frio. Ora, nosso amigo da ilha equatorial não tem absolutamente nenhuma experiência de gelo, nem mesmo do tipo (propício) de frio que é necessário para fazê-lo. Então, provavelmente, ele terá muita dificuldade em acreditar que essa "água realmente se tenha transformado em uma pedra muito fria". Ele pode até mesmo declarar que isso é *impossível* e que os marinheiros são

simplórios ou mentirosos. O gelo está total e completamente fora de sua experiência, e ele não acredita em gelo.

No entanto, o gelo existe.

Quando se trata de milagres, penso que muitos de nós somos como aquele sujeito dos Trópicos em relação ao gelo. Nunca experimentamos qualquer pessoa andando sobre a água ou transformando água em vinho ou mesmo ressuscitando dos mortos, então partimos da premissa de que essas coisas não acontecem – *não podem* mesmo acontecer. Mas, só porque nunca experimentamos essas coisas, isso não significa que não existam, assim como o gelo não existiria porque a ilha na qual aquele homem mora nunca vivenciou uma coisa assim. Na verdade, para alguém que *tenha experimentado* milagres – e milhões de pessoas no mundo dizem que experimentaram –, todas essas perguntas quanto ao fato de os milagres serem plausíveis (e possíveis) parecem um tanto tolas. "Claro que são plausíveis", dizem essas pessoas; "Eu já os *vi*". Com certeza, você pode ser como o ilhéu e insistir que todas aquelas pessoas são ingênuas ou mentirosas, mas elas balançarão a cabeça, sorrirão e dirão: "Um dia, meu amigo, espero que você tenha o prazer de experimentar um *milkshake*".

Você vê? Isso tudo é para dizer que não se pode apenas declarar que os milagres – e, portanto, a Bíblia – são implausíveis simplesmente com base em sua experiência própria ou na falta dela. Outras pessoas têm tido diferentes experiências das suas, e dizer que cada experiência diferente da sua é necessariamente falha seria o cúmulo da arrogância. Portanto, se você vai declarar milagres como irremediavelmente implausíveis, vai precisar de uma boa razão para fazê-lo.

Argumentos contra os milagres: a objeção científica

No decorrer dos séculos, as pessoas têm oferecido dois principais argumentos para declarar que os milagres – inclusive os relatados pelos autores bíblicos –

são completamente implausíveis ou mesmo impossíveis. Vamos tirar um momento para pensar em cada um desses.

Primeiro, alguns têm oferecido objeção científica a milagres de qualquer espécie. Essa objeção diz, em essência, que os avanços da ciência, especialmente nos últimos dois séculos, têm provado que os milagres são impossíveis. As pessoas só acreditavam em milagres, em primeiro lugar, dizem, porque não entendiam como funciona o mundo e, portanto, eram indevidamente propensas a acreditar no sobrenatural. Havia lacunas em seu conhecimento de biologia e astronomia, química e ecologia, e elas preenchiam essas lacunas apelando para os milagres. Mas, hoje em dia, como a ciência tem preenchido tantas das lacunas que os milagres costumavam explicar, podemos concluir, com segurança, que os milagres são desnecessários e, portanto, que realmente não acontecem.

Será que tudo se passa assim mesmo, de uma forma tão simples? Quer dizer, mesmo a primeiríssima premissa – de que as pessoas só acreditavam em milagres porque não entendiam como o mundo funciona tão bem quanto entendemos hoje – realmente não se aplica muito bem à maior parte dos milagres na Bíblia. Afinal, mesmo as pessoas da antiguidade sabiam muito bem que são necessárias duas pessoas para se fazer um bebê, que, se você tentar andar sobre a água, vai afundar, e que gente morta não ressuscita! No entanto, esses escritores bíblicos afirmaram: "Essas coisas aconteceram. Nós vimos acontecer". Além disso, com todo o nosso conhecimento recém-obtido, até agora não conseguimos explicar as coisas que essas pessoas testemunharam melhor do que elas. Nem mesmo agora podemos dizer aos escritores bíblicos: "Ei, seus cabeças de vento, vocês não sabem que o que aconteceu não foi um milagre, o fato de um homem andar sobre a água? Se você conhecesse, como conhecemos hoje, as leis da física quântica e a teoria da relatividade, teria entendido que andar sobre a água é um fenômeno completamente natural, e não justifica que alguém fique empolgado por isso. Além disso, a propósito, uma criança nascer de uma virgem, um homem

acalmar uma tempestade ou curar os doentes com uma só palavra ou um homem ressuscitando dos mortos, veja bem, a ciência pode explicar essas coisas também". Não, o fato é que a ciência não tornou esses eventos menos surpreendentes para nós do que foram para eles.

Dá para entender meu ponto de vista? O problema em dizer que a ciência avançou a ponto de que agora podemos explicar os milagres de um modo natural – inclusive os da Bíblia – é que a ciência *não consegue explicar* os milagres relatados na Bíblia. *Nem pode* fazê-lo. Então, por que devemos crer na reivindicação *tão maior* de que a ciência *já provou* que essas coisas nunca poderão acontecer de jeito nenhum?

A resposta é que não devemos crer nisso. Em termos mais claros, essa objeção corre além de seus próprios calções de corrida. Não é só o caso de a ciência haver *provado* que o sobrenatural não acontece e não pode acontecer. Muitas coisas que acontecem no universo – e na experiência humana –, a ciência não pode explicar. Não me entenda mal. Não estou dizendo que qualquer coisa que a ciência não consiga explicar tem de ser sobrenatural. Não, a ciência progredirá, e vai responder a muitas perguntas no futuro às quais agora não consegue responder. Porém, nenhum cientista verdadeiramente em sintonia com a promessa e *os limites da ciência* – especialmente com os avanços mais recentes, nos campos da física quântica, da astronomia, até mesmo da biologia – jamais diria algo como: "O universo é e sempre será totalmente explicável". Na verdade, um cientista assim provavelmente diria algo mais como: "Sabe, quanto mais descobrimos, mais percebemos quanto realmente não entendemos e, na verdade, quanto pode estar, afinal, além do entendimento".

Além do mais, toda a questão quanto ao fato de os milagres serem ou não possíveis, em último caso, toca na questão de existir ou não um Deus, não é mesmo? Se houver, então os milagres são possíveis e pronto. Porém, todo mundo concorda que a ciência é totalmente incapaz de testar se Deus existe. Ela jamais provará que não há Deus e, portanto, jamais *provará* que os

milagres são impossíveis. À luz disso, a declaração frívola e presunçosa que já ouvi de tantos primeiro-anistas da faculdade de ciências biológicas – "A ciência *provou* que as coisas sobrenaturais absoluta e positivamente não podem acontecer" – começa a soar embaraçosamente frágil.

Argumentos contra milagres: a objeção filosófica

Uma segunda objeção contra a plausibilidade dos milagres é de *natureza filosófica*. Diz que, mesmo que a ciência não possa provar a *impossibilidade* dos milagres (uma concessão significativa, note bem!), ainda assim devemos dizer que a *probabilidade* de algo milagroso acontecer de verdade é infimamente pequena e, portanto, nunca devemos crer nela. Por exemplo, nunca deveríamos acreditar que Jesus realmente andou sobre a água porque, se X representa todos que já tentaram andar na água e afundaram (vamos colocar esse número em dez bilhões, uma estimativa tosca de todos os que já viveram neste planeta), então a *probabilidade* de Jesus ter realmente andado sobre a água é de uma em dez bilhões. Não muito alta.

Porém, vejamos. Essa objeção acaba provando muita coisa. Não é possível apenas fazer estimativas de probabilidades em tudo para determinar se você vai acreditar em algo ou não. Se você fosse fazer isso, teria de duvidar de *tudo* que fosse incomum ou fora do usual, e mais ainda se fosse único. Há cerca de sete bilhões de pessoas no mundo de hoje, mas, até onde se sabe, apenas *uma* faz a corrida dos cem metros em 9,58 segundos. Assim mesmo, seria estúpido e arrogante se eu dissesse: "Humm. Sabe que a probabilidade de Usain Bolt ter corrido os cem metros em 9,58 segundos é de uma em sete bilhões? Seria uma estupidez acreditar nisso". Do mesmo modo, só porque é surpreendente pensar em Jesus andando sobre a água não significa que não tenha acontecido. Afinal, os próprios discípulos também ficaram muito surpresos com isso, tendo sido exatamente essa a razão para terem escrito a esse respeito.

Então, chegamos até aqui. Naturalmente, os céticos formulam muitas variações desses dois argumentos, mas nenhum deles tem mais sucesso do que esses dois ao excluírem os milagres ou o sobrenatural do âmbito da realidade humana. A ciência não oferece uma explicação para aquilo que os escritores bíblicos nos contam ter visto e, certamente, não se provou que coisas assim sejam impossíveis. Além do mais, simplesmente não faz sentido decidir o que é plausível com base nas probabilidades. O fato é que, se você afirma que o sobrenatural não acontece (nunca, de modo nenhum), terá de fazer exatamente isto: *asseverá-lo* sem dispor de evidências, realmente por nenhuma boa razão. Em outras palavras, terá de acreditar nisso com base na pior espécie de fé cega.

Os milagres bíblicos são plausíveis?

Portanto, os escritores bíblicos afirmaram ter visto coisas extraordinárias acontecerem, e nós não temos razão lógica para dizer que essas coisas são inerentemente impossíveis ou até mesmo irremediavelmente implausíveis. Há, porém, outra pergunta que surge aqui. Muitas pessoas contaram muitas histórias sobre coisas "milagrosas". Os babilônios o fizeram. Os gregos também. Também os romanos. Ninguém diz que nós devemos crer em *suas* histórias de milagres. Então, por que a Bíblia seria diferente? O que torna suas histórias mais plausíveis do que a desses outros povos? Bem, a resposta é que a natureza dos escritos bíblicos difere totalmente da natureza desses outros antigos escritos, e é *isso que os torna eminentemente mais plausíveis*.

Permita-me explicar. Em outras antigas histórias de milagres, é óbvio que não se trata de relatos de testemunhas oculares de acontecimentos históricos; elas nem reivindicam isso. Em vez disso, estamos tratando claramente ou de (1) lendas ou mitos que surgiram e foram repetidamente aumentados – como cracas que crescem em navios – no decurso de vários séculos, ou (2) eventos históricos originalmente pouco notáveis que, subsequentemente, foram enfeitados com pequenos detalhes sobrenaturais e que, embora realmente

surpreendentes, são praticamente desprovidos de fundamento. Com isso, quero dizer que esses eventos sobrenaturais nessas histórias não parecem essenciais à própria história; a história faria perfeitamente sentido sem os pedaços sobrenaturais, o que sugere que esses detalhes foram acrescentados mais tarde, a fim de gerar maior efeito. O ponto é que, em ambos os casos, os historiadores podem olhar para essas histórias antigas e concluir, de forma segura, que os detalhes milagrosos não são históricos. Ou são mitos e lendas que foram elaborados com o passar do tempo, ou são "enfeites" supérfluos acrescentados para surtir maior efeito. Mas, decididamente, não são relatos de testemunhas oculares de eventos sem os quais toda a história não faria sentido.

Essa, porém, é *exatamente* a característica dos relatos de milagres na Bíblia. Não são nem mitos nem lendas. Não foram aumentados nem elaborados no passar dos séculos. Resultam de alguém ter dito: "Eu vi isso, e não faz muito tempo". Não somente isso, mas os milagres relatados na Bíblia são essenciais às histórias ali contadas. Por exemplo, os milagres de Jesus não foram apenas coisas maravilhosas que aconteceram. Quando você os estuda, percebe que, até seu cerne, eles estavam conectados à mensagem que Jesus proclamava. Isso porque Jesus cura as pessoas em vez de apenas tirar um coelho de um chapéu; ele está ilustrando que pode curar as pessoas da doença do pecado. Porque ele ressuscita pessoas da morte em vez de fazer uma moeda desaparecer em sua manga; ele mostra como sua obra traz vida espiritual da morte espiritual. Até mesmo andar sobre a água não era um truque de salão de festa; seus discípulos reconheceram que isso confirmava sua assertiva de ser o grande "Eu Sou", Aquele que traz em submissão o oceano – o antigo reino do caos e do mal –, Aquele que, conforme diz o Salmo, é "mais poderoso do que o bramido das grandes águas, do que os poderosos vagalhões do mar" (Sl 93.4). As histórias de milagres das outras religiões e culturas não se parecem em nada com isso.

Dá para enxergar o ponto? Os milagres da Bíblia não são supérfluos ou alheios às histórias em que os encontramos; pelo contrário, são essenciais a elas, tecidas com seu DNA no verdadeiro significado. Além do mais, em vez de serem lendas ou mitos elaborados no passar do tempo, são relatos de testemunhas oculares, de pessoas reais que disseram ter visto tudo aquilo com os próprios olhos. De qualquer modo, os relatos bíblicos de milagres diferem totalmente dos mitos gregos ou babilônicos, e exigem toda uma espécie diferente de avaliação.

Tudo isso nos deixa com uma conclusão bastante significativa quanto aos milagres relatados na Bíblia: eles não podem ser expulsos do jogo por serem logicamente impossíveis, e são muito mais plausíveis do que outras histórias de "milagres" que correm por aí. Ainda assim, eu me pergunto se ainda podemos prosseguir. Podemos chegar a outro nível de confiança, que nos permita afirmar não somente que é *plausível* o que os autores bíblicos informam ter realmente acontecido, mas que também é historicamente *provável* que eles o tenham feito?

Penso que sim.

Tudo repousa na ressurreição

Ora, a esta altura, temos duas escolhas quanto a como proceder. Podíamos começar com um estudo exaustivo das dezenas de milagres realizados por Jesus no decorrer de seu ministério e ver o que podemos dizer sobre cada um. Na verdade, muitos livros fizeram exatamente isso, e suas conclusões muitas vezes são criteriosas e bastante convincentes (veja o Apêndice). Ou poderíamos ir direto ao milagre único, que é a base de toda a fé cristã e a ela deu início, aquela sobre a qual toda a superestrutura da história, da fé e da prática cristã repousa – na verdade, aquela segundo a qual a fé cristã crê que a Bíblia é a Palavra de Deus. Trata-se da ressurreição de Jesus.

Eis o que você realmente não pode evitar. Se aconteceu a ressurreição, então o resto da superestrutura fundamental do cristianismo se encaixa como

um relógio, inclusive a autoridade da Bíblia – tanto do Novo Testamento quanto do Antigo. Se *não* aconteceu, então não se preocupe com nada disso, porque, se nossos confiáveis escritores bíblicos estão errados quanto à ressurreição – o mais importante de *tudo* –, então é improvável que estivessem certos quanto a qualquer outra coisa. Além do mais, não importaria mais se eles estavam certos quanto ao resto, porque o ponto crucial de tudo – dos milagres, do ensino, das reivindicações – é demonstrar a identidade de Jesus como o Cristo e, se ele ainda estiver morto, então não é o Cristo e, portanto, o resto também não tem importância, ponto final. A totalidade do cristianismo emerge ou esmorece na questão de Jesus, *historicamente* – não apenas religiosa ou espiritualmente, mas *historicamente* –, ter ressurgido da morte.

Os escritores bíblicos achavam que sim. Eles não estavam iludidos, não estavam tentando perpetrar um embuste nem estavam escrevendo uma lenda. Estavam contando conforme viram, ouviram, tocaram e experimentaram isso, e eles queriam genuinamente que seus leitores cressem nisso também. Tudo bem. Mas podemos estar seguros de que eles estavam certos a esse respeito?

Sim, podemos. Mas como?

Por que eles creram que Jesus ressuscitou?

Vamos começar perguntando o óbvio. Em sua própria narrativa, em primeiro lugar, o que fez com que os escritores bíblicos – e os primeiros cristãos, mais amplamente – cressem que Jesus havia sido ressuscitado? De acordo com seu próprio testemunho, tal crença realmente teve dois fundamentos: (1) sua descoberta, no domingo de manhã, de que o túmulo no qual Jesus fora colocado depois de sua morte estava vazio e (2) sua experiência de Jesus aparecendo a eles após a sua morte múltiplas vezes na forma física.

Ora, é importante reconhecer algumas coisas sobre essas experiências. Em primeiro lugar, os autores estavam decididos a negar o que viram quando Jesus apareceu a eles, achando que seria algo fora do corpo (ou seja, sem

corpo físico), como um fantasma ou coisa parecida. Assim, Lucas teve o cuidado de ressaltar que, na primeira vez que Jesus apareceu aos discípulos após sua ressurreição, eles realmente pensaram que ele era um fantasma, até que Jesus os convidou a tocá-lo: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho", disse ele. E, em seguida, comeu um pedaço de peixe assado, provando seu ponto (Lc 24.39). (Interessante que esse relato menciona que o peixe era assado, não é mesmo? O que o fato de o peixe ser assado, em vez de grelhado, ensopado ou frito, tem a ver com o resto? Nada. É apenas um dos detalhes que uma lenda provavelmente não incluiria e, sutilmente, isso sugere que realmente se tratava do testemunho de alguém que presenciou os fatos e estava lá.)

Mas não foi apenas isso; os discípulos fizeram um grande esforço para ressaltar que essa pessoa que lhes apareceu *era o mesmo Jesus que havia morrido na cruz*, e não outra pessoa qualquer. "Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente", disse Jesus a Tomé (Jo 20.27). Não era um fantasma; não era outra pessoa. Os apóstolos insistiram que o Jesus que viram era o mesmo que fora crucificado.

Também é importante entender que nem o túmulo vazio nem as aparições por si sós teriam dado a espécie de certeza quanto à ressurreição que os apóstolos acabaram demonstrando. Se tudo que tivessem fosse o túmulo vazio, certamente teriam ido embora coçando a cabeça, duvidosos de que Jesus tivesse voltado a viver. Alternativas demais poderiam ter explicado isso: ladrões de túmulos, mais alguma humilhação por parte dos romanos, um erro na localização da sepultura, qualquer coisa!

Ao mesmo tempo, apenas ver Jesus não teria surtido esse resultado. Novamente, havia muitas outras explicações: um fantasma, uma aparição, um impostor, qualquer coisa! Enquanto um cadáver em decomposição pudesse ser produzido do túmulo, certamente ninguém poderia chamar essa coisa toda de ressurreição.

Mas juntar os dois fatos – o túmulo vazio e as aparições de Jesus – era o suficiente para criar uma explosão nuclear na realidade dos discípulos. O túmulo estava vazio porque Jesus estava vivo. "Ele não está aqui", disse o anjo, "mas ressuscitou" (Mt 28.6). Esse era seu testemunho. Essa foi a razão para eles acreditarem, e a razão pela qual acabaram morrendo por sua fé em que Jesus realmente ressuscitou da sepultura. Ora, você pode dizer que não acredita neles; pode dizer que o que aconteceu, naquele domingo pela manhã, não foi *isso*. Mas, se você for agir assim, terá de oferecer uma alternativa. Se não foi a ressurreição, o que foi então que *aconteceu*?

Nada mais explica isso

Veja bem, a única coisa que você não pode fazer (pelo menos não com honestidade intelectual) é fingir que *nada* aconteceu. Está bem claro que *algo ocorreu*, porque criou ondas de choque pelo mundo inteiro e por toda a história nos últimos dois mil anos. Ainda que tenha sido apenas na vida daqueles discípulos, o que aconteceu os levou a restruturar toda a sua compreensão de mundo. Eles passaram a crer que esse Jesus crucificado era o Messias havia muito esperado na esperança judaica, que ele era o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus que levou sobre si os pecados do mundo, as primícias de uma nova criação, que começava com seu próprio povo redimido, o Rei dos reis, que, finalmente, iria salvar seu povo para sempre, reconstruindo o mundo e fluindo de sua própria vida na ressurreição. Como eles creram nessas coisas, rearranjaram suas vidas de modo a proclamar essa descoberta: abandonaram suas carreiras, deixaram seus lares e se recusaram a abrir mão dessas crenças, ainda que (de acordo com a tradição) eles fossem, um a um, decapitados, crucificados, empalados com lanças, esfolados e apedrejados.

Alguma coisa aconteceu para causar isso tudo.

Ou é verdade que Jesus realmente ressurgiu da morte ou aconteceu alguma outra coisa poderosa o suficiente para fazer com que os discípulos – todos, de

imediato – abraçassem essas crenças e reorganizassem suas vidas a fim de proclamá-la, até mesmo em face de martírios horrendos. Então, esta é a última questão: Alguém sugere alguma alternativa que tenha o poder de explicar tudo isso que aconteceu? Com certeza, muitas pessoas têm tentado.

Talvez as mulheres tenham ido ao túmulo errado, cometendo um erro. Talvez. Mas, então, por que — quando a crença de que este Jesus havia ressuscitado se espalhava pela cidade como fogo – as autoridades simplesmente não produziram um cadáver no túmulo *certo*? Certamente, eles sabiam onde estava, uma vez que a guarda romana colocava um selo no lugar. Além disso, como eu já disse, o simples relato de que o túmulo estava vazio não teria criado fé na Ressurreição. Jesus também *apareceu* para os discípulos, vivo! Foi isso que eles (confiabilidade) nos disseram. Se você vai dizer que eles estavam errados, tudo bem. Mas o que – se não foi isso – realmente aconteceu?

Está certo, talvez Jesus realmente não tenha morrido, mas *quase* morreu, eventualmente escapou do túmulo e fez o caminho de volta para onde seus discípulos estavam escondidos. Talvez. Mas por que… na verdade, não, não existe talvez. Isso é absurdo! Estamos realmente pensando na possibilidade de que Jesus, de alguma forma, conseguiu sobreviver à crucificação e caminhou, cambaleante e ferido, crucificado, espetado por uma lança e, agora, já desidratado e faminto, até a presença de seus discípulos e os convenceu, assustados e céticos como estavam, de que ele era o Senhor da vida e o Conquistador da morte? Não, isso tudo é altamente improvável, eu diria. Eles não teriam saído para pregar a esse respeito. Àquela altura, eles teriam procurado um médico para ele!

Tudo bem, está certo, talvez os discípulos tenham roubado o corpo, afirmando, em seguida, que Jesus havia ressuscitado dos mortos; esse talvez fosse o embuste mais bem-sucedido de toda a história mundial. Mas não, como já dissemos, ninguém morre por um embuste. Se você está tentando enganar a todos, quando está preso e o machado está prestes a cair – ou os

pregos estão prestes a perfurar seus pulsos, ou eles estão prestes a jogar óleo fervente ou estão prestes a atirá-lo do alto do templo –, não continua insistindo: "Eu digo a você, o homem está vivo!". A única explicação para insistir em sua história nessas circunstâncias é quando *você realmente crê que tudo isso é verdade*.

Bem, talvez os discípulos fossem vítimas de alucinação coletiva. Não, já discutimos bastante essa sugestão. Como muitos grupos diferentes de pessoas relataram ter visto Jesus, muitas vezes, por várias semanas, a hipótese de uma alucinação coletiva e contagiosa não se sustenta, pois é totalmente improvável. É claro que essa ideia de "alucinação coletiva" é absurda em si mesma.

Talvez, então, eles tenham sido dominados por um sonho, uma visão, uma experiência mística ou mesmo por um profundo e celestial sentimento de perdão e de uma nova vida espiritual. Quem sabe é isso que queriam dizer ao usar o termo *ressurreição*, e não a ideia grosseiramente literal de que Jesus realmente se levantou do túmulo? Em outras palavras, talvez todas as histórias do Novo Testamento sejam apenas uma grande metáfora para as verdades espirituais, sem a intenção de serem levadas a sério, literal ou materialmente.

Não, o fato é que, acima de tudo, os relatos da ressurreição simplesmente não apresentam características de metáfora espiritual; têm as características, sim, do testemunho ocular relativo a eventos que se passaram materialmente na história, e demandaria muito esforço ofuscar os olhos e não enxergar isso. Além do mais, nenhum judeu do século I usaria a palavra *ressurreição* para descrever um sonho, uma visão ou uma experiência mística, muito menos um "sentimento" de qualquer espécie. *Ressurreição* significa a volta literal e física do corpo à vida. Verdade, ninguém esperava que isso acontecesse até o fim dos tempos, quando, então, todos os mortos ressuscitarão juntos para enfrentar o juízo, mas isso surpreendeu a eles Jesus ter feito isso tão cedo. Não obstante, essa palavra não podia ser usada para descrever qualquer coisa senão voltar corporalmente da morte – e foi por isso que a usaram em relação

a Jesus. Finalmente, o mundo judaico do século I não desconhecia sonhos, visões ou experiências religiosas de êxtase, nem era desconhecedor de supostos Messias a quem as autoridades matavam. Com esse pano de fundo, é impensável que um mero sonho, uma visão ou uma experiência mística, menos ainda um sentimento – ainda que estivesse associado a um "Messias" executado –, pudessem dar vazão a um tipo de crença duradoura que transforma a visão do mundo, na fé em que Jesus ressuscitou – fé que marcou os primeiros cristãos e foi decisiva para a determinação que tiveram até a morte.

Bem, talvez todos tenham sido vítimas de um caso severo de pensamento ilusório. Quem sabe eles quisessem tanto ter Jesus a seu lado que se enganaram a ponto de acreditar nele. Repito novamente: não. Como já dito, a resssurreição era a última coisa que os discípulos iriam desejar. Que ele não tivesse morrido de verdade ou que estivesse "espiritualmente" vivo ou até mesmo que o tivessem ressuscitado da morte, talvez. Mas eles não esperavam que ele passasse pela morte e saísse do outro lado vivo e glorificado assim. Como judeus do primeiro século, nada na história do pensamento e da religião teria plantado em suas mentes a noção da ressurreição do fim dos tempos de uma única pessoa antes do final dos tempos. Além disso, os relatos que temos não apresentam os discípulos como pessoas intelectualmente preparadas para crer que Jesus tivesse ressuscitado. Ao contrário, muito antes de eles crerem, descreram, a ponto de o Jesus ressuscitado ter de admoestá-los a esse respeito. Não, os discípulos não estavam preparados psicológica, religiosa ou culturalmente para uma ressurreição. Tudo acabou explodindo em sua percepção e eles travaram uma luta interna para explicar o que isso queria dizer.

Conforme eu disse, algo aconteceu naquele domingo pela manhã. Simplesmente não há como negar esse fato. Agora, eu pergunto: o que foi? Não foi um engano, não foi uma *quase-morte*, não foi um embuste ou uma ilusão, nem uma alucinação coletiva, um sonho, uma visão ou um sentimento

místico de perdão, tampouco um pensamento ilusório – nada disso. E, se não foram essas coisas, o que foi então?

Quando se chega ao âmago da questão, as evidências diante de nós – a confiante insistência dos primeiros cristãos de que a sepultura estava vazia e que viram Jesus ressuscitado, a fé transformadora de vida que fluiu dessas experiências, a resoluta aceitação de sua fé, mesmo quando confrontados com a morte – só se explicam por uma possibilidade: Jesus realmente ressuscitou, de verdade, corporal e historicamente. Ele ressurgiu da morte.

Implicações de um Jesus ressuscitado

Quase nem adianta dizer, mas isso tudo não é algo pelo qual simplesmente passamos correndo, ignorando, não é? É de suma, até mesmo de eterna, importância. Então, ao fechar este capítulo, quero entregar a página a um conhecido acadêmico, N. T. Wright, que elaborou a conclusão dessa questão de um modo que muito ajuda. Leia devagar, leia cuidadosamente e pense em tudo isso mais uma vez:

> [Que Jesus tenha ressurgido] permanece, é claro, mas não é provável em termos lógicos ou matemáticos. O historiador nunca estará em posição de que essa história seja absolutamente descartada; a história, afinal, é principalmente o estudo do não usual e impossível de se repetir. Estamos em busca da alta probabilidade; e isso se atinge ao examinar todas as possibilidades, todas as sugestões, e perguntar quão bem explicam os fenômenos. Sempre será possível que, ao discutir a ressurreição, alguém apresente o sonho do crítico cético: uma explanação que ofereça condição suficiente para o surgimento da fé cristã primitiva, mas que, ao colocá-la em categorias epistemológicas e ontológicas pós-iluminismo, ou mesmo simplesmente em categorias pagãs comuns, não cause agitação entre os críticos. É digno de nota que, a despeito das tentativas um tanto desesperadas de muitos

> acadêmicos nos últimos duzentos anos (sem mencionar os críticos pelo menos desde Celso), não se encontra explicação para isso. Os primeiros cristãos não inventaram o túmulo vazio e os "encontros" ou "visitas" de Jesus ressurreto a fim de explicar uma fé que já possuíam. Eles desenvolveram essa fé devido ao que ocorreu, levando em conta a convergência desses dois fenômenos. Ninguém esperava esse tipo de coisa, nenhuma espécie de experiência de conversão teria gerado ideias dessa natureza; ninguém as teria inventado, por mais culpados (ou perdoados) que se sentissem, não obstante quantas horas gastaram estudando as Escrituras. Sugerir outro modo seria parar de fazer história e entrar em nosso próprio mundo de fantasia, uma nova dissonância cognitiva em que o implacável modernista, desesperadamente preocupado com a possibilidade de que a cosmovisão pós-iluminista represente o iminente perigo de entrar em colapso, inventa estratégias para escorá-la de qualquer jeito. Em função do tipo de prova que os historiadores normalmente aceitam, o caso que apresentamos, da combinação das aparições e do túmulo vazio, foi o que gerou a fé cristã inicial, a qual é tão impermeável quanto seja possível encontrar.[37]

Trilhamos um longo caminho em nossa consideração quanto a se realmente podemos confiar na Bíblia, não é mesmo? A despeito do fato de que enfrentamos perguntas a toda hora, chegamos a um alto grau de segurança histórica de que a Bíblia realmente é confiável.

Eis o que já vimos: nossas traduções são corretas; as cópias que temos em mãos são reproduções fiéis dos originais (ou, pelo menos, permitem-nos reconstruí-los); os documentos que estamos examinando são os melhores e mais corretos; os próprios autores não foram enganados nem enganadores, tampouco escritores de ficção (eles nos estavam contando o que realmente criam ter acontecido); e, finalmente, temos razões muito sólidas para crer que

o que eles pensaram e disseram que aconteceu realmente aconteceu. Os milagres que relatam, a princípio, não podem ser descartados, e sua plausibilidade ultrapassa em muito quaisquer outros relatos históricos sobre eventos sobrenaturais. Acima de tudo, quando chegamos ao mais importante milagre de todos – a ressurreição de Jesus –, nenhuma explicação realmente faz sentido diante de todas as evidências, exceto reconhecer que tudo realmente aconteceu.

Eis-nos aqui, em nosso último passo da argumentação. Se a ressurreição aconteceu, então nossa confiança na Bíblia é arremessada para um nível totalmente novo de confiança, um nível que vai muito além da natureza meramente histórica. Se Jesus realmente ressurgiu da morte, então a Bíblia é a Palavra de Deus.

---

35. Para este capítulo, recorri especialmente a Craig L. Blomberg, *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2014); N. T. Wright, *The Resurrection of the Son of God*, v. 3 de *Christian Origins and the Question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003).

36. Gotthold Ephraim Lessing, "On the Proof of the Spirit and of Power", in *Philosophical and Theological Writings*, ed. H. B. Nisbet, *Cambridge Texts in the History of Philosophy* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), 87.

37. N. T. Wright, The Resurrection of the Son of God, vol. 3 of *Christian Origins and the Question of God* (Minneapolis: Fortress, 2003), 706–7.

Capítulo 7

TOME-A COMO A PALAVRA DE UM HOMEM QUE RESSUSCITOU

De algumas formas, eu realmente desejaria que este livro terminasse com o capítulo anterior. Queria que o peso de tudo repousasse no que acabamos de discutir, porque creio que esta é a mais importante reivindicação da verdade na história humana: o fato de podermos explicar melhor as evidências de que Jesus realmente ressuscitou corporalmente do túmulo. Assim, embora eu espere que você leia o restante do livro, também espero que se sinta cativado e fascinado por essa conclusão e por suas implicações. O que significa, de fato, Jesus ter ressuscitado? O que você necessita fazer em resposta a essa realidade?

Como este livro tem por título *Por que confiar na Bíblia?*, e não *Por que confiar que Jesus ressuscitou?*, devemos conduzir essa pergunta até sua conclusão. No decorrer deste livro, falamos sobre os documentos bíblicos – especialmente do Novo Testamento e dos quatro Evangelhos – como *documentos históricos*. Ao fazermos isso, não partimos do pressuposto de que seriam divinos ou de que, de qualquer modo, teriam vindo da parte de Deus. Igualmente, não partimos do pressuposto de que fossem a Palavra de Deus ou a verdade inerrante. De fato, assim como faríamos com qualquer outro documento que encontrássemos enterrado nas ruínas de um vilarejo antigo, levamos em conta as possibilidades de os documentos bíblicos não serem confiáveis como testemunhos históricos. Mas, a cada virada, também concluímos, com alto grau de segurança histórica, que, *de fato*, parecem

confiáveis – de nossas *traduções* à *transmissão* dos documentos originais pelos copistas ao longo da história, à recepção *desses* documentos, em oposição a quaisquer outros como detentores de autoridade, até chegarmos à confiabilidade dos próprios autores e à própria verdade daquilo que escreveram. Do começo ao fim, criamos uma forte corrente de confiança de que a Bíblia é verdadeira como testemunho da história.

Mas, quando nós, cristãos, afirmamos confiar na Bíblia, não estamos dizendo apenas que temos forte confiança histórica nela. Estamos dizendo muito mais que isso. Estamos dizendo que cremos ser a Palavra de Deus, inspirada pelo Criador do universo, de modo que é verdade absoluta e infalível em tudo o que diz. Eis, por exemplo, como a "Declaração de Fé" de minha igreja trata o assunto:

> Cremos que a Bíblia, especificamente os trinta e nove livros do Antigo Testamento e os vinte e sete livros do Novo Testamento, é a Palavra escrita de Deus; que foi escrita por homens divinamente inspirados, e é o tesouro perfeito de instrução celestial; que tem Deus como seu autor, a salvação, como sua finalidade, e a verdade, sem mistura de erro, como sua matéria; que revela os princípios pelos quais Deus nos julgará; e, portanto, é e permanecerá até o fim do mundo, o verdadeiro centro da união cristã e a autoridade contínua de todo o entendimento salvífico, de fé e de obediência.[38]

Todos que são membros de nossa igreja creem que a Bíblia – Novo Testamento *e* Antigo Testamento – é "a Palavra escrita de Deus", que foi escrita por homens "divinamente inspirados", que é um "tesouro perfeito de instrução celestial", que "tem Deus como autor" e que, por natureza, é a "verdade, sem nenhuma mistura de erro". Obviamente, tudo isso vai muito além de segurança histórica!

Não dispomos de tempo nem de espaço aqui para pensar cuidadosamente em tudo o que os cristãos querem dizer com isso. Tópicos como *inspiração* e *inerrância* demandam livros específicos sobre cada assunto (veja o Apêndice). O que importa para nosso propósito é que entendamos, em primeiro lugar, por que os cristãos dizem todas essas coisas exaltadas a respeito da Bíblia. Em termos simples, é porque Jesus ressuscitou dos mortos. Por causa da ressurreição de Jesus, cremos no que ele disse e, como o próprio Jesus endossou todo o Antigo Testamento e autorizou todo o Novo, cremos que suas palavras são confiáveis e verdadeiras. É isso.

O Messias ressurgirá da morte

Para os cristãos, a ressurreição significa muitas coisas importantes. Significa que aqueles de nós que estão unidos a Jesus pela fé serão ressuscitados, assim como ele foi. Significa que Deus aceitou plenamente o sacrifício pelos pecados que Jesus ofereceu na cruz e que este foi infinitamente mais que suficiente para pagar essa dívida. Significa que agora Jesus vive para guiar, governar, proteger, interceder por seu povo e fazer o bem para seu povo que ainda está vivo sobre a terra. Também significa que Deus ratificou, endossou, vindicou e confirmou tudo o que Jesus disse sobre quem ele era e que espécie de autoridade possui. Não é um ponto difícil de compreender. Como todos os outros milagres, a ressurreição de Jesus não foi um acréscimo supérfluo à história ou um detalhe necessário para garantir um bom final. Quando Jesus falava a esse respeito, ele sempre fazia uma conexão justa com sua reivindicação quanto à sua identidade. Mateus, por exemplo, nos diz que Jesus predisse sua morte e ressurreição três vezes, perto do final de seu ministério, e, a cada vez, ele apresentava isso como *a culminação necessária e confirmadora de sua identidade como o Cristo*. Vejamos essa três predições.

Primeiro, Jesus perguntou a seus discípulos quem eles achavam que ele era, e Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo" (Mt 16.16). Ora, essa frase carrega um mundo de significados, mas, essencialmente, Pedro

estava afirmando que Jesus era o Messias há muito tempo prometido, profetizado e aguardado (ou seja, "o ungido" e, portanto, o Rei) de Israel, e que também era o Filho de Deus (ou seja, era Deus). Ao ouvir isso, Jesus regozijou-se e disse a Pedro que ele era abençoado por haver tido tal conhecimento revelado por Deus Pai. Então, Jesus começou a agir como o Rei que Pedro acabara de reconhecer. Ele estabeleceu sua igreja – sua embaixada real no mundo – e prometeu que a protegeria e lhe daria poder para sua missão. Ele deu autoridade a essa embaixada para falar em seu nome e, depois, começou a ensinar aos discípulos o que realmente significava o fato de ele ser o Rei, o Messias, o Cristo. Assim, Mateus (lembre-se, ele estava lá!) conta-nos o seguinte:

> Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. (Mt 16.21)

Observe a forma como Mateus inicia: "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos". Aparentemente, essa não foi uma conversa única, mas parte básica do ensinamento de Jesus daquele momento em diante. Observe também a expressão "era necessário". Era necessário que ele fosse a Jerusalém, sofresse e fosse morto, e "era necessário" que ele ressuscitasse da morte no terceiro dia. Note agora a palavra "mostrar". O que significa? Que ele começou a "mostrar" a eles que tudo isso teria de acontecer? Mostrar-lhes a partir do quê? Da lógica? Da razão? Não, isso quer dizer que ele mostrou das Escrituras, do Antigo Testamento. Você entende esse ponto? O papel, a missão e, portanto, o destino do Messias não eram alguma coisa "a ser determinada": estava tudo bem-definido no Antigo Testamento, dizia Jesus. Uma das coisas que o verdadeiro Messias *faria* era ressuscitar. "O Messias ressuscitará da morte", dizia Jesus. "Então, se eu não ressurgir dos mortos,

então não sou o Messias. Mas *eu vou* ressuscitar. Portanto...". Você entendeu o sentido.

Jesus predisse sua morte uma segunda vez, alguns dias depois, e dessa vez ele a associou a outra profecia sobre o Messias no Antigo Testamento. Eis como Mateus relata essa passagem:

> Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens. (Mt 17.22)

Aparentemente, *Filho do Homem* era a forma favorita de Jesus se referir à sua identidade, mas isso não quer dizer "um filho *de um* homem", o que descreveria muitos de nós. Pelo contrário, ele tomou o título do profeta Daniel, do Antigo Testamento, que teve uma visão do que ele chamou de "um como o filho do homem". Ora, isso significa simplesmente que aquele que Daniel via parecia humano. Mas observe o que Daniel diz que "um como um filho do homem" fez:

> Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres... Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído (Dn 7.7;13-14).

Era a isso que Jesus se referia ao chamar a si de Filho do Homem. Esse título gigantescamente significativo apontava não somente para sua autoridade real, mas também para sua própria divindade. Mais importante para nossos propósitos, porém, é notar como Jesus ligava todas essas alusões especificamente à ressurreição em Mateus 17.22. Não, aqui ele não usa a expressão *tem de*, mas o efeito é o mesmo. Está dizendo: "Assim como o Antigo Testamento profetizou, o Filho do Homem está prestes a ser morto e, então, ressuscitará novamente no terceiro dia. Se isso não acontecer, então eu não sou o Filho do Homem. Mas eu sou o Filho do Homem, e tudo isso está prestes a acontecer".

A terceira vez que Jesus predisse sua ressurreição foi pouco antes de ir para Jerusalém, alguns dias antes de sua crucificação. Eis como Mateus relata o que ele disse:

> Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá. (Mt 20.17-19)

Realmente aqui não há muita novidade. Jesus destaca o mesmo ponto da predição anterior: "Porque eu sou o Filho do Homem, isso está prestes a acontecer". Você vê? Jesus sempre conectou sua ressurreição com sua identidade. Se isso aconteceu, é porque ele era o Messias, o Cristo, o Rei, o Filho do Homem. Se não – bem, então, não tem importância. Depois da ressurreição, os apóstolos fizeram o mesmo. O sermão de Pedro, em Atos 2, é bem claro quanto a isso. Eis o que ele disse:

> Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os

> quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela. Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença. Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus, Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel, de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. (At 2.22-36)

Dá para entender o que ele está dizendo? Eis a essência: "Vocês mataram Jesus, mas Deus o levantou novamente para a vida porque era impossível a morte prendê-lo. Por quê? Porque Davi disse que Deus não permitiria que o Messias visse a corrupção da morte. Ora, Davi não *poderia* estar falando de si

mesmo como Messias, porque ele morreu e foi sepultado, e nós sabemos onde é seu túmulo até hoje. Então, ele devia estar falando de um Messias futuro. Bem, adivinhem o que aconteceu? Deus levantou este Jesus – todos nós somos testemunhas oculares desse fato. Assim, como o Messias seria levantado, e como Jesus ressuscitou, *que toda a casa de Israel saiba com certeza que Deus fez a este Jesus – a quem vocês crucificaram – tanto Senhor quanto Cristo*".

Pedro não podia ser mais claro. Jesus havia ressuscitado e, portanto, Jesus era o Cristo, assim como dissera.

O que significa a Ressurreição para o Antigo Testamento?

Mas o que a ressurreição de Jesus e sua autoidentificação como o Cristo têm a ver com a Bíblia? Tudo. O Antigo Testamento ensinava que a autoridade do Messias englobaria tudo, seria multifacetada, universal e absoluta. Ele dominaria todas as áreas da vida e da existência. Mas uma área em especial em que ele teria autoridade era no *falar da parte de Deus Pai*. Em outras palavras, ele seria profeta *par excellence*. Deus até mesmo disse que enviaria um profeta como Moisés e prometeu: "Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.18). Isso porque Jesus podia dizer algo ousado como: "Em verdade, em verdade, vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz" (João 5.19). E por isso João diria sobre Jesus: "Pois o enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida" (João 3.34). O Cristo era também *o* Profeta, Aquele que revela perfeitamente quem é Deus e o que Deus diz. Entendendo isso, é surpreendente ver como Jesus – o Cristo, o Profeta, Aquele que tem perfeita autoridade para falar da parte de Deus – tratava do

Antigo Testamento em todo o seu ministério. Tome, por exemplo, o relato de Lucas sobre o que Jesus disse a seus discípulos depois da ressurreição:

> A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. (Lc 24.44)

Ora, os judeus frequentemente usavam um termo mais curto para se referir aos livros de seu Antigo Testamento: ou "a Lei, os Profetas e os Escritos" ou simplesmente "a Lei e os Profetas". Assim, quando Jesus falou sobre "a Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (o livro dos Salmos representando os Escritos, como o maior livro dessa coleção) terem de ser cumpridos, estava endossando e ratificando a autoridade de todo o Antigo Testamento, do começo ao fim. (Incidentalmente, ele também definia o escopo do cânone do Antigo Testamento como os trinta e nove livros tradicionalmente reconhecidos pelos judeus.) Mas o testemunho de Jesus quanto ao Antigo Testamento vai ainda mais fundo. Não somente ele o considerava autoridade, como também disse que era a própria Palavra de Deus. Veja esta passagem de Mateus 19.

> Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. (Mt 19.3-6)

A história aqui é que alguns dos líderes de Israel estavam perguntando a Jesus sobre seu entendimento da Escritura. Está claro que eles não estavam

muito interessados no que ele tinha a dizer; eles queriam era pegá-lo em uma armadilha para desacreditá-lo. Como ocorreu esse diálogo em si é fascinante, mas eu quero que você entenda que Jesus identificou o que dizia "Portanto, deixa o homem seu pai e sua mãe" como "aquele que os criou". O interessante é que, se você olhar para trás, para Gênesis, notará que a frase não foi atribuída a Deus. Pelo contrário, é um comentário sobre essa situação pelo *autor humano* de Gênesis. Mas aqui está o ponto: Jesus entendia até mesmo as partes do Antigo Testamento nas quais Deus não estava falando como as *palavras de Deus*.

Podemos ver o mesmo em Marcos 12.36, onde Jesus cita um salmo escrito por Davi, mas inicia assim: "O próprio Davi, pelo Espírito Santo, declarou..." Veja só! Do começo ao fim, Jesus, o Messias, endossou e confirmou que toda palavra do Antigo Testamento era a Palavra de Deus e, portanto, era a verdade do começo ao fim. Foi esse o caso em seu ensino sobre Deus, e, de acordo com Jesus, era também o caso de suas reivindicações históricas. Em algum ponto nos quatro Evangelhos, Jesus fala e trata como historicamente corretas todas as pessoas e histórias do Antigo Testamento: Adão e Eva, Caim e Abel, Noé, Abraão, Sodoma e Gomorra, Isaque, Jacó, Moisés, o maná caindo no deserto, a serpente de bronze, Davi e Salomão, a Rainha de Sabá, Elias e Eliseu, a viúva de Sarepta, Naamã, Isaías, Jeremias, Zacarias e até Jonas sendo engolido por um peixe gigante. Ele cria em tudo isso em todos os detalhes. Isso é importante porque ele era o Cristo.

Ora, às vezes as pessoas tropeçam neste ponto dizendo: "Mas Jesus não *corrigiu* alguns lugares do Antigo Testamento? Ele não achava que alguns lugares estavam errados ou eram inadequados, e mandou seus seguidores crerem em outra coisa diferente?". Bem, não. Havia ocasiões em que Jesus dizia coisas como: "Ouvistes o que foi dito... eu, porém, vos digo...". Não temos tempo para examinar em detalhes essas ocasiões (você poderá encontrar explanações completas em qualquer bom comentário da Bíblia), mas precisamos reconhecer que, em cada um desses pontos, Jesus não estava

corrigindo o Antigo Testamento. Ele estava corrigindo as tentativas erradas, falsas e até maliciosas por parte dos fariseus de fugirem do verdadeiro significado do Antigo Testamento ou de formularem exceções absurdas para si mesmos. Longe de corrigir o Antigo Testamento, Jesus estava realmente exercendo sua autoridade profética de rei, de *dizer o que o Antigo Testamento realmente dizia em primeiro lugar*, ou seja, reafirmando seu poder, sua autoridade e a verdade na vida dos israelitas. Assim, ele explicou pouco antes de começar seu famoso Sermão do Monte: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir" (Mt 5.17).

É claro que ainda haverá perguntas sobre a hermenêutica e a interpretação, como devemos entender isso e como isso se encaixa na vida cristã, as alianças e as dispensações e tudo o mais. Além disso, o Antigo Testamento apresenta suas próprias questões singulares no que diz respeito à transmissão, à canonização e à autoria, e você pode ler grandes livros escritos por acadêmicos cristãos sobre todos esses tópicos. Mas aqui há algo importante: por que todos esses grandes livros começam com a crença de que o Antigo Testamento é a Palavra de Deus? Porque Jesus, o Messias ressuscitado, disse assim. Portanto, nós cremos nisso.

O que significa a ressurreição para o Novo Testamento?

O que dizer, então, do Novo Testamento? Francamente, as coisas não são tão diretas quando chegamos ao Novo Testamento. Afinal de contas, quando Jesus estava sobre a terra e podia ter confirmado verbalmente a autoridade do Novo Testamento, como fez com o Antigo, o Novo Testamento ainda não havia sido escrito. Assim mesmo, a fé dos cristãos de que o Novo Testamento é a Palavra de Deus também volta até a autoridade de Jesus como Messias ressurreto, mas de um modo ligeiramente diferente. Você lembra quando, no Capítulo 4 deste livro, dissemos que os primeiros cristãos sempre falavam sobre os livros que eram autoridade canônica *entregues* a eles, e que o primeiro e principal critério que adotavam para defender esses livros era sua autoridade

apostólica? A esta altura, entendemos a razoabilidade dessa afirmativa como uma questão histórica; é claro que faz sentido ter maior confiança nos livros que vieram com um selo de aprovação de testemunhas oculares.

Mas esta não é a única – ou mesmo principal – razão para a *apostolicidade* ter sido o principal critério da igreja primitiva para confirmar a autoridade exclusiva desses livros recebidos. A principal razão converge, novamente, para a autoridade de Jesus. Veja, em João 16, que, quando Jesus dava as instruções finais a seus apóstolos, prometeu que, depois de sua ressurreição e ascensão ao céu, enviaria o Espírito Santo para lhes transmitir mais ensinamento que ele desejava que tivessem:

> Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (João 16.12-14)

Essa é uma surpreendente corrente de autoridade que Jesus constrói, não é mesmo? Tudo o que ele tem a dizer vem do Pai (veja nesse ponto, novamente, a autoridade profética), e ele dará tudo o que vem do Pai ao Espírito Santo, que, por sua vez, o declarará aos apóstolos. Está vendo? Jesus diz aos apóstolos aqui que mais ensino virá, e que virá especificamente a eles. É interessante notar como parece que os próprios apóstolos, em seus escritos, entenderam que estavam escrevendo com essa espécie de autoridade. Uma passagem é especialmente importante. Em 2 Pedro 3, o apóstolo Pedro encoraja seus leitores a permanecerem firmes até o fim. Em seguida, diz:

> e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a

> sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. (2 Pe 3.15-16)

Pedro achava os escritos de Paulo "difíceis de entender". Outros cristãos – e não são poucos – têm tido, às vezes, sentimento semelhante! Mas Pedro também diz que Paulo escreveu "conforme a sabedoria que lhe foi dada, como ele faz em todas as suas cartas". Essa não é apenas uma sabedoria regular a que se refere; é uma alusão à promessa de Jesus aos apóstolos de que ele enviaria o Espírito Santo para lhes guiar a toda a verdade. Então, no final, Pedro diz que as pessoas "ignorantes e instáveis" distorcerão as palavras de Paulo de acordo com suas próprias motivações, assim como fazem com as demais Escrituras! Claramente, Pedro estava colocando os escritos de Paulo no mesmo raro nível de autoridade que as Escrituras do Antigo Testamento. Eram o cumprimento exato do que Jesus prometeu fazer por meio do Espírito Santo.

Essa corrente de autoridade explica por que os primeiros cristãos enfatizavam tanto a necessidade de traçar um documento canônico até os apóstolos. Não era apenas o fato de esses homens terem sido testemunhas oculares; eles foram particular e especificamente autorizados pelo Rei a ensinar à igreja o restante do que ele queria que fosse ensinado.

No Capítulo 4, concluímos que podemos estar bastante seguros de que os livros de nosso Novo Testamento são de fato aqueles que portam essa espécie de autoridade. Se você precisar voltar e reler esse capítulo, faça-o. Dispomos de muitas evidências históricas de que, na verdade, temos em mãos os livros certos. Mas vale a pena destacar que, como cristãos, nossa confiança de que o Novo Testamento representa exatamente o que Jesus quis que tivéssemos em mãos não se baseia apenas em evidências históricas; baseia-se também no

entendimento de que uma parte da obra do Espírito Santo de "guiar-vos a toda a verdade" teria incluído dirigir o processo da canonização. Quer dizer, uma vez que se chegue à conclusão de que Jesus ressuscitou da morte e, portanto, é o Rei do universo, basta um salto muito curto para a conclusão de que ele é verdadeiramente capaz de garantir que "toda a verdade" que prometeu fosse reunida corretamente.

Eis, então, o que temos: Se Jesus ressuscitou, então ele é o tão esperado Messias, Cristo, Rei, Filho de Deus e Profeta sobre tudo. E, se isso é verdade, então é melhor prestarmos atenção a ele, inclusive a seu endosso de todo o Antigo Testamento como a Palavra de Deus. Não somente isso; temos também todas as razões para confiar que ele fez exatamente aquilo que prometeu – enviou o Espírito Santo para guiar seus apóstolos em toda a verdade que queria revelar para o bem da igreja – e, então, confiar na obra do Espírito de guiar a igreja ao reconhecer essa verdade.

No final, portanto, a resposta que um cristão dará à pergunta "Por que confiar na Bíblia?" é: "Porque o Rei Jesus, o Ressurreto, endossou o Antigo Testamento e autorizou o Novo". Isso não é uma pressuposição. Não é um salto de fé impensado, de fechar os olhos e pular sem ver. É uma conclusão considerada e construída a partir de uma cuidadosa argumentação de que

1. a Bíblia é historicamente confiável;
2. Jesus ressurgiu da morte; e
3. a Bíblia inteira, portanto, repousa na autoridade de Jesus.

É por isso que cremos nela. É por isso que confiamos nela.

---

38. "What We Believe", Third Avenue Baptist Church acessada em 25 fev. 2015, http://www.thirdavenue.org/What-We-Believe.

UMA PALAVRA FINAL: A PRÓXIMA PERGUNTA

Conforme assinalado no começo deste livro, se você não é cristão, espero que esta discussão o tenha desafiado a pensar sobre os cristãos e a Bíblia de algumas formas que diferem um pouco de como você as considerava no passado. Espero que tenha reconhecido que nós, cristãos, não cremos sem razão nem simplesmente com base em pressuposições não comprovadas. Espero que agora você possa dizer: "Talvez haja mais na fé cristã do que eu pensava inicialmente".

No entanto, espero também que você não deixe de examinar mais o cristianismo. Mesmo que a leitura deste livro tenha aumentado apenas *minimamente* sua crença na confiabilidade da Bíblia, espero que dedique mais tempo e prossiga para a questão seguinte e ainda mais importante, a questão que a própria Bíblia apresenta repetida e preponderantemente: Quem, exatamente, é Jesus? Quem ele disse que era? E por que isso é importante?

No fim, chegar à conclusão de que a *Bíblia* é confiável é realmente um meio para se chegar a outra finalidade: saber que *Jesus* é confiável. Penso que o apóstolo João diz isso bem melhor:

> Estes, porém, foram registrados
> para que creiais que
> Jesus é o Cristo,
> o Filho de Deus,
> e para que, crendo,
> tenhais vida em seu nome.
> (Jo 20.31)

Apêndice

RECURSOS PARA UM EXAME MAIS PROFUNDO

Neste livro, consultei especialmente dois excelentes livros de Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels* (A confiabilidade histórica dos evangelhos) e *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions* (Ainda podemos crer na Bíblia? Um envolvimento evangélico com perguntas contemporâneas). Ambos são excelentes recursos para examinar essas questões com maior profundidade. Além desses, se você quiser examinar as questões discutidas neste livro com mais afinco, recomendo que comece com os seguintes recursos:

Tradução da Bíblia

Blomberg, Craig L. *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2014.

Fee, Gordon D. and Mark L. Strauss. *How to Choose a Bible Translation for All Its Worth: A Guide to Understanding and Using Bible Versions*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007.

Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999.

Transmissão dos manuscritos da Bíblia

Blomberg, Craig L. *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions.* Grand Rapids, MI: Brazos, 2014.

Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. 2nd ed. Stuttgart: United Bible Societies, 2012.

Wallace, Daniel B. *Revisiting the Corruption of the New Testament: Manuscript, Patristic, and Apocryphal Evidence*. Grand Rapids, MI: Kregel, 2011.

Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible.* Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999.

Canonização

Blomberg, Craig L. *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions.* Grand Rapids, MI: Brazos, 2014.

Bruce, F. F. *O cânon das Escrituras.* São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2015

Hill, C. E. *Who Chose the Gospels? Probing the Great Gospel Conspiracy.* Oxford: Oxford University Press, 2010.

Kruger, Michael J. *Canon Revisited: Establishing the Origins and Authority of the New Testament Books*. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translation: The Origin and Development of the Bible.* Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999.

A confiabilidade dos autores bíblicos

Blomberg, Craig L. *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2014.

Blomberg, Craig L. *The Historical Reliability of the Gospels*. 2nd ed. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2007.

Bruce, F. F. *Merece Confiança o Novo Testamento?* São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2010.

Hoffmeier, James K., e Dennis R. Magary, eds. *Do Historical Matters Matter to Faith: A Critical Appraisal of Modern and Postmodern Approaches to Scripture*. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

Milagres de Jesus

Blomberg, Craig L. *Can We Still Believe the Bible? An Evangelical Engagement with Contemporary Questions*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2014.

Keener, Craig S. *Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2011.

A Ressurreição de Jesus

Habermas, Gary R., e Michael R. Licona. *The Case for the Resurrection of Jesus*. Grand Rapids, MI: Kregel, 2004.

Strobel, Lee. *The Case for the Resurrection: A First-Century Reporter Investigates the Story of the Cross*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

Wright, N. T. *A Ressurreição do Filho de Deus, Vol 3* São Bernardo, SP: Editora Academia Cristã, 2013

Questões do Antigo Testamento

Hoffmeier, James K., and Dennis R. Magary (eds.). *Do Historical Matters Matter to Faith? : A Critical Appraisal of Modern and Postmodern Approaches to Scripture*. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

Longman, Tremper, III, e Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament.* 2nd ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006.

Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translations: The Origin and Development of the Bible.* Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1999.

Inspiração e inerrância

DeYoung, Kevin. *Levando Deus a Sério: por que a Bíblia é compreensível, necessária e suficiente, e o que isso significa para você!* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

Kaiser, Walter C., Jr., Peter H. Davids, F. F. Bruce e Manfred T. Brauch. *Hard Sayings of the Bible*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2010.

MacArthur, John (ed.). *The Scripture Cannot Be Broken: Twentieth Century Writings on the Doctrine of Inerrancy.* Wheaton, IL: Crossway, 2015.

Packer, J. I. *"Fundamentalism" and the Word of God: Some Evangelical Principles*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1958.

Sproul, R. C. *Can I Trust the Bible? Crucial Questions Series 2*. Lake Mary, FL: Reformation Trust, 2009.



Sua igreja é saudável? O Ministério 9*Marcas* existe para equipar líderes de igreja com uma visão bíblica e com recursos práticos a fim de refletirem a glória de Deus às nações através de igrejas saudáveis.

Para alcançar tal objetivo, focamos em nove marcas que demonstram a saúde de uma igreja, mas que são normalmente ignoradas. Buscamos promover um entendimento bíblico sobre: (1) Pregação Expositiva, (2) Teologia Bíblica, (3) Evangelho, (4) Conversão, (5) Evangelismo, (6) Membresia de Igreja, (7) Disciplina Eclesiástica, (8) Discipulado e (9) Liderança de Igreja.

Visite nossa página

www.facebook.com/9Marcas



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br